



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE DOUTORADO

JOSENILDO SOARES BEZERRA

**EXPERIÊNCIAS SUBJETIVADORAS NO LIMITE DA PELE:  
UMA ANÁLISE DE PRÁTICAS DISCURSIVAS INSCRITAS EM TATUAGENS**

NATAL – RN  
2014

JOSENILDO SOARES BEZERRA

**EXPERIÊNCIAS SUBJETIVADORAS NO LIMITE DA PELE:  
UMA ANÁLISE DE PRÁTICAS DISCURSIVAS INSCRITAS EM TATUAGENS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, área de Concentração em Linguística Aplicada, como requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Marluce Pereira da Silva

NATAL – RN  
2014

## FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

### Catálogo da Publicação na Fonte

Bezerra, Josenildo Soares.

Experiências subjetivadoras no limite da pele: uma análise de práticas discursivas inscritas em tatuagens / Josenildo Soares Bezerra.- Natal, RN, 2014.

127 f. -

Orientador (a): Profa. Dra. Marluce Pereira da Silva.

Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudo da Linguagem.

1. Discurso - Tese. 2. Tecnologia do Eu - Tese. 3. Subjetividade - Tese.  
4. Transgressão – Tese. 5. Cuidado de Si – Tese. I. Silva, Marluce Pereira da.  
II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. IV. Título.

CDU: 81'42

Bibliotecária: Valéria Maria Lima da Silva CRB15/451

Nome: BEZERRA, Josenildo Soares

Título: Experiências Subjetivadoras no Limite da Pele: Uma Análise de Práticas Discursivas Inscritas em Tatuagens

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem, área de concentração em Linguística Aplicada.

Orientadora: Dra. Marluce Pereira da Silva

Aprovado em: 06/06/2014

---

Profa. Dra. Marluce Pereira da Silva

Orientadora – UFRN

---

Profa. Dr. Onireves Monteiro de Castro

Examinador – UFPB

---

Prof. Dra. Carmen Brunelli de Moura

Examinadora – UNP

---

Profa. Dra. Cellina Muniz

Examinadora – UFRN

---

Prof. Dr. Adriano Lopes Gomes

Examinador – UFRN

---

Profa. Dra. Marcília Luzia Gomes da Costa Mendes

Examinador Suplente – UERN

Ao companheiro José Gorgônio, que se permite todos os dias caminhar ao meu lado, errando  
e acertando, mas sobretudo amando e construindo nossas vidas.

À Marluce Pereira da Silva, que a partir de cada palavra e olhar fez-me ser outro sujeito.

A vocês,

Dedico.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é gesto nobre, assim, sou todo agradecimento a muitos que colaram caquinhos de mosaicos e construíram caminhos lindos para trilharmos.

À minha mãe, razão de todos os caminharos.

Às minhas irmãs, irmão, sobrinhos, cunhados que souberam respeitar meus momentos de solidão para construção deste trabalho.

À Maria Isabelle, amiga com quem compartilhei todas as alegrias e tristezas, bem como os segredos mais nossos, meus mais sinceros agradecimentos.

À Universidade Potiguar, especialmente Profa. Valéria Credídio, Prof. Francisco de Paula, Prof. Fábio DeSilva, Prof. Carlos Eduardo Barbosa, Prof. Fabian Ubarana, Profa. Marcia Caldas por entender o sentido da pesquisa e dos eventos científicos, liberando-me todas as vezes sem nenhum empecilho. A vocês, meu bem querer e respeito.

Aos queridos amigos Nilvan e Antônio Alves pelo afeto e amizade fraterna.

Aos integrantes da Comídia, base de pesquisa que me acolheu com muito respeito e me impulsionou para o fazer acadêmico, especialmente às pessoas de Adriano Lopes Gomes, Míriam Moema, Aldivânia e José Zilmar da Costa.

Ao DECOM, Departamento de Comunicação Social da UFRN, e sua chefia, Professor Sebastião Faustino, pelo empenho e ajuda constante nesta formação.

Aos amigos de fé Manoel Pereira, Mari Sugai, Ana Tázia, Patrícia Gallo, Iranilson Silva e Michelle Ferret. Grato pela força, por acreditar, mesmo na hora que nem eu mesmo acreditava que seria possível.

Às queridas Glauci Gomes e Stella Galvão. Intelectuais lindas e companheiras boas de vinhos.

Amigos Aldo Alves e Heider Leonardo, muito obrigado pelas palavras de afeto e encorajamento de sempre.

Aos amigos que durante essa jornada compreenderam que clausura, sair cedo das farras quando começava a ficar bom e sorrisos amarelados, além dos pitis, fizeram parte da minha caminhada.

A todos,  
Muito Obrigado

O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia do nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo...

Então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia.

**Michel Foucault**

A pele é o único lugar que você pode escrever algo sobre você...

A pele é uma página em branco. A tatuagem 'tá em você. Até seu último momento ela será vista, será comentada e será lembrada.

**Zilmar Júnior**

## RESUMO

BEZERRA, Josenildo Soares. **Experiências Subjetivadoras no Limite da Pele: Uma Análise de Práticas Discursivas Inscritas em Tatuagens**. 2014. 130f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a constituição de subjetividades em práticas discursivas inscritas em textos imagéticos e verbais de tatuagens. Busca-se apreender efeitos de sentidos que traduzam emoções, experiências e desafetos que marcaram e/ou transformaram a vida de sujeitos tatuados. Esta tese foi ancorada em teorizações foucaultianas (1990, 2010, 2012) que abordam modos de subjetivação a partir das tecnologias da escrita de si, transgressão como ultrapassagem dos limites, abrindo novas possibilidades para o sujeito discursivo produzir o cuidado de si. Ainda se utilizam noções advindas da análise de discurso francesa (AD), como interdiscurso e memória discursiva. A pesquisa de natureza qualitativa tenciona contribuir para a compreensão do discurso enquanto prática social, constituidor de sentidos e maneiras de ser do sujeito, bem como produção de discursividades acerca de normas sociais. O *corpus* se constitui de depoimentos e textos imagéticos e verbais de cinco sujeitos, entre os dez entrevistados, que tatuaram experiências vivenciadas na pele. Os resultados apontam dados que demonstram a constituição de si por meio de experiências vividas e impressas na pele. Os sentidos gerados na pele constituem tipos de subjetividades que refletem felicidade, superação, proteção e imortalidade. Conclui-se que os sujeitos se posicionam discursivamente de forma a reconstruírem seus corpos e experiências o quanto for necessário, e que as imagens e os enunciados registrados nos corpos produzem efeitos de sentidos em torno da reflexão sobre os modos de vida e sobre as escolhas de existência de cada um(a) dos(as) tatuados(as).

Palavras chave: Subjetividade. Tecnologias do eu. Cuidado de si. Transgressão. Discurso.

## RESUMÉ

BEZERRA, Josenildo Soares. **Subjectivites D'experiences dans la Limite des Fur: Une Analyse des Discursive Entre e en Pratique Tatouages.** 2014. 130f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

Cette recherche vise à étudier la constitution des subjectivités dans les pratiques discursives inclus dans les textes imagée et verbale de tatouages. Cherche à comprendre les effets de sens qui traduisent les émotions, les expériences et la désaffection qui ont marqué et / ou transformé la vie des sujets tatoués. Cette thèse a été ancrée dans les théories de Foucault (1990, 2010, 2012) que les adresses façons de la subjectivité de l'écriture elle-même, les technologies de la transgression comme dépassement, ouvrant de nouvelles possibilités pour objet discursif produire soin de lui-même. Encore notions de cette analyse du discours français (AD), comme interdiscours et la mémoire discursive sont utilisés. La nature de la recherche qualitative a l'intention de contribuer à la compréhension du discours comme constitutive sociale de la pratique de la signification dans les manières d'être du sujet, ainsi que la production de discours sur les normes sociales. Le corpus est composé de témoignages et textes imagée et verbale de cinq sujets, parmi les répondants sur dix qui tatoués expériences dans la peau. Les résultats montrent des données démontrant la constitution elle-même à travers des expériences vécues et imprimé sur la peau. Les significations générées dans la peau sont des types de subjectivités qui reflètent le bonheur, la résilience, la protection et l'immortalité. Nous concluons que les sujets sont placés discursivement afin de reconstruire leurs corps et leurs expériences en tant que nécessaire et que les images et les déclarations enregistrées dans les organes produisent des effets ressentis dans la réflexion sur les modes de vie et les choix de l'existence chaque / a de / tatoué.

Mots-clés: la subjectivité. Technologies de l'auto. Entretien d'eux-mêmes. Transgression. discours

## ABSTRACT

BEZERRA, Josenildo Soares. **Subjectivating Experiences in the Edge of the Skin: An Analysis of Discursive Practices Written in Tattoos.** 2014. 130f. Thesis (Doctor Degree in Applied Linguistics) –Federal University of Rio Grande do Norte. Natal. 2014.

This research aims to study the constitution of subjectivities in discursive practices included in imagistic and verbal texts of tattoos. Seeks to grasp the effects of meanings which translate emotions, experiences and disaffection that marked and / or transformed the lives of tattooed subjects. This thesis was anchored in Foucault's theories (1990, 2010, 2012) that address ways of subjectivity from the writing itself, transgression technologies as overshoot, opening new possibilities for discursive subject producing care of itself. Still notions from this analysis of French discourse (AD), as interdiscourse and discursive memory are used. The nature of qualitative research intends to contribute to the understanding of discourse as social practice constitutive of meaning in ways of being of the subject, as well as production of discourses about social norms. The corpus is composed of testimonials and imagistic and verbal texts of five subjects, among the ten respondents who tattooed experiences in the skin. The results show data demonstrating the constitution itself through lived experiences and printed on the skin. The meanings generated in the skin are types of subjectivities that reflect happiness, resilience, protection and immortality. We conclude that our subjects are positioned discursively in order to rebuild their bodies and experiences as necessary and that the images and statements recorded in bodies produce effects felt around the reflection about the ways of life and the existence choices of each one of the tattooed subjects.

Keywords: Subjectivity. Technologies of the self. Care of themselves. Transgression. Discourse.

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – ENTREVISTADA 1.....	30
IMAGEM 2 – ENTREVISTADA 1.....	32
IMAGEM 3 – ENTREVISTADO 3.....	33
IMAGEM 4 – ENTREVISTADA 2.....	36
IMAGEM 5 – ENTREVISTADA 2.....	38
IMAGEM 6 – ENTREVISTADO 5.....	41
IMAGEM 7 – ENTREVISTADO 5.....	51
IMAGEM 8 – ENTREVISTADA 4.....	54
IMAGEM 9 – ENTREVISTADA 1.....	55
IMAGEM 10 – ENTREVISTADO 3.....	59
IMAGEM 11 – ENTREVISTADA 1.....	57
IMAGEM 12 – ENTREVISTADA 1.....	63
IMAGEM 13 – ENTREVISTADA 2.....	66
IMAGEM 14 – ENTREVISTADO 3.....	68
IMAGEM 15 – ENTREVISTADO 5.....	69
IMAGEM 16 – ENTREVISTADA 4.....	73
IMAGEM 17 – ENTREVISTADA 4.....	75
IMAGEM 18 – ENTREVISTADA 4.....	77

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.1 DESCRIÇÃO DA PESQUISA .....	13
1.1.1 QUESTÕES DE PESQUISA .....	13
1.1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA .....	14
1.1.3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS .....	14
1.1.4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E CONCEITUAIS .....	17
1.2 ESTADO DA ARTE .....	21
1.3 JUSTIFICATIVA .....	25
<b>2 UMA PELE PARA SE LER: AS TECNOLOGIAS DO EU E O CUIDADO DE SI EM CORPOS TATUADOS</b> .....	27
2.1 DISCURSO, INTERDISCURSO E FORMAÇÃO DISCURSIVA .....	28
2.2 UMA PELE PARA SE TER .....	35
<b>3 GOVERNANDO SUBJETIVIDADES</b> .....	44
3.1 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE .....	45
3.2 CORPO-ARTE, CORPO-SENTIDO, CORPO-LINGUAGEM: A CONSTITUIÇÃO DO EU TRANSGRESSOR A PARTIR DAS TATUAGENS .....	48
3.2.1 O CORPO-ARTE COMO POSSIBILIDADE TRANSGRESSORA .....	49
3.2.2 O CORPO-SENTIDO: TECNOLOGIAS DA CONVERSÃO DE SI EM SABERES COLORIDOS NA PELE .....	52
3.2.3 O CORPO-LINGUAGEM: UMA PELE TEXTUALIZADA .....	56
<b>4 ANÁLISE</b> .....	60
4.1 SUBJETIVIDADES TATUADAS NA CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DE FELICIDADE .....	62
4.2 SUBJETIVIDADES TATUADAS NA CONSTITUIÇÃO DE DISCURSOS DE SUPERAÇÃO .....	67
4.3 SUBJETIVIDADES TATUADAS NA CONSTITUIÇÃO DE DISCURSOS DE PROTEÇÃO .....	71
4.4 SUBJETIVIDADES TATUADAS NA CONSTITUIÇÃO DE DISCURSOS DE IMORTALIDADE .....	76
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	79
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	82
<b>APÊNDICE</b> .....	86

## 1. INTRODUÇÃO

As inscrições grafadas na pele, definidas como arte, amuleto, proteção, vestimenta, entre tantas outras justificativas para tê-las, são as possibilidades de sentido que esta tese interpreta. Essa arte milenar, com os mais diversos registros de práticas humanas e de interações religiosas, festas profanas e ritos de passagens é, desde sempre, para além de um adorno, possibilidades de ser. Essa pele colorida apresenta práticas discursivas que produzem sentidos contidos em imagens e enunciados linguísticos inscritos no corpo. Não apenas elementos vocabulares, mas iconografias repletas de historicidades e de práticas de verdades experienciadas que transbordam em subjetividades e possibilidades de ser, materializadas nos discursos que representam suas trajetórias de vida aqui registradas.

Tomamos como recorte histórico para este estudo a última década do século XX (anos 1990) e o século XXI, por tratar-se de um momento histórico-social em que a tatuagem passa da abjeção, da marginalização, para a aceitação como arte e forma de subjetivação. No começo, tinha sua impressão na pele sem muitos cuidados, transitando dos pigmentos às artes realizadas, passando pela aceitação social como um adorno denunciatório de sujeitos marginais no que concerne a romper com o contrato social de conduta ética e moral. No modelo atual, desde o início do século XXI, as tatuagens são interpretadas socioculturalmente como arte. Não afirmamos aqui que tenha deixado de ser, também, objeto de abjeção, mas não se configura mais como outrora, apenas vinculada à marginalidade. Nesse sentido, veremos nomes diferentes para práticas iguais no que se refere ao ato de tatuar, classes de tatuagens que denotam as subjetividades e suas verdades de ser, ou mesmo alocam o sujeito em categorias simbólicas e dota-os de poderes, medos, autonomia, fragilidade, irreverência, entre outras possibilidades de ser, vistas aqui através dos sentidos dos sujeitos pesquisados, apresentados discursivamente enquanto históricos, sociais e participantes de seu meio.

A pesquisa foi desenvolvida no campo da linguística aplicada, que dada sua natureza interdisciplinar, nos possibilita caminhar por áreas outras do saber, tais como as Ciências Humanas e Sociais, e trazer sujeitos vistos como abjetos socialmente, pois os mesmos dizem transgredir, ou mesmo marcar a pele com iconografias, em muitos casos símbolos pagãos, demoníacos e vinculados à ordem profana, isso, obviamente, sob olhares cristãos; para outros, verdadeiras obras de arte pintadas sobre a pele; enquanto, para nós, elementos representativos que os sujeitos utilizam como tecnologias para a constituição subjetiva de si, produzindo-se como sujeitos no espaço social.

Foucault tem uma importância singular na escrita desta tese, bem como seus sujeitos, em busca de produzir novos horizontes para se viver. Trazer discussões do terceiro domínio foucaultiano, descritos entre 1976 até após sua morte, com as aulas no *Collège de France*, em que a ética, resvalando no ser-consigo, traz a subjetividade e a formação do sujeito como produto que perpassa não apenas por um ser-consigo, como também, pelo saber e pelo poder. Assim, nossas lentes para analisar os depoimentos e textos imagéticos dos entrevistados desta pesquisa se intercalam entre teorizações e o método foucaultiano no seu terceiro domínio: o ser-consigo, como se dá a relação do sujeito consigo, a constituição de si partindo da transgressão e das tecnologias do Eu. Analisaremos a partir de teorizações e práticas foucaultianas enquanto campo aberto, a ser constituído, e da ordem da experiência. Aqui, método tem a perspectiva que Veiga-Neto (2009) intitula de maneira de ver os sujeitos, *techné*, ou, se quisermos, “uma análise das técnicas de subjetivação” dos discursos pluralizados e constituídos como sentidos de ser, ver e sentir, constituindo assim subjetividades. A análise dos discursos e a interpretação, a partir dos efeitos de sentidos, nos permitem a leitura das pesquisas, bem como sua interpretação.

## **1.1 Descrição da Pesquisa**

### **1.1.1 Questões de Pesquisa**

As tecnologias do eu empreendidas na busca do cuidado de si, vislumbrando a constituição da subjetividade e sua inter-relação consigo e com o outro nos inquietou e gerou o seguinte questionamento, que é o cerne desta tese: Como estratégias imagéticas e linguísticas advindas de diferentes práticas discursivas que atuam como técnicas de subjetivação constroem sentidos que traduzem em transgressão como forma de cuidado de si do tatuado ao se constituir como sujeito? A partir de então, delinearam-se questões outras acerca desses sujeitos e de suas possibilidades imagético-discursivas, tendo a tatuagem como uma tecnologia capaz de modificar, alterar e transformar as subjetivações. Eis os questionamentos:

- Em que medida os enunciados e imagens tatuados nos corpos constituem discursivamente subjetividades transgressoras?
- De que modo as tecnologias do eu enquanto *techné* transgressora produzem sentidos em torno das corporeidades e subjetividades?
- Em que sentido a constituição de subjetividades é atravessada pelo cuidado de si?

- Culturalmente, como se dão as interpretações e produções de sentidos discursivos advindos das tatuagens?

### 1.1.2 Objetivos da Pesquisa

Para buscar respostas para as inquietações movidas por tais questionamentos, definimos como objetivos:

- **Objetivo Geral:** Analisar tecnologias imagéticas e linguísticas que apresentam sentidos oriundos de práticas discursivas que traduzem o cuidado de si dos sujeitos tatuados ao constituírem suas subjetividades.
- **Objetivos Específicos:** Examinar de que modo os enunciados e imagens tatuados nos corpos constituem tecnologias produtoras de subjetividades; Identificar a constituição discursiva de subjetividades a partir de atos transgressivos que refletem o cuidado de si; Investigar como as práticas discursivas se dão em curso, tornando os sujeitos produtores de verdades histórico-sociais.

### 1.1.3 Pressupostos Metodológicos

Passaremos, a partir de agora, a delimitar o campo conceitual e metodológico, bem como nossos sujeitos que atravessaram este estudo. O corpo, tela na qual são reproduzidas as artes, inscrições e textos, ora metafóricos, ora simbólicos, e, em casos muitos, inscrições nuas e cruas da realidade vivenciada, foi ao longo do tempo tornando-se um tema a ser explorado e vivido por nós. Grafar na pele aparente (HARAWAY, 2009), tornando-a colorida, adornada e viva, traz esses sujeitos para o campo da interação social como capazes de enfrentarem as adversidades que são comuns aos sujeitos que transgridem as normas-padrão da sociedade. Vestem-se de cor e imagens e transformam seus corpos em verdadeiros *outdoors* em movimento a representar suas experiências, desejos, angústias, irreverência e estilo de vida. Assim, é ao entrar no mundo dos sujeitos tatuados que começamos a entendê-los: sujeitos repletos de histórias e vivências, que saltam da pele aos nossos olhos. Nem as marcas, nem tampouco os sujeitos que as leem estão fixados numa temporalidade e semântica únicas. Como sugere Foucault (1999, p. 5): “[...] o que olha e o que é olhado permutam-se incessantemente”. Dessa forma, teremos sentidos diversos para as mesmas inscrições, dependendo em que discursividades e encontrem.

Os sujeitos que fazem do seu corpo uma tela a ser produzida, realidades experienciais outras e, ao mesmo tempo, motivo de contemplação ou olhares de soslaio por tantos, chegaram para nós como possibilidade de pensarmos as novas formas de linguagem e suas produções de sentido. Tomamos como início a observação nas salas de aula do curso de *Design* de uma universidade privada de Natal/RN, instituição em que atuo como professor. A ocorrência de sujeitos com os corpos à mostra, vestindo-se com uma pele colorida e imagetivamente modificada era tanta que saltava-nos aos olhos os sentidos que elas poderiam nos dizer. Havia uma plêiade de sentidos que povoavam as falas: amores, desamores, frustrações, proteção, timidez, altivez, entre tantas subjetivações do ser que, ao analisarmos, percebemos não ser uma ocorrência isolada e individual de representação. Dizia muito mais e com uma carga de sentimentos e de subjetividade muito intensa, atravessada pelo outro. Eis que nos chega o Corpo tela e suas tecnologias na constituição do sujeito que cuida de si para constituir e subjetivar suas experiências vividas e compartilhar com os outros.

A busca dos sujeitos para a pesquisa e a produção do conhecimento sobre as produções de sentido deu-se através de uma rede de relacionamentos entre os tatuados que tinham o corpo com grande percentual da pele textualizada com experiências, pois estes chamam atenção, olhares, em muitos casos sofrem preconceitos, e foi isso que nos despertou a curiosidade para o estudo. Iniciamos com uma entrevistada conhecida e com o corpo quase todo tatuado. A partir de então, fomos apresentados a outros, que me indicaram outros, e assim se deu o estudo. Em alguns casos, os entrevistados indicados não puderam participar da pesquisa, seja por incompatibilidade de horários, por estarem viajando, por não quererem conceder entrevista, bem como por motivos particulares. Entrevistamos 10 sujeitos, mas decidimos usar nesta tese cinco deles para nossa análise. O critério decisivo para escolha dos cinco foi o de ter marcas subjetivadas na pele, não vinculadas apenas à ética, enquadramento observado em recorrência nos outros entrevistados.

Os sujeitos deste estudo têm algo muito em comum, pois os entrevistados transitam na área das artes; isto não foi uma prerrogativa, mas no círculo que entrevistei os indivíduos apresentaram-se mais solícitos a falarem de seus sentimentos, corpos e prazeres. Isso pode ser um indicador de sujeitos mais livres no pensar o corpo, suas subjetividades, a cultura. Não queremos dizer que estejam para além das instituições normatizadoras, pois não caberia aqui analisar ou mesmo criar teorizações nas quais a norma seria uma camisa de força. Ficou claro que nossos sujeitos burlam estas normatizações de pensar o corpo, deslocados das práticas sociais em que os mesmos estão imbricados. Nessa perspectiva, transgridem o que outrora era

marginalizado. As entrevistas aparecem na íntegra em anexo. Abaixo apresentaremos os sujeitos que colaboraram com nossa pesquisa:

- 1) Danielly “Tattoo” Santos – primeira mulher em Natal a tatuar o corpo em sua quase totalidade. Trabalha na noite como *Hostess* desde os anos de 1990, e hoje tem um estúdio de tatuagem. Filha única, mãe de um único filho, muito conhecida no meio social e ambiente dos tatuados. Na área da tatuagem em Natal, todos a conhecem.
- 2) Isadora Araújo – Publicitária e redatora na agência publicitária KKI Indústria Criativa, em Natal/RN. Ex-aluna do curso de Publicidade. Chamou-me atenção o fato dela ter ingressado no curso sem uma marca corporal e, ao concluir, estar bastante textualizada. Bem jovem, mas com muitas experiências para textualizar-se.
- 3) Felipe Tarquínio – *Disk Jockey* e publicitário. Foi um dos indicados pela rede de relacionamentos. Muito jovem, cheio de histórias e de sentidos a serem textualizados, mas o que lhe faltava era dinheiro, e, por tal motivo, ainda não tinha “fechado” braços, costas etc., mas ainda o faria. No primeiro encontro ele foi com sua mãe, que também é adepta da tatuagem. Em meio às perguntas, surgiam respostas duplas, pois ambos respondiam, portanto, precisamos marcar outra entrevista.
- 4) Larissa Azevedo – Historiadora, publicitária e diretora de arte. Foi indicada pela primeira entrevistada, mas a encontramos na pós-graduação como aluna. Possui textualizações sem uniformidade, havendo um sincretismo de sentidos e imagens. Não é adepta a estilos e é muito espirituosa.
- 5) Zilmar Júnior – Enfermeiro e *Drag Queen Hostess* na boate Vogue, em Natal/RN. Foi apresentado a ele pela rede de relacionamentos. Uma história de superação e subjetivação que nos chamou a atenção. Atendeu-nos quando estava convalescente, mas disposto a ajudar.

As entrevistas foram marcadas em locais de conveniência de cada entrevistado, bem como respeitando a disponibilidade de horário deles. Foi solicitada a permissão para gravar sua fala e, para evitar inibição, eu conduzia a entrevista como uma conversa informal, fazendo com que os entrevistados se sentissem a vontade. Para cada entrevistado, a dinâmica era parecida, mas a partir de informações sobre as tatuagens, o estilo e a profissão, adequamos a conversa e as perguntas semi estruturadas. Interessava-nos as experiências e o motivo de suas

textualizações. As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2011 e no primeiro semestre de 2012, entre os meses de setembro e março, período em que conseguimos disponibilidade dos entrevistados, além de estar cursando disciplinas regulares no doutorado e participando de eventos acadêmico-científicos.

Costumamos afirmar que, em tempos líquidos modernos (BAUMAN, 2007), escrever as experiências no corpo para não esquecê-las funciona como o antigo diário de cabeceira, no qual os segredos mais significativos eram escritos. Tatuados, eles dão formas, cores e sentidos que vão além do simples cravar na pele.

O campo das teorizações no qual os sujeitos de pesquisa serão analisados insere-se nos estudos foucaultianos numa perspectiva aberta e transdisciplinar. Não nos utilizaremos de conceitos *hards*, mas de possibilidades de pensar os sujeitos, suas subjetividades e experiências sem categorizações nas quais os mesmos fiquem presos em estereótipos. Os conceitos de discurso, cuidados de si, tecnologias do eu e poder saber estarão subjetivando conhecimentos e interpretações acerca das tatuagens enquanto tecnologias do eu, capazes de fazer com que os sujeitos cuidem de si para sentirem-se bem consigo e enfrentar o social com suas marcas na pele, suas verdades, suas histórias. Além das perspectivas teóricas foucaultianas – os Estudos Culturais enquanto linha reflexiva da construção social em que sujeitos e sentidos são os mais diversos – as lutas e práticas sociais podem ser pensadas em virtude de sua cultura, da interdisciplinaridade e no campo da alteridade, em que a sociedade é fruto das relações entre os sujeitos. A linguística aplicada (LA) possibilita-nos enxergar o mundo com lentes plurais das ciências humanas. Através da produção de sentidos advindos das tatuagens, criaremos inteligibilidade às questões dos sujeitos tatuados, pois em nossa sociedade a linguagem possui papel central. A LA Indisciplinar possibilita-nos, ainda, trabalhar com contextos diversos de linguagens, procurando problematizá-los e criar inteligibilidades sobre eles.

#### **1.1.4 Pressupostos Metodológicos e Conceituais**

Pensar o corpo como *locus* depositário de palavras e imagens transforma-o em corpo-texto a ser analisado, lido e também como meio de interação social. Assim, utilizamo-nos da linguagem enquanto prática social que se apresenta viva e em curso como forma de interação entre sujeitos e lugar da incompletude a procurar sentido na relação entre os pares. Podemos concluir que “trabalhamos com a língua no mundo, com maneiras de significar, com

homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas” (ORLANDI, 2007, p. 16).

Esta tese foi ancorada na Linguística Aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), na qual a pesquisa é constituída interdisciplinarmente e os saberes convergem para compreender o diverso. Para tanto, dar vida às vozes outras que aparecem repletas de sentido, sem a necessidade de encontrar respostas verdadeiras nem unívocas, mas sim de problematizá-las e trazê-las à luz para apontar novas questões sociais. Dessa forma, apresentamos nossos sujeitos de pesquisa transgredindo a partir de *technés* que os constituem também como campo do saber da linguagem, usando a metáfora da pele como folha de papel e tinta a colorir e dar outro sentido à vida dos sujeitos. A tinta que cobre a carne torna-se pele.

Os entrevistados desta pesquisa procederam de uma rede de relacionamento/conhecimento de tatuados, grupo no qual fui sendo introduzido por indicação. A primeira pessoa com quem conversamos tinha o propósito de abrir as portas desse universo por ser uma mulher muito conhecida pelos tatuados e profissionais do mercado da tatuagem e *bodypiercing* em Natal e todo Nordeste. A partir de então, ela indicou-nos alguns nomes para procurarmos. A agenda dos profissionais da *bodyart* numa cidade turística e com verão o ano inteiro é muito cheia trabalhos com *bodyart* e *bodypiercing*, então se tornou quase impossível marcar horário para conversarmos. A alternativa foi procurar os amigos tatuados.

Adotamos uma pesquisa qualitativa interpretativista por entender que o que interessa não é a quantidade de ocorrências dos fatos, mas analisar o sujeito e sua historicidade, sentimentos, percepções, e que as pessoas agem em função de suas crenças e sentidos (ALVES-MAZZOTI, 1998). Utilizamos em nossa análise noções foucaultianas, ancoradas nos conceitos da transgressão enquanto ultrapassagem dos limites, cuidado de si, tecnologias do eu e discurso para pensar os sujeitos, suas experiências, subjetividades e sua linguagem.

As escritas no corpo apresentaram-se como possibilidades discursivas de subjetivação de um poder de enfrentar o social e encará-lo protegido/colorido, como se fosse uma carapaça firme contra a sensibilidade de cada sujeito excluído do social. Tomamos como pressuposto teórico o cuidado de si foucaultiano, desenvolvido sob a égide do governo de si para cuidar de si, para então relacionar-se com o outro; conhecer-se em suas micro entrâncias, fragilidades e trabalhar seu eu com a finalidade de ter com o outro relações de troca e práticas socioculturais capazes de serem reconhecidas como tal. Assim, apoiamo-nos no pressuposto filosófico hermenêutico *Epiméleia heautoû*, que é o cuidado de si mesmo, ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, como o momento de perceber-se, despertar-se. É a partir desse conhecer-se que é possibilitado ter com o outros momentos. Foucault (2010, p. 12) nos diz:

Enfim, com a noção de *Epiméleiaheautoû*, temos todos um *corpus* definido, uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade.

Nossos sujeitos que atravessam esse discurso são intitulados modernos e atravessados pelo entendimento, entrecruzando-se com jogos de verdade, cuidado de si e governo de si na constituição de suas subjetividades. De que artefatos se utilizaram para munirem-se de verdades, capazes de enfrentar o olhar e a leitura de suas marcas corporais?

Eis um segundo conceito utilizado, que é o das tecnologias do eu, por permitir que os sujeitos desta tese modifiquem seus corpos, sua alma e pensamento, com o intuito de viverem mais felizes e alcançarem mais sabedoria, pureza (FOUCAULT, 1990). As tecnologias do eu os oportunizaram, a partir dos escritos corporais, subjetivarem verdades, experiências, e assim talharem seus corpos como uma forma de delatá-las. Cada novo adorno corporal, uma mudança, e, em cada mudança, outro corpo toma forma a partir de suas cores, textos e formas. Ler as tatuagens é entrar em contato com algumas possibilidades poéticas, outras simbólico-religiosas, prazeres e dores encravadas no ser. Tais tecnologias operam na conformidade corporal; ter um corpo como uma tela, na qual os agentes sociais interagem a partir de leituras, de vivências e de olhares, produzindo-o com sua intertextualidade e interpretações.

O terceiro conceito versa sobre o discurso foucaultiano. É inconcebível pensar os sujeitos desta pesquisa fora das relações que os constituem. Apresentamos, então, o conceito de discurso aqui aplicado: sujeito e discurso e sua constituição através das práticas sociais em que estão inseridos. Foucault (2009, p. 54-55) nos apresenta esse emaranhado entre ambos:

Os discursos, tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras; gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato [...] os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É este mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

O ir além da esfera sígnica aparente entre as palavras e as coisas é o que nos impulsiona a perceber que as marcas encarnadas dos nossos sujeitos saltam o corpo com cores e formas plurais e chegam aos nossos olhos repletos de sentidos. Sentidos esses pelos quais elaboramos e transformamos os sujeitos e seus textos em elementos de relações e práticas sociais. Não se trata, aqui, de universalizações discursivas, mas sim de tratar tais discursos em sua vivacidade e ação, representados pela história de vida dos sujeitos, suas relações de

interesse, as tecnologias usadas para o refazer da pele que era, no falar dos sujeitos entrevistados, “apenas epiderme, carne exposta”, mas, com as tatuagens, foi transformada em pele aparente e protetora, colorida, viva, alegre e com sentido. Assim percebemos um texto impresso na pele, sob a forma de sentidos discursivos e subjetivados em saberes no corpo, nas experiências praticadas ao longo de seu viver. Le Breton (2002, p. 21) afirma: “La marque est une limite symbolique dessinée sur La peau, elle une butée dans La recherche de signification et d’identité. Elle est une sorte de signature de soi par laquelle l’individu s’affirme dans une identité choisie”.<sup>1</sup>

As falas dos sujeitos da pesquisa serão diluídas entre a escrita da tese, ora teórica, ora metodológica, construindo saberes e empoderamentos entre os pares, mas também as traremos, na íntegra, nos anexos destes escritos.

A interpretação dos enunciados linguísticos às falas dos sujeitos pesquisados, ancoradas na perspectiva imagética e análise dos textos escritos no corpo, terá, como já citado, as tecnologias do eu elaboradas e experimentadas como forma do cuidado de si a partir das tatuagens, que são capazes de reelaborar as subjetividades e os sujeitos, tornando-os mais habilitados para conviverem consigo mesmo e enfrentarem o espaço social, munidos da proteção tegumentar. Para tanto, entrevistamos 10 sujeitos, dos quais apenas cinco serão utilizados como sujeitos desta análise, cujas falas e iconografias nos forneceram dados para a interpretação de suas verdades e repensar novos questionamentos que foram suscitados ao longo das entrevistas.

Iniciamos com um breve caminhar pelo estilo do tatuar e do reconhecimento social. Esse primeiro momento serviu para margear as possibilidades discursivas que seriam tratadas, a forma de abordagem, a produção de um roteiro de perguntas semi estruturadas, uma vez que, a cada novo entrevistado, essa relação discursiva era reelaborada, porque o rumo da entrevista mudava totalmente, dada a história do sujeito e por se tratar de um público bem heterogêneo em relação a gostos acerca da arte de tatuar-se. Essa heterogeneidade diz respeito aos estilos que normalmente seguem, dividindo-se por escolas, como Escolas de Arte.<sup>2</sup> Algumas das mais conhecidas são: *OldSchool*, *New School*, *Alto Relevo*, *Branding*, *Boldline*, *Realismo*, *Tribal*, *Celta*, *Tebori*, *Maori*, *Oriental*, e mais uma gama de outras possibilidades, como biomecânica, pintura dos olhos, maquiagem definitiva, tatuagem que simula o couro cabeludo etc. Por vezes, a elaboração sintática de arrumação do dizer precisava ser mais

---

<sup>1</sup> A marca é um limite simbólico desenhado sobre a pele, uma parada na busca de significado e identidade. É um tipo de assinatura de si, através da qual o indivíduo afirma-se na identidade escolhida (tradução nossa).

<sup>2</sup> <http://arttattoostudio.blogspot.com.br/2013/02/tattooinfo-estilos-de-tatuagem.html>

importante para melhor aproveitamento dos sentidos produzidos pelo entrevistado. A partir da nossa primeira informante, que foi a primeira mulher a ter o corpo coberto por tatuagens em Natal, que informalmente concedeu nossa primeira entrevista, nos foi apresentado um círculo de relacionamentos em que o corpo-texto associado às tecnologias do eu com intuito de se reelaborar, transformar seus corpos em uma conformidade artístico-discursiva, era a tônica. Corpos tatuados, modificados, mas milimetricamente adornados com suas experiências e sentimentos vivenciados. Não procuramos verdade, mas demos lugar às experimentações vivenciais transformadas em texto/imagem sobre a pele.

Como período analítico dessas práticas de si, optamos pelas últimas décadas do século XX (anos 1980 e 1990) e sua transição para o século XXI com a perspectiva de uma sociedade contemporânea, líquido-moderna, pós-moderna, entre tantos outros desígnios que nossos sujeitos são intitulados. Essa temporalidade escolhida denota uma mudança nos conceitos de escrita sobre o corpo e deixa a abjeção marginal para uma forma de transgressão. Transgressão dos sujeitos que irrompem a pele para contar suas experiências, embelezar seus corpos de maneira artística, com sentidos que saltitam a cada cor e traço desenhado e experienciado. Acerca da pele: “ser sí-mesmo é, em primeiro lugar, ter uma pele para si e, em segundo lugar, servir-se dela como um espaço de situar sensações” (ANZIEU, 2010, p. 62).

Nessa perspectiva, procuramos, para compor os sujeitos desta pesquisa, indivíduos com o corpo coberto, ou com a pele transformada em textos e imagens em um largo percentual visual e tatuadores sob a mesma perspectiva. Sujeitos que usaram a pele para dar sentido a si e encararem o social com todas as suas modificações corpóreas.

## **1.2 Estado da Arte**

A pluralidade de pesquisas sobre tatuagem nas duas últimas décadas é imensa. Podemos perceber que versam desde a Biomedicina à Antropologia, com pesquisas e estudos restritos às suas áreas, ou mesmo indisciplinarizando saberes, práticas e pensamentos.

Nessa perspectiva, interessaram-nos as teses e dissertações que abordassem os escritos no corpo sob lentes foucaultianas, vertendo o cuidado de si, tecnologias do eu e teoria do discurso. Sabemos que tais conceitos não são absolutos, mas subjazem outros pensamentos foucaultianos, em domínios que conseguem ser distintos em suas teorias, pensamentos e práticas, mas ao mesmo tempo da ordem, da continuidade teórico-metodológica. Então, ser-saber, ser-poder e ser-consigo conseguem esse feito. Contudo, para efeito metodológico, acadêmico e temporal, usaremos as lentes terceiras para entender a tatuagem como uma

tecnologia capaz de produzir o cuidado de si, produzindo, assim, certas intervenções em seu corpo para proporcionar-lhes felicidade, experiências, imortalidade. Tais intervenções significam, para esses sujeitos, formas de se subjetivarem e transgredirem as instituições sociais. Foucault (2009, p. 32) define nossos sujeitos transgressores, como dito acima:

A transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem. A linha que ele cruza poderia também ser todo o seu espaço. O jogo dos limites e da transgressão parece ser regido por uma obstinação simples: a transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recusando então para o horizonte do intransponível.

Limite entre pele e carne, limite social, limite quantitativo de palavras a serem grafadas no corpo, mas sem limite para as textualizações e experiências, para os sentidos, as cores, grafismos, e sem limite para a quantidade de dor, sangue e tempo que transbordam experiências e possibilidades semânticas. O limite transgressor de adornar e dar novos sentidos às experiências, como citado por Foucault, é etéreo demais e jaz a cada instante, fazendo com que se façam novas tatuagens e se reconfigure um novo corpo.

Sob a perspectiva da Psicologia Social, mas através de lentes foucaultianas, França (2008) traz a modificação corporal pelo viés do *BodyModification*, visto a partir dos profissionais. A autora aborda os temas da biossegurança e do biopoder. Ao longo das décadas, a preocupação com a segurança, sua instrumentalização e tecnologias também traz novas formas de controle e de poder. A autora aponta a biossegurança como um dispositivo do poder para o governo do outro e como uma técnica para o cuidado de si.

Em uma abordagem da Educação Física, mas sob lentes fenomenológicas da filosofia Merleau-pontiana, Medeiros (2005) traz, em sua dissertação, um corpo selvagem, ora natureza, ora cultura. Um corpo em busca de subjetivação exterior e como técnica de si; a *BodyArt* fazendo-o buscar novos sentidos na contemporaneidade. Medeiros aborda a metafísica da carne, as técnicas de intervenção que auxiliam na ampliação da percepção de sentido do sujeito, utilizando como metodologia a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Apesar de trazer tal resultado acerca das intervenções corporais, esse trabalho não traz o sujeito integrante da ordem do fazer-se, um sujeito constituinte, discursivo. A autora afasta-se de nosso objetivo ao trazer a subjetividade sob a perspectiva da exterioridade, não a vinculando a uma construção que vislumbra um cuidado consigo, que é projetado para além do corpo.

O trabalho com a *BodyModification* tem muitos estudos nas mais diversas áreas. Na Psicologia, Teixeira (2006) traz uma reflexão sobre o movimento da modificação corporal nas mais diversas áreas: tatuagens, *piercings*, escarificações, *brandings*, cortes e suspensão. A autora analisa essas práticas constitutivas da subjetividade na perspectiva foucaultiana, baseando-se na vertente da estética do belo e de como cada época produz corpos e padrões de beleza ideologizados pela sociedade dominante. Os sujeitos pesquisados constroem padrões diferentes desses socialmente aceitos, e por isso chamaram a atenção da pesquisadora. Teixeira analisa esses corpos a partir das relações dos mecanismos coercitivos de poder em Foucault e de como tais poderes constroem subjetividades.

Na Psicanálise, Barros (2006) escreve histórias marcadas na pele. Ela discute as marcas corporais em adolescentes que participam de programas assistenciais de inclusão e proteção contra violência e põe como cerne de seu trabalho as relações das tatuagens recorrentes ao amor materno e às frases grafadas no corpo relativas a esse amor, entre outras declarações. Barros pesquisa os jovens e o que os leva a se marcar em tempos contemporâneos, analisando pelo viés psíquico. As tatuagens reproduzem a desatenção que recebem tanto dos órgãos governamentais quanto do ambiente familiar. A autora ainda discute noções de corpo e seus significados no âmbito da ciência e da psicanálise.

Em “Corpos Jovens e superfície de inscrição de textos culturais: recados para a educação escolar”, Rosa (2004) traz à luz dos estudos culturais e pós-estruturalistas foucaultianos a problemática da resistência juvenil em Porto Alegre/RS. A pesquisa, realizada com 12 jovens de uma instituição pública, põe em discussão como esses jovens se utilizam dos seus corpos para produzir artes em suas aparências, tais como: tatuagens, *piercings*, cortes de cabelo e coloração, entre outras intervenções, promovendo o que Foucault (2009) chama de transgressão. Assim, os jovens vão produzindo resistências e, ao mesmo tempo, diferença. Alteram e transgridem as regras, os rigores, a vigilância e normas da escola.

Ribeiro (2007), em Psicologia Social, escreve “Primitivos Modernos: a modificação corporal e o retorno do corpo animal”, em que analisa as modificações, sejam quais forem elas: tatuagens, *piercings*, escarificações e semelhanças animais, à luz das Ciências da Humanidade. A autora aponta que essas práticas são oriundas de rituais de passagem, mas que, ao longo do tempo e de suas trocas culturais, perderam seu caráter ritualístico. Na contemporaneidade, as marcas corporais trazem uma perspectiva enigmática, além de apontar novas formas de subjetivação.

Encontramos poucos trabalhos na análise do discurso (AD) acerca das tatuagens. Marcelino (2007), em “A mensagem por trás da imagem: estudos de tatuagens à luz da análise

do discurso”, historiciza a tatuagem e diferentes usos nas diferentes culturas a partir da análise do discurso de linha francesa. O estudo apresenta conceitos como ideologia, discurso e sujeito, além de analisar pelo viés da cultura e da identidade as categorias sexo, idade, motivos que levaram a se tatuar definitivamente e significado das tatuagens. O pesquisador conclui que tais marcas corporais são formas de identidade de grupo e símbolo de liberdade do sujeito contemporâneo.

Sad (2012), em uma perspectiva tecnológica, constrói seu olhar diferenciador entre os métodos de tatuar tradicional e as TDs, ou tatuagens dinâmicas não invasivas, que auxiliam em tratamentos médicos. O pesquisador, que é um *designer* de superfície, desenvolve estudos acerca de como tornar a tatuagem mais viva, em movimento, e que valorize a parte do corpo em que fora riscada. Para além dessa perspectiva, aborda a tatuagem como forma de correção de cicatrizes e complementos de próteses e órteses. O estudo aponta para novas formas de tatuar, sejam modernas, com equipamentos mais tecnológicos, ou mesmo com *designers* de superfícies trabalhando a arte abstrata.

A violência na pele é a visão de Lise (2007) ao abordar a partir de lentes do Direito, da Psicologia e da Biomedicina. Lise pesquisa a estigmatização e a discriminação partindo dos próprios tatuados e da sociedade, além de realizar um levantamento bibliográfico acerca da legislação brasileira e de nove outros países. O estudo analisa a dor e a composição cutânea pelo viés da Psicomedicina, os papéis da tatuagem ao longo da história, o culto ao corpo na sociedade ocidental, a mídia e a influência na produção das subjetividades, a participação dos grupos na decisão de tatuar-se, bem como o estigma da tatuagem. A pesquisa foi realizada em asilos psiquiátricos, instituições prisionais e obteve maior participação de mulheres com ensino superior completo. Ainda se discute os motivos de não poder participar de concursos públicos e forças armadas quem possui tatuagens.

Na área da educação, encontramos *Artesão da pele*, escrita por Ferreira (2012), que traz a discussão da mudança social, e com isso a mudança no campo da tatuagem. Essa, por sua vez, sai da marginalização e passa a ser vista pelo viés do consumo, da higiene, assumindo na sociedade novas práticas. O estudo é focado em histórias de seis tatuadores, como veem sua profissão, como foi sua entrada na área da tatuagem, como eles iniciam outros tatuadores jovens e como fazem para que estes iniciados não se tornem seus concorrentes.

### 1.3 Justificativa

Os discursos e suas dispersões e descontinuidades, bem como as mais diversas formas de produzir sentidos, foram um dos inquietantes nesse estudo. A partir de então, pensar nesses discursos e nos sentidos advindos das marcas corporais encheram-nos de curiosidade para desvendar possibilidades enunciativas de subjetivação talhadas a partir de tecnologias do eu, de conhecimento de si a partir das vivências experienciadas e cravadas na pele, para então lidar com o outro.

Assim, nossos sujeitos de pesquisa se encontram em uma sociedade em que lutas e movimentos sociais se pluralizam e reivindicam cada vez mais direitos ao corpo, à sexualidade, aos prazeres, à liberdade. Deleuze (2007) aponta para a constituição do sujeito em movimentos de descobrir-se a si mesmo, para multiplicidades de eus que formam sujeitos em vias de reinventar-se e produzir-se, perspectiva de (des)territorialização e (re)territorialização constante.

Porém, nossa preocupação não está em práticas discursivas que produzem sentidos que expressem preconceitos, nem tampouco em discursos verdadeiros. Interessa-nos, neste trabalho, entender como os sujeitos, munidos das tecnologias do eu, constituem suas subjetividades a partir do cuidado de si e o governo de si.

Essas perspectivas afastam-se das linhas de pesquisa anteriormente descritas, pois, em sua maioria, são estudos acerca da clínica psicológica analisando a formação do ID, do direito que encontra nos cárceres o *locus* da marginalização, na ordem da higienização como mudança. Não queremos afirmar que não sejam importantes, e sim que se afastam do que propomos para nossa tese, que é o sujeito e sua constituição.

Pele pra mim é revestimento. É um órgão grande que pode ser adornado, e tatuagem pra mim, eu não considero uma segunda pele, considero a minha primeira pele.

**Larissa Azevedo**

## 2. UMA PELE PARA SE LER: AS TECNOLOGIAS DO EU E O CUIDADO DE SI EM CORPOS TATUADOS

A pele, o invólucro que nos apresenta a nós mesmos e ao outro como possibilidade discursiva, é o cerne deste capítulo. Discutiremos a materialidade linguística, materializando sentidos para o outro a partir do que fora riscado na pele como tecnologias de si, escritas do eu constituintes das subjetividades dos indivíduos que protagonizaram essa pesquisa. Os sujeitos entrevistados apontaram para a tatuagem como sentido, possibilitando, para eles, muito mais que uma imagem em cor, um *outdoor* em movimento, muitas vezes uma pele em alto-relevo. Assim, o texto-imagem aqui traçado e interpretado terá como lentes analítico-discursivas teorizações foucaultianas e da análise do discurso de filiação francesa das formações discursivas que auxiliam na constituição de si.

As tecnologias do eu, uma *techné* de criar a nós mesmos como uma obra de arte, foi uma janela para descobrirmos o horizonte discursivo transformado em cores e riscos na pele de nossos sujeitos. Essas tecnologias que, na teorização foucaultiana (1990), traz mudanças no corpo e na alma por si próprio, ou com ajuda de outrem, com o fito de alcançar felicidade, sabedoria e imortalidade. Encontramos estas perspectivas em nossas entrevistas. Nossos sujeitos coloriram na pele histórias tão representativas em suas vidas e se utilizavam da tecnologia da tatuagem para fixar essa sentimentalidade em sua pele, uma forma de não esquecer, um diário no corpo a ser lido e interpretado. Sentido sempre da ordem da incompletude e a ser completo pelo outro. A tatuagem apresenta-se para nossos sujeitos como uma tecnologia do eu subjetivador de experiências vividas e coloridas na pele para continuar na memória. Para Foucault (1990, p. 48), tecnologias

...del yo, que permiten a los individuos efectuar, por cuenta propia o con la ayuda de otros, cierto número de operaciones sobre su cuerpo y su alma, pensamientos, conducta, o cualquier forma de ser, obteniendo así una transformación de sí mismos con o fin de alcanzar cierto estado de felicidad, pureza, sabiduría o inmortalidad.<sup>3</sup>

A cada período, a sociedade encontra tecnologias para subjetivar-se. Nossos sujeitos encontraram as tatuagens como técnicas de subjetivação, mas esta técnica não funciona só. Ela existe na perspectiva das categorias que encontramos como um interdiscurso: tecnologias

---

<sup>3</sup> ...as tecnologias do eu, que permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certos números de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamento, conduta, o qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmo com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade (tradução nossa).

que constituem discursos de felicidade, superação, proteção e imortalidade. Observemos no fragmento do nosso entrevistado 3:

Ela fez um estudo com pessoas já mortas e tudo, e que as tatuagens tinham a ver com aquela época que elas viveram, por isso eu digo que a tatuagem é você contar sua história porque você tá se delimitando no tempo e ao mesmo tempo você se marca na sociedade, é um carimbo, é a sua identidade exposta assim, da forma mais aberta que tem (informação verbal).<sup>4</sup>

Tal qual este sujeito, os demais apontaram para esta tecnologia como forma de permuta da pele, como se tivessem nascido como uma tela de quadro sem pintura alguma, e ao colorir dão sentido a ela, transformando-se assim em arte.

Trazer Bauman (2011) e suas discussões de sociedade líquido-moderna é imperioso, pois o autor aponta um sujeito em busca de liberdade e felicidade para si. Sujeitos, tal como líquidos, não conservam sua forma por muito tempo. A pele, por sua vez, é líquido-moderna, pois ela modifica e apresenta outros sujeitos a cada tatuagem grafada. Essas tatuagens constituem, na fala dos sujeitos, memórias que atravessam sua vida e a de pessoas que atravessam suas experiências.

## **2.1 Discurso, Interdiscurso e Formação Discursiva**

Os conceitos que abordaremos nesta tese não têm a pretensão de trazer verdades totalizantes e universais, mas sim lentes que promovem a leitura de sujeitos em pleno exercício discursivo em seu espaço social, político e cultural. Assim, poderemos assumir leituras tantas, dependendo das lentes que cada sujeito-leitor use. Como afirma Fischer (2007), precisamos dar conta desses sujeitos com a pele que é a própria formação discursiva, sem reducionismos, evitando, assim, as fáceis interpretações. Partindo disso, analisá-los discursivamente é apropriar-se das histórias e experiências animadas em sua pele.

O que desejamos, muitas vezes, é encontrar respostas plausíveis e conceitos que deem conta de nossas angústias científicas. Para isso, o conceito de discurso, coloca como prática minúcias vivas que não estão claramente apresentadas na superfície das palavras e imagens, confrontando a realidade com a língua, mas, analisando os próprios discursos, veremos os laços desfazerem-se entre as palavras e as coisas. Nisso, encontram-se os sentidos.

Tomaremos as peles textualizadas que detalhadamente denotam subjetividades e histórias vividas em plena constituição através da tecnologia de tatuagens, ou marcas na pele

---

<sup>4</sup> Informação cedida por Felipe Tarquino em entrevista que se encontra transcrita na íntegra no Apêndice.

como uma forma de enunciar sentidos, eternização de experiências, mas numa perspectiva vibrante, colorida, que vive para além do ato. O que aparece aos olhos do outro por vezes são ideias e experiências cravadas que transcendem a palavra e a coisa. Foucault (2012, p. 61-62) diz:

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é um estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, um intrincamento entre o léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazer os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar estes signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. E esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

O “mais” apontado pelo autor é exatamente o que os signos e palavras não externam, pois trata-se de experiências subjetivadas e pulsantes, produtoras de sentidos e discursos plurais. Tratamos, aqui, do próprio ato discursivo em ação. As tatuagens e suas muitas falas estão tão vivas em quem as tem que podemos confundi-las com a própria experiência ocorrendo. As falas muitas vezes não simbolizam a veracidade da ação, mas a pele faz delas *locus* dessas escritas e sentidos. São corpos que apresentam segredos coloridos, são peles que contemporaneamente memorizam diários de vida, eternizam símbolos subjetivos em uma sociedade cada vez mais sem memória e sem a prática da escrita.

Trazendo para o campo do discurso, tais escritos corporais, apesar de serem apresentados discursos experienciados e solvidos em suas peles, podemos perceber que o que se apresenta são sentidos e, por mais que sejam subjetivos, trazem traços culturais levando sempre o outro em questão, o tabu do objeto encontrado na ordem do discurso que, em Foucault (2012), aponta para um discurso tatuado, mas dentro das perspectivas culturais. Não se pode tatuar tudo, em qualquer lugar e para qualquer sujeito ter acesso. Há o que o autor intitula de interdição: “Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2012, p. 9). Apesar dessa geografia corporal encontrar elementos da transgressão, pois irrompem a pele, culturalizando seus desejos e produzindo sentidos significativos para sua formação enquanto sujeito social, há sim um discurso velado, proibido e secreto que está às escondidas, seja com imagens e palavras que se fundem e transformam os discursos em pinturas ilegíveis para o outro, ou mesmo pintando-as em lugares de difícil acesso ao olhar social. Por isso a interdição discursiva está tão presente nessas peles quanto à elaboração do discurso cotidiano, havendo um jogo entre o que se fala e o que se escuta,

dando ao sujeito turnos dialogáveis, socialmente e politicamente permitidos e conjuráveis culturalmente, pois todo discurso, para Foucault, é sempre já controlado, selecionado, organizado e distribuído. Para melhor entender o que foi dito, apresentamos abaixo a entrevistada 1 e seus discursos plurais que estão na linha tênue entre a transgressão, pois irrompe o corpo/carne feminino do sagrado com sentidos riscados na pele, e um discurso ora biologizado com caveiras – finitude humana – conceito de família encontrada em discursos patriarcais, perspectivas do sagrado, remontando dizeres religiosos e desenhos artísticos. Um corpo que transita entre o sagrado e o profano. Discursos que revelam experiências tão complexas e tão plurais, ao mesmo tempo cravadas, *a priori*, desordenadamente, mas que atendem ao interdito discursivo foucaultiano.

Imagem 1 – Entrevistada 1



Fonte: Acervo do Autor

Pensando a subjetividade, Rolnik (1997) afirma que é povoada de sensações, afetos e desafetos. Assim, o que vislumbramos da subjetividade é o perfil de um modo de ser, de pensar, de agir, de sonhar, de amar, recortando espaços interiores e exteriores do sujeito. E o que resvala do discurso interdito é exatamente essa esfera do subjetivo e demasiadamente humano: o sentimento.

A pele recheada de sensações e mapeada com textualidades que as denotam. Podemos, nesse contexto, afirmar que os elementos interdiscursivos sociais, políticos e

religiosos recortam, delineiam sua pele, mas aqui, as cores fazem pulsar a emoção. O sincretismo imagético que colore as peles dos sujeitos apresenta performances de sujeitos ora marginalizados, ora trazidos para o campo discursivo do plural. Assim, tais corpos são constituídos no transitar desses polos. A pele tatuada situa esses discursos sincréticos: uma ideia de proteção metafísica e um emaranhado de signos contra-religiosos.

A tessitura desses corpos subjetivados é entendida, aqui, como uma produção interdiscursiva, ou seja, micropartículas constituindo o sujeito e suas possibilidades de ser. Foucault (2012) afirma que em todo discurso repousa outros discursos já-ditos, constituições históricas, discursos institucionalizados refletindo na condição subjetiva do indivíduo. Isso reflete nos nossos sujeitos, pois suas peles tornam-se hospitaleiras de muitos dizeres, emaranhados de imagens policulturais, com traços e cores que se misturam e dão outras formas e sentidos ao seu eu. Podemos inferir acerca do interdiscurso o que Foucault nos propõe como meio-silêncio, que já transita como uma voz, um vento que sopra e que se encontra como uma forma de memória discursiva que refrata, aqui, nesse sincretismo subjetivo de cada entrevistado e suas muitas possibilidades de sentidos. O autor conclui:

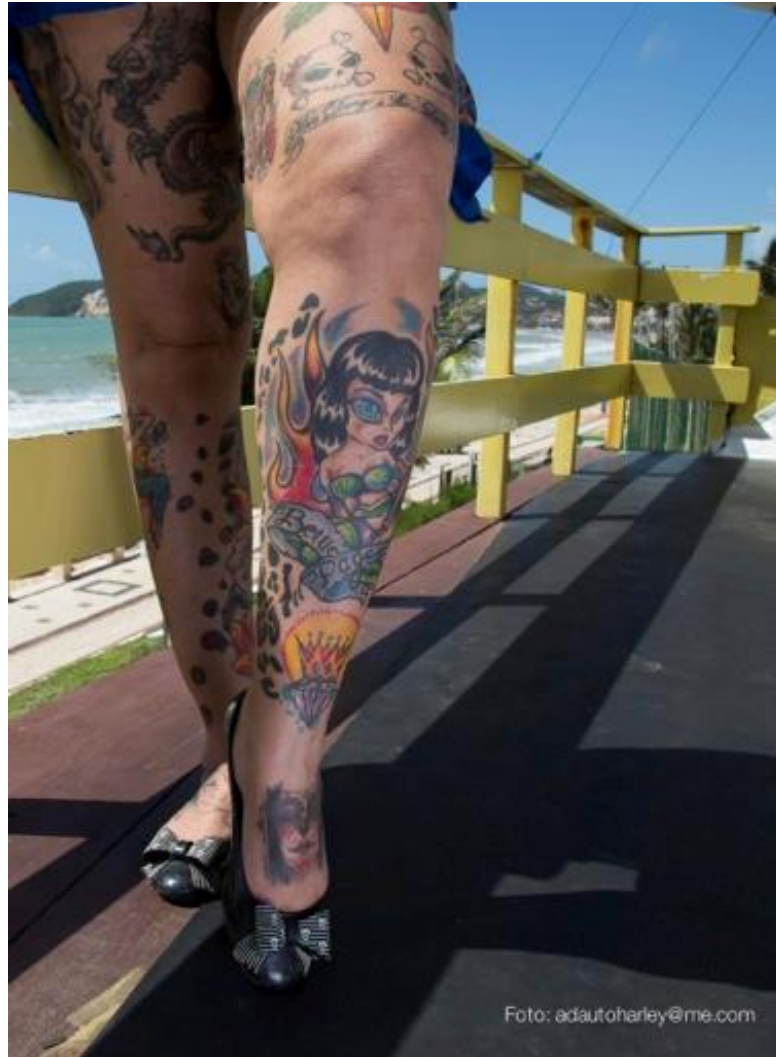
Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sem ele, mas que ele recobre e faz calar. O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele diz; e esse não dito seria um vazio minado, do interior, tudo que se diz. (FOUCAULT, 2012, p. 30)

Está em jogo, neste trabalho, um sentido discursivo das experimentações subjetivas de cada entrevistado, mas, interdiscursivamente, outros discursos sociais e culturais institucionalizados que os formam sujeitos sociais, um discurso reconduzido. Orlandi (2007) afirma que o que é dito em outras instâncias interfere no nosso dizer; já fora dito e já fizera sentido para outrem. Muitas vezes já esquecido, mas para que tenha sentido, já fora significado.

Vamos observar as marcas tatuadas como efeitos de sentido, inscrição da língua na história do sujeito, um pressuposto de uma memória discursiva e que se representa em nossa cultura, mas que teve redimensionado seu sentido: caveiras, dragões, fogo e bruxas anunciam um sujeito plural, que se auto-define como em vias de se fazer cotidianamente. Uma pele sem marcas definidas de sentido, mas que trazem elementos de outras culturas, de outras subjetivações de subjetividades e com sua perspectiva de mundo, reconstrói os sentidos, fazendo os discursos assumirem outros discursos a partir de suas sensações. Abaixo, voltamos a apresentar nossa primeira entrevistada, que tem sobre a pele uma gama de imagens sem

ater-se a alguma escola específica de sentidos tatuados, pois a mesma escreve marcas corporais a partir do que simboliza suas emoções, do belo em ornar-se. Essa pele em forma de tela colorida nos saltou os olhares.

Imagem 2 – Entrevistada 1: Experiências Multicoloridas



Fonte: Acervo do Autor

A materialidade linguística que estamos anunciando verte-se em imagens e textos cravados na pele, mas, em relevo, transborda de sentido que constitui cada um e cada outro também. Vemos e somos vistos, construímos e somos construídos. Apresentamos, então, o entrevistado 3. Suas marcas, que transitam entre um coração que pulsa, mas que o faz humano ao mesmo tempo em que constitui o sentido pulsante, está ligando-o à construção social. Para muitos, são corpos desfigurados, maculados com sentidos que agridem e transgridem suas concepções de mundo; para eles, sujeitos da arte e da linguagem, mas, uma linguagem das

emoções, histórias e sentimentos, para os quais vale a pena cada dor quando escritos na pele. Muito mais que uma marca corporal, o entrevistado abaixo afirma: “É você externar coisas que estão atreladas à sua personalidade, ao seu modo de vida, às coisas que você lê, tudo que compõem... Enfim, nossa cultura, é uma forma de externar isso de uma forma artística” (informação verbal).<sup>5</sup>

Imagem 3 – Entrevistado 3: Tatuagem como arte



Fonte: Acervo do Autor

Os conceitos apresentados de discurso e interdiscurso como pressupostos teóricos que dão conta do entendimento dessas marcas discursivas, que apresentam cada sujeito em sua constituição do eu, acrescentam sentido quando se juntam ao conceito de formação discursiva e de discussão da autenticidade dessas marcas enquanto autor delas.

Partindo das formações discursivas, entendemos os corpos como uma plêiade de efeitos de sentidos advindos de enunciados. Definimos como “[...] enunciados que recortavam, descreviam, explicavam, contavam seus desenvolvimentos [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 39). O discurso institucionalizado passa por essas premissas descritas. O que entendemos como categorias sociais são suas múltiplas vertentes discursivas que nomeiam e caracterizam os conceitos sociais. Uma rede de discursos formadores de outros discursos. Um

---

<sup>5</sup> Informação cedida por Felipe Tarquino em entrevista que se encontra transcrita na íntegra no Apêndice.

emaranhado de significados de diferentes ordens construindo um discurso. Os pesquisados e suas relações com as iconografias, sentidos e discursos funcionam como essa formação discursiva. Os muitos eus que formam e definem o que somos. Rose (2001, p. 141) afirma: “Você é longitude e latitude, um conjunto de velocidades e lentidões... você tem a individuação de um dia, de uma estação, de um ano, de um vento, de um clima, de uma vida...” Rose aponta-nos para um feixe de discursos deleuzianos, territorializando, desterritorializando e reterritorializando os sujeitos em relação com outrem. Podemos pensar o quanto os discursos sociais acerca da tatuagem e seus adjetivos são sentidos atribuídos das mais diversas áreas do saber. Cada uma dessas áreas categorizando a partir de premissas que lhes são peculiares. A medicina, a religião, a segurança pública, entre outras áreas, aplicam saberes ao significarem tatuagem, conquanto estamos falando de um campo minado e vago de sentidos e, ao mesmo tempo, transbordando significados institucionalizados.

Assim, vemos nossos sujeitos ao mesmo tempo fazendo parte dos sentidos rígidos sociais e ora transpondo os limites que encerram nessa institucionalização. É *mister* lembrar que não são formações enunciativas díspares, mas concorrendo às mesmas regras de funcionamento.

Quando os sujeitos que protagonizaram essa pesquisa foram questionados sobre que discursos registravam na pele aparente, foi unânime a resposta que vem das mais diversas influências e culturas; efeitos de sentidos e enunciados que atravessam os oceanos e recebem outra codificação, pertinente à sua cultura. Apenas o entrevistado 5 admite gostar de tatuagens com diversos desenhos, mas optou por uma estética única, dando sentidos para eles. Esses novos sentidos formam conceitos, associações e vão pluralizando as possibilidades de serem lidos. Apesar do estilo próprio para subjetivar-se, o que se textualiza está em consonância com o que produz sentidos para si, produzindo, repetindo e compartilhando sentidos com outrem. Para melhor entendimento do conceito de formação discursiva como um feixe enunciativo que concorre para a formação conceitual em uma dada circunstância sócio-histórica, Foucault (2012, p. 47) diz:

No caso em que puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhantes sistemas de dispersão, e no caso em que os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Os enunciados, como já dito, concorrem para a formação conceitual nos tatuados que marginalizam o sujeito por irromperem a pele, por uma ação que é deflagrada com cortes, cicatrizes e sangue. Uma ação que traz institucionalizada uma ideia de transgressão que, em

suas tantas formações discursivas, aponta para um sujeito nômade, sem compromisso com a saúde da pele/corpo, com as religiosidades, com um caráter idôneo.

## **2.2 Uma Pele para se Ter**

O que escrevem em suas peles que os subjetivam? Que escritas são transbordantes de verdades que constroem discursos e sentidos? Esses questionamentos estão no cerne do desejo de descobrir possibilidades para fixar em suas peles sentidos e iconografias detentoras de personificação de cada subjetividade historicizada pelo tatuado. Que relações há entre o que eles tatuam em suas peles e o que querem dizer? Quais os autores dessa pele saliente de sentidos tão vivos, dessas histórias que insistem em nos contar e recontar cotidianamente as experimentações de cada sujeito? Percebemos como uma história que persiste em não ter fim, mas apenas nos conta uma sinopse e fazemos os enredos a partir de nossas subjetividades. Um livro sem fim, mas que o autor, detentor de uma subjetividade que em vias de se reterritorializar, empresta-se para o outro ser coautor de suas experiências. Foucault (2009) retoma Blanchot em "A linguagem ao infinito", afirmando que devemos escrever para não morrer. Assim, as marcas corporais denunciam essa verdade. Ao tatuar, escrevemos na pele histórias que serão contadas e recontadas, tornando vivo cada sujeito que fizera e faz parte destas experiências.

Assim percebemos os sujeitos desta tese. Escrevem para não perderem os sentidos, a experiência, a vida. Mas o que garante que o que fora escrito em suas peles dá conta dos sentidos literais que desejam representar? A literalidade das iconografias depende de cada observador e de suas experiências subjetivas. Concordamos, dessa forma, que cada história vai tomando rumos diversos a partir das construções de cada autor-observador. Foucault (2011) aponta para um discurso em que as palavras não dão conta do sentido, então, imitam, produzem dizeres metafóricos por seu efeito de dispersão. Os entrevistados apresentam essa dispersão, seja pelas iconografias, seja pela verbalização escrita. Porém, Foucault (1999, p. 5) conclui acerca dos sujeitos imersos na condição de observador e observado: nenhum olhar é estável, ou antes, no sulco neutro do olhar que ultrapassa a tela perpendicularmente, o sujeito e o objeto, o espectador e o modelo invertem seu papel ao infinito. Apontamos essas possibilidades de brincar com o que fora mapeado em sua pele, categorizando-se de alegre, figuras polimorfos, corpo em detalhes a se finalizar com a leitura do outro. E cada outro, uma leitura diversa. Assim são os muitos autores de nossa corporeidade: com olhares, dizeres, interpretações, vão constituindo nossas subjetividades nas relações. Trazendo a questão da

interação, Bakhtin (2009, p. 117) afirma que “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.” Entendemos essa relação como a tatuagem, seja ela verbal ou não-verbal, sendo o esteio simbólico e reacional entre os sujeitos e suas constituições subjetivas, formando, assim, o todo social.

Podemos problematizar a escrita e suas possibilidades, que são realizadas nos corpos do sujeito. Será a escrita, como fora apontada por Plutarco, uma operadora de verdades, transformando então em *ethos*? Essa etopoiética configurada como impressão, seja como um livro denotando verdades particulares, contribuindo para a formação subjetiva, ao qual se classifica como *hypomnemata*— documentos escritos do século I e II, ou como correspondência, melhor dizendo, textos enviados para ajudar ao interlocutor essa formação do *ethos*. É importante trazer essa forma de escrita para o campo da *techné* enquanto tecnologias que compreendem o cuidado de si. Essas eram tecnologias da escrita de suas experimentações com o afã de ajudar aos outros e é uma arte de conhecer-se, de trato consigo mesmo para manutenção de suas experiências. Abaixo, uma pele que denota a escrita de si com vieses *hypomnemata* do século I e II. A seguir observamos a entrevistada 2.

Imagem 4 – Entrevistada 2: Escritas de amores e desamores



Fonte: Acervo do Autor

Os *hypomnemata* apresentam-se como um suporte da memória, não podendo ser descritos como uma escrita particular, mas um já-dito, elementos dos quais se pode ler e ouvir

que foram constituidores de si, muito próximo ao que os sujeitos apontaram. São iconografias que tais sujeitos fizeram de suas próprias verdades, constituintes de subjetividades. Assim, as apresentam como resultado para que sirva de discurso para o outro. Foucault (2009, p. 137) afirma:

Por mais pessoais que sejam, estes hypomnemata não devem porém ser entendidos como diários íntimos, ou como aqueles relatos de experiências espirituais (tentações, lutas, fracassos e vitórias) que poderão ser encontrados na literatura cristã ulterior. Não constituem uma “narrativa de sim mesmo”; não tem por objetivo trazer a luz do dia as arcana conscientiae cuja confissão – oral ou escrita – possui valor de purificação. O movimento que visam efetuar é inverso: trata-se não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pode ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si.

Dizer suas experiências constituintes de si através dos escritos corporais, impregnar na pele suas sensações, como Foucault (2009) frisa, não como prestação de contas para a salvação no pensamento do século II, como salvação carismática, pois as tatuagens contam o que já se tem sabido, mas com o desejo de ser lido, relido e denotado aos leitores o que os constituiu. É a impregnação do passado ao qual se pode voltar quando quiser, bastando apenas ler-se.

Escrever na pele para deixar perto de si as experiências e, assim, mostrar para o outro como fora constituído seu eu, foi nosso interesse. Os sujeitos pluralizaram suas possibilidades de ser através de uma vasta rede de palavras e iconografias. Em diversos casos, o que fora tatuado fizera sentido num dado momento de suas vidas, mas perdeu o sentido enquanto escritos a serem apresentados como constituintes de si. Dessa forma, aparece a reescrita de novas experiências sobre o que fora escrito/desenhado. Apresentamos uma espécie de palimpsesto tegumentar. Novas experiências cobrem o que já não faz mais sentido em si. Reportaremos, neste estudo, ao efeito palimpsesto, formador de subjetividades de alguns de nossos sujeitos; dá-se para cobrir cicatrizes que as experiências lhes proporcionaram. Muitas vezes, desafetos e desamores são acompanhados de muito sofrimento. Então, os sujeitos cobrem a pele com novas imagens para encantar e apagar o sofrimento. Bauman (1998, p. 36) intitula de identidade de palimpsesto quando a imagem de si parte numa coleção de instantâneos e que cada um deve abstrair o seu próprio significado deixando a alteridade minimizada. O autor afirma:

Em vez de construir sua identidade, gradual e pacientemente, como se constrói uma casa – mediante a adição de tetos, soalhos, aposentos, ou de corredores -, uma série de “novos começos”, que se experimentam com formas instantaneamente agrupadas

mas facilmente demolidas, pintadas umas sobre as outras: uma identidade de palimpsesto.

O sujeito se reconstrói a partir de novas marcas corporais, como um processo pós-moderno, em que esquecer é mais importante que memorizar, que aprender. Bauman (1998) ainda compara a sociedade líquida que vive essa perspectiva do palimpsesto como uma fita de vídeo que está sempre pronta a ser apagada e receber novas imagens, ou mesmo se reconstruindo a partir de novas sensações. Apontamos sujeitos que a arte de esquecer os faz adaptar-se a novas sensações. Mas aqui há uma pequena variação desse palimpsesto de identidade, pois as tatuagens são cobertas com outras concernentes ao instante. A subjetividade na pós-modernidade está mais perto do adaptar-se às novas circunstâncias. Fazer um *cover up* do que passara é continuar no jogo, é produzir novas verdades, novos sentidos.

Abaixo, temos uma experiência desse palimpsesto. O sujeito em questão cobriu o nome de um amor que já não fazia mais sentido e que acabou. Como palimpsesto, ela recorreu a uma imagem que desse conta desse apagamento superficial. Acreditamos que a escritura anterior continua tão presente em sua carne quanto o *cover up*. O que ocorre é que os outros não veem, mas ela, ao olhar o que fora tatuado, uma chave, sabe que ali esconde-se uma cicatriz em forma de experiência mal vivida e que fora apagada, mas lá está. Podemos ver na imagem abaixo da entrevistada 2, uma chave que pode servir para abrir portas do sentimento, de segredos, ou para fechar e esquecer em qualquer lugar no passado, lembranças de sua constituição subjetiva que não faz mais sentido.

Imagem 5 – Entrevistada 2: A chave que fecha as experiências do passado



Fonte: Acervo do Autor

Experiências em palimpsesto são muito recorrentes nessa prática de escrever no corpo nomes de sujeitos amados. Com o fim do relacionamento sempre se recorre ao *cover up* ou técnica de palimpsesto. São experiências que doem muito, seja sentimentalmente, seja na técnica do palimpsesto, pois demandam mais tempo, outro amor, mais tinta, outros sentidos, cores mais, outra experiência avassaladora, novas feridas abertas em ferir a pele, novas cicatrizes, para então aflorar o belo: cores em forma de texto e imagens.

Os sujeitos constituintes de seus corpos apresentaram as tatuagens como recorrência de suas experiências, de suas vivências e as escreveram na pele como texto para si e para o outro, como um recontar diário. É escrever suas histórias, tornando quem os cerca autores e coautores delas, pois serão seus interpretantes, seus leitores que atribuirão sentido ao que fora cravado na pele. Tatuam-se para o outro, também.

Em “O que é um autor?”, Foucault (2009) analisa o conto "As mil e uma noites" e diz que na nossa cultura a escrita é como um sacrifício da própria vida. Assim, vemos o Entrevistado 5 a seguir. Cada inscrição corporal deu-se pelas passagens de sucessos e saúde. O autor conclui:

De modo distinto, a narrativa árabe – estou a pensar nas Mil e uma Noites – tinha também como motivação, como tema e pretexto, adiar a morte: contavam-se histórias até de madrugada para afastar a morte, para evitar o momento em que o narradores calaria. A narrativa de Xerazade é o reverter do assassino, é o esforço de todas as noites para manter a morte fora do círculo da existência. A nossa cultura metamorfoseou este tema ou da escrita destinadas a conjurar a morte; a escrita está agora ligada ao sacrifício da própria vida; apagamento voluntário que não tem de ser representado nos livros, já que se cumpre na própria existência do escritor. (FOUCAULT, 2009, p. 36)

Fugir das experiências que o levariam à morte e eternizar o sucesso na pele foi o feito do entrevistado 5. Como afirma Orlandi (1993), nossa sociedade tem urgência em dizer e, assim como as práticas de sentido que a levam a uma visibilidade constante, os grafismos na pele têm esse desejo de urgência, de entregar-se ao outro. Se o corpo apresentava-se sem sentido, opaco, sem graça, agora, com a textualização, encontra-se culturalizado, pleno de sentido, historicizado. Isso até a nova possibilidade de se re-historicizar e contar novas histórias. O sujeito que destacamos na imagem abaixo tem sua assinatura de si com uma caricatura da personagem que representa na noite como *Drag Queen*, chamada Divina Shakira. Como afirma Foucault (2006), o que nosso entrevistado propõe em seu corpo é intitulado “artes de si mesmo”, um reinventar para viver suas dificuldades, mas como materialidade discursiva, talhando na pele sua caricatura, sua personagem de guerra.

Nossos sujeitos que foram descritos neste capítulo compõem a pedra de toque, linguagem como prática social, em uso, que traz para o cerne das discussões sujeitos que foram por muito tempo marginalizados e tidos como abjetos socialmente por não seguir padrões sociais aceitos. Esses sujeitos, para nós, diziam algo, apresentavam uma pele que saltavam histórias que urgiam por interpretações e representações discursivas do eu na sociedade. O que queriam era um lugar social, sem a preocupação da saída de uma pseudo-marginalização, pois estamos em plena transição de uma sociedade plena de certezas para uma sociedade de indivíduos com certezas líquidas, fluidas e cambiáveis. Sociedade esta em que os indivíduos se constituem com uma gama cada vez maior de referências, produzindo uma sociedade plural, em que o diverso cada vez mais tem lugar e as possibilidades nômades de se constituir não mais serão problemas. Vejamos abaixo, no **entrevistado 5**, uma possibilidade imagética sensível: estrelas, fadas e borboletas em um corpo masculino, a partir de homenagens à personagem que trabalha há 10 anos, 363 estrelas ao longo do corpo que contam histórias de paixões, vitória, alegrias e tristezas. Para nosso sujeito, suas inscrições subjetivam lembranças de limites ultrapassados, cuja importância é singular em sua vida. Portanto, as documenta para que outros leiam e tomem ciência dos acontecimentos, sejam eles positivos ou negativos.

Imagem 6 – Entrevistado 5: Tatuagens e uniformidade de imagens



Fonte: Acervo do Autor

Transformar a pele nesse caderno com páginas em branco, pronto para receber relatos de experiências testemunhais, foi uma tecnologia já apontada acima como *hypomnemata*. Nosso entrevistado relata o seguinte:

A pele é o único lugar que você pode escrever algo sobre você. A pele é uma página em branco. A tatuagem está em você. Até seu último momento ela será vista, e será comentada, e será lembrada! (informação verbal)<sup>6</sup>

O que nosso entrevistado nos demonstra o conceito de *hypomnemata*, que Foucault retoma do século I e II:

---

<sup>6</sup> Informação cedida por Zilmar Júnior em entrevista que se encontra transcrita na íntegra no Apêndice.

O seu uso como livro de vida, guia de conduta, parece ter-se tornado coisa corrente entre um público cultivado. Neles eram consignados citações fragmentos de obras, exemplos e acções de que se tinham sido testemunha, ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivesse vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior. (FOUCAULT, 2009, p. 135)

Afirmado na fala do entrevistado, sua pele como um caderno, um livro a ser escrito, não apenas as experiências boas, como também as experiências que demandaram sofrimento. Marcar para que todos não passem pelo mesmo erro, pela mesma dor. Por sua vez, marcar as alegrias pelo mesmo motivo. Percebemos que tais iconografias exercem uma materialidade discursiva que subjetiva concretamente vivências, produzindo por sua vez também alteridades. No instante em que eu escrevo para o outro ler, e importo-me que o leitor tome conhecimento das positivities e negatividades de minhas experiências, também produzo a subjetividade no outro.

Estou dando outro endereço ao meu corpo, estou customizando-me...

**Isadora Araújo**

### 3 GOVERNANDO SUBJETIVIDADES: A TRANSGRESSÃO COMO TÉCNICA DE SUBJETIVAÇÃO

O governo de si aqui apontado tratar-se-á de uma abordagem na construção do corpo a partir dos escritos corporais que transbordam em subjetividades dos sujeitos em questão, objetivando como o sujeito, tomando como base suas experiências afetivas transcritas na pele, apresenta formas de governo de si. Cabe ainda frisar que, para Foucault (2010), as tecnologias do governo de si perpassam pelo cuidado de si e pelo conhecer-se.

No que tange aos sujeitos desta tese, as experiências vividas impressas na pele apontam para essas possibilidades. Cada tatuagem vem repleta de sentidos, traduzidos por uma linguagem que traz à tona cotidianamente suas sensações e emoções, seja em verso, prosa ou imagens. Foucault (2011) aponta a linguagem como espaço de metamorfose, no qual se desdobra e desliza sobre si mesma. As tatuagens aparecem numa geografia corporal e temporal que situa cada experiência em seu tempo-espaço. Eis o desdobrar discursivo: aponta novas possibilidades interpretativas e de sentidos tantos para cada marca corporal. Esse corpo-linguagem apresenta-se como maneiras sýnicas de ver o mundo e suas experiências. O autor afirma que tais impressões fazem com que o corpo fale, que exija sua interpretação, mas sem alocar sentidos únicos. E assim, Foucault (1999, p. 9) nos adverte: “[...] o que olha e o que é olhado permutam-se incessantemente”, constituindo subjetividades e verdades a cada interação no espaço social. Portanto, a linguagem em uso produz sentidos e verdades, possibilitando novas invenções.

Governar-se e cuidar de si tem uma relação de complementaridade. O cuidado consigo voltado para o autoconhecimento dá aos sujeitos a dimensão de suas fragilidades, seus erros, fazendo assim que o sujeito volte para si e trabalhe essas faltas. Esta noção traduz o cuidar-se, conhecer-se para governar-se. Estas noções socráticas aparecem como diferentes, porém complementares. A noção primeira é cuidar de si, que envolve o exercício de retorno a si, de culto a si mesmo, introspecção para o autoconhecimento, primeiro despertar. Foucault (2010, p.12) nos afirma:

Enfim, com a noção de epimelía heautoû, temos como um corpus definido uma maneira de ser, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade.

É nesse sentido que o retorno às ações que marcaram suas vidas são formas de cuidado de si, trazendo à tona toda uma vastidão de sentimentos que o constitui e traz sentido para sua relação consigo e com o outro. Cada sujeito usa a linguagem tatuagem para expressar o seu ser, seus desejos e experimentações e, assim, comunicar-se com outrem. Aqui, a noção de cuidado consigo é bem representativa, pois o zelo em usar o corpo da melhor maneira para essa auto-expressão, a decisão iconográfica ou verbal, tem ligação de complementaridade com os sentimentos e sentidos inscritos.

Conhece-te a ti mesmo, preceito délfico, aparece como um segundo momento do cuidado de si, pois uma vez que o sujeito esteja cuidando de si, ele será capaz de conhecer-se, de saber seus limites e, assim, terá acesso à verdade.

Passamos, então, para a compreensão de governo de si não apenas como relações estratégicas de poder político, mas como Foucault (2010) nos aponta, como relações de discursividade no que tange ao móvel, reversível, como também na relação de si para consigo. O sujeito a partir das tecnologias de escrita de si é como hypomnematas, ou como palimpsesto para subjetivar memórias vivenciadas, apresenta o cuidado de si para governar-se e, dessa forma, subjetivar-se. O sujeito, mediante tais práticas, é capaz de uma conversão a si mesmo, transformando, assim, em *êthos*, em práticas de conhecimento e verdade. Abordaremos a seguir como os sujeitos desta pesquisa se subjetivam em práticas inscritas na pele.

### **3.1 A Constituição do sujeito como prática da liberdade**

A constituição de sujeito na sociedade moderna vai além de uma amálgama de experiências, da relação com o outro e de sua formação identitária fixa. Discutiremos o cuidado de si repercutindo em governo de si como prática de liberdade. Para tais discussões, recorreremos ao curso dado no *Collège de France* nos anos de 1981 e 1982, intitulado "A Hermenêutica do Sujeito". Nesse curso, Foucault traz à tona a questão do sujeito e da verdade no ocidente, à luz de filósofos clássicos greco-romanos. Perpassar conhecimentos por entre o cuidado de si na constituição da subjetividade dos sujeitos tatuados, levando-os à prática da liberdade é nosso objetivo.

Foucault (2006, p. 267) elabora uma questão a ser pensada acerca da ética como expressão da liberdade: "Como se pode praticar a liberdade?". E então conclui que essa é condição primeira para a ética, bem como o agir eticamente é uma premissa da liberdade. Voltemos à questão de como os sujeitos tatuados traduzem essa prática como liberdade, como

se apresentam, construindo uma ética e uma liberdade, aproximando-se de um *ethos*, de subjetividade.

Cuidado de si através de suas impressões na pele, impressões essas como continuidade de eventos ou sensações, demarcam corpos em construção, mas, ao mesmo tempo, diferenciação do outro. Le Breton (2002) afirma que as marcas corporais são pontos de intersecção entre as experiências vividas, a cultura, a relação de exterioridade consigo e com o outro. Le Breton traz um fragmento do *Le livre de l'intranquillité*, do poeta português Fernando Pessoa, afirmando que o sujeito está tão exteriorizado de si que não consegue mais viver sem tal exteriorização. Assim são as inscrições na pele. São postas na superfície de si – pele – suas sentimentalidades, que os põem expostos ao outro, às suas interpretações, suas intervenções com questionamentos acerca do sentido e da história para tantos observadores que conjuntamente dão sentido às marcas inscritas. A relação com a exterioridade de si através de tatuagens como práticas de subjetividade e de liberdade. Souza Filho (2011, p. 16) retoma Foucault acerca das experiências subjetivadoras no sujeito em trânsito.

A liberdade é da ordem dos ensaios, das experiências, dos inventos, tentados pelos próprios sujeitos que, tomando a si mesmos como prova, inventarão seus próprios destinos. Assim, experiências práticas de liberdade, sempre sujeitas a revezes, nunca como algo definitivo, como numa vitória final.

Podemos observar que a marca de suas experiências objetiva exteriorizar-se para que continuem vivas no social. O outro participa das vivências exteriorizadas e ajudam-na a compô-la também. Os sujeitos apresentam-se em construção de si, do outro e da história que os cerca. Assim, temos a formação histórica e social de si, a constituição de sua subjetividade, de seu eu a partir de experiências e de infindáveis fragmentos de si, acrescentamos o que PálPelbart (2013, p. 45) afirma: “Precisamente uma concepção de experiência concebida como metamorfose, transformação, na relação com as coisas, com os outros, consigo mesmo, com a verdade.”

A socialização de suas experiências, seja para tornar-se um membro igual aos demais, seja para torná-lo singular devido suas estampas na pele, apresentam-se como uma possibilidade baseada na liberdade. Os pesquisados apresentaram-se preocupados consigo, com seu corpo, com suas histórias de vida e de experiências, a ponto de expô-las artisticamente em seu corpo. Exteriorizando suas experimentações, seus desejos e suas passagens por momentos importantes como uma linguagem, o outro se torna seu leitor. Os signos elencados para tais escritas comungam sua intencionalidade semântica, bem como com

sua compreensão. Mas não podemos esquecer que o cuidado consigo é uma premissa ontológica ao cuidado com o outro. Foucault (2006) aponta para o cuidado de si estando eticamente em primeiro lugar. Prossegue afirmando que o cuidado de si é uma conversão de poder, de controle de si, evitando, assim, a imposição de poder sobre o corpo do outro, a escravidão. Essa conversão de si põe no cenário subjetivo a relação do sujeito com os jogos de verdade para a manutenção de si, de suas crenças, de sua história. Essa conversão se configura como um possível espaço para a inscrição de práticas de liberdade.

Foucault (2006) afirma que para se ter liberdade, é preciso lidar com as relações de poder. Se há relações de poder no espaço social, é porque há liberdade também.

Isso significa que, nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que inventam a situação, não haveria, de forma alguma, relações de poder.

As tatuagens são concebidas como ponto de fuga, uma vez que, em nossa sociedade judaico-cristã, é uma forma de macular o corpo, de usá-lo negativamente, de adjetivar os sujeitos como descompromissados, alternativos, entre outros créditos negativos. Os sujeitos em questão apresentam-se enredados nesse jogo de verdade entre o livre arbítrio na construção de seu corpo e sua subjetividade, e de olhares preconceituosos da sociedade. Além de se tornarem, também, mais próximos da visão biopolítico-outro. (FOUCAULT, 2008). Construção social de corpos, de saúde, perigo, higiene, entre tantas facetas que as instituições impõem para controlar os corpos na sociedade moderna.

Os corpos tatuados também servem para essa manutenção do olhar daquele que pode ser contraventor, transgressor do social. Assim, suas marcas corporais servem para enquadrá-los nos cânones institucionalizados da justiça, da religião, do cidadão ético e moral. Para além de ser uma subjetivação de seus desejos e vivências, as tatuagens também os enquadram aos olhos institucionais.

O cuidado consigo mesmo aponta, como afirma Foucault (2006), para práticas de experiências e vivências com a liberdade, e assim, a concepção do sujeito ético. Trazemos para a concepção de subjetividades tatuadas, produzindo, desta feita, outros sujeitos, outras subjetividades, outros *ethos* que reconstituem sujeitos pelas artes do cuidado consigo. Foucault aponta para esta liberdade:

[...] para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se - eis o aspecto familiar do *gnôthi seauton* - e

para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo. (2006, p. 268)

Recortamos “nunca como definitivos” e vislumbramos as peles de nossos sujeitos de estudo. Ela está sempre à mercê de novas escritas que as complementam, e tantas outras vezes, que as substituem com novas formas, cores e sentidos, formando, assim, a ideia de palimpsesto. O que se apresenta como definitivo é a vontade de registrar momentos importantes em sua derme, em textualizar seu corpo e transformá-lo em corpo a ser explorado, lido, vivenciado e interpretado em cores, formas e sentimentos.

Acreditamos ter chegado ao conceito de liberdade foucaultiana. Vivenciar tais práticas de liberdade é torná-la comum para consigo e com o outro, além de ser alcançada a partir do pressuposto socrático-platônico *Epimelía Heautoû* para se alcançar o *Gnôti seautón*, produzindo o governo de si. Liberdade de produzir iconografias, trazer um corpo saltitando sentimentalidades, por meio de coragem, dor e sangue, traduzir vivências em palavras e imagens, uma pele em forma de rascunho a ser corrigida e colorida para deixá-la bela. Sousa Filho (2011, p. 23) conclui: “O objetivo estético da ética: fazer de si uma obra artística, estilizar e embelezar a vida”. É dessa forma que os pesquisados se sentem: obra de arte a ser vivenciada por si e pelos outros. Concluo com o conceito de Naves (2004, p. 146) acerca da liberdade: “E a liberdade, como a verdade, também nunca está pronta”.

### **3.2 Corpo-arte, corpo-sentido, corpo-linguagem: a constituição do eu transgressor a partir das tatuagens**

O corpo que traremos à tona neste estudo é um corpo apto a desconstruir-se e reconstruir-se tantas vezes sejam necessárias para o bem estar consigo, para a constituição de um corpo-arte no que tange ao belo, corpo-sentido que deixa na superfície da pele possibilidades históricas, experienciadas e vivenciadas para que o outro comungue consigo sua vida através de iconografias a serem lidas e interpretadas, e corpo-linguagem que comunica e produz uma variância discursiva entre o verbal, o não-verbal, a representação sígnica, através das semelhanças ou similitudes abordadas por Foucault (1988). Apontaremos como essas possibilidades constitutivas da subjetividade e dos corpos refletem em transgressão, aqui entendida como romper limites como práticas de liberdade. Traremos sensações vividas e coloridas na pele como uma obra de arte disposta em aquarela para causar

sensações tantas em quem as admira, mas sem a pretensão de verdade às claras, como afirma Cézanne, enreda-se no misterioso.

Merleau-Ponty (2004, p. 22) afirma que “a visão do pintor é um nascimento continuado”, referindo-se à produção do Ser que transborda na ação dos artistas. Essa assertiva é muito coerente com as iconografias impressas na pele de nossos entrevistados. A cada novo sentido advindo das palavras e/ou imagens, um ser renasce, uma história se torna pública e traz à tona uma gama de discursividades advindas das relações experienciadas com outrem. Tais sensações renascem ao serem cravadas na pele sob o olhar dos observadores. Tantas vezes, a impressão é que quem nos olha são as próprias tatuagens. Elas nos chamam a interpretá-las. Temos, assim, o discurso em ação.

### 3.2.1 O corpo-arte como possibilidade transgressora

Começamos, então, com o conceito de arte para melhor situar esse corpo que possui uma simples pele “sem a menor graça<sup>7</sup>” para um corpo repleto de cores e formas que traduzem sensações das mais variadas, bem como interpretações. Pois, como sabemos, a interpretação é da ordem da subjetividade.

A arte da qual nos ocuparemos aqui traz os conceitos na explanação foucaultiana entre ascese pagã e ascese cristã<sup>8</sup> no período helenístico e romano. O conceito de arte aparece como uma *tékhne*, técnica da vida como objetivo de alcançar a verdade e exercer sobre si exercícios que o levem a esse encontro consigo. Foucault (2010, p. 296-297) afirma:

Parece-me que na ascese pagã, na ascese filosófica, na ascese da prática de si da época de que lhes falo, trata-se de encontrar a si mesmo como fim e objeto de uma técnica de vida, de uma arte de viver. Trata-se de encontrar a si mesmo em um movimento cujo momento essencial não é a objetivação de si em um discurso verdadeiro, mas a subjetivação de um discurso verdadeiro em prática e em um exercício de si sobre si.

Marcar o corpo como expressão de uma arte de si, de exercício de encontro com suas experiências é o que apresentamos no que concerne às tatuagens. Tatuagem, exercitando crenças com caveiras simbolizando que todos somos iguais, com amuletos da sorte, com versos que falam de si, levam à produção de sua verdade geografizada no corpo, maculado por signos interpretáveis pelo outro e por quem muitas vezes participou de sua vida. Arte de encontro consigo, com sua memória, transformada em técnica de expressão em cor: tatuagem.

<sup>7</sup>Expressão muito utilizada como justificativa para suas inscrições no corpo

<sup>8</sup>Na ascese cristã, o indivíduo, usa a arte de si como renúncia de si, abdica o conhecer-si em nome do divino.

Uma tecnologia que transforma o corpo e o leva a conviver melhor consigo, alcançar felicidade e eternização iconográfica de seus desejos. Volto à epígrafe deste texto: recriamos como uma obra de arte, única, vistosa e repleta de sentidos.

No que tange à transgressão, a própria irrupção cutânea é, por si só, uma forma de ir além da fronteira do corpo. Transgredir o senso de belo/estético encontrado na sociedade que traz um corpo sob o olhar dessa ascese cristã em que é preciso cuidar de si renunciando o conhecimento de si. O corpo apresenta-se como um *locus* sagrado e imaculado. Usar tatuagens, grafismos, escarificações, alargadores, entre outras técnicas de si, é transgredir o que o sagrado nos deu para que cuidemos, é abandonar a casa em que habitamos. Como afirma Bataille (2013, p. 87), “Não há interdito que não possa ser transgredido.” Assim, a arte de transgredir está concernente com os sujeitos deste estudo, pois os mesmos transgridem o social com uma mescla de sangue, dor, experiências vividas e tinta, modificando sua pele e tornando-a animada<sup>9</sup>.

A propósito da transgressão, termos o sujeito abaixo que textualizou sua pele com um tipo peculiar de imagens que são fadas, estrelas, santas e uma caricatura de um personagem que ele representa na noite, em shows e festas privadas. Seu corpo traz uma tripla transgressão: primeiro, por não ser textualizada com o que comumente os homens marcam sua pele, que são grafismos mais grosseiros, menos delicados e com mais expressão de força, do *bios* que insiste em torná-los mais viris; segundo, porque esse sujeito brinca com o olhar do outro, possui uma infinidade de tatuagens que podem ser apresentadas quando queira, pois estão em lugares no corpo que podem ser escondidos; e, por fim, transgride o religioso com fragmentos bíblicos, pois o mesmo apresenta-se como uma superação a uma doença terminal, mas sua escrita corporal atesta sua saúde e agradecimento ao divino pela vida. Bataille (2013, p. 91) nos afirma, acerca da transgressão sagrado-profana:

A transgressão excede, sem o destruir, um mundo profano de que é o complemento. A sociedade humana não é apenas o mundo do trabalho. Simultaneamente – ou sucessivamente – o mundo profano e o mundo sagrado a compõem, sendo suas duas formas complementares. O mundo profano é aquele dos interditos. O mundo sagrado se abre a transgressões ilimitadas.

Nessa perspectiva, o sujeito da imagem abaixo traz consigo essa linha transgressiva, ora no profano, ora no sagrado. Quanto ao mundo do trabalho, ainda tem a tatuagem como uma transgressão moral. Eis o motivo de muitos sujeitos tatuarem-se em lugares que a roupa cobre, ou mesmo, seus desejos são frustrados.

---

<sup>9</sup>No sentido de ter vida, de *animé*.

Imagem 7 – Entrevistado 5



Fonte: Acervo do Autor

Trazendo para a ordem do cuidado de si, a arte, como foi explicitado, é uma *tékhnē*, uma maneira de encontro consigo, de conversão e reinvenção de si sobre si, almejando alcançar a liberdade. Isto posto, o conhecimento de si como conversão a si é uma *arte/tékne* para governo de si. Uma vez o sujeito conhecendo-se, ele tornar-se-á capaz de governar-se e conhecer a verdade.

No texto "A dúvida de Cézanne", Merleau-Ponty (2004, p. 133) aponta para um conceito de arte: "A arte não é nem uma imitação, nem, por outro lado, uma fabricação segundo os desejos do instinto ou do bom gosto. É uma operação de expressão." Assim apresentam-se as inscrições na pele de nossos sujeitos de estudo: estão além das concepções instituídas acerca da arte, são, sobretudo, um grito interior para sua expressão. O autor ainda

conclui que a vida não explica a obra de arte, mas comunica-se com ela. Portanto, a obra para ser necessitava da vida, das histórias e sentimentalidades dos sujeitos para dar cor às artes pintadas nas peles.

Foucault (1988) traz à tona a discussão sobre arte quando escreve acerca de Klee, Kandinski e Magritte em “Isto não é um cachimbo”. O autor discute o elemento gráfico e o plástico. Aquele se refere ao grafismo, traços e cores impressas que forçam um dizer culturalizado, enquanto que este é da ordem da representação, do que simboliza tais traços e cores.

### 3.2.2 O Corpo-Sentido: Tecnologias para o Cuidado de si em Saberes Coloridos na Pele

Apropriando-se do conceito de tecnologias do eu, Foucault (1990, p. 48) as define como “certos números de operações sobre o corpo, sua alma e pensamento, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmo.” Temos a arte, a pintura, a tatuagem como uma *tékhné* que vai promover experiências individuais e ao mesmo tempo coletivas, pois saltam aos nossos olhos, que transbordam em subjetividades impressas e coloridas. Essa tecnologia que Foucault (2010) conceitua são formas de o indivíduo tornar-se eterno em seu momento discursivo. No corpo-sentido, cada tatuagem presentifica e eterniza suas experiências. Assim, a partir do uso das tecnologias de textualizar-se, expressar sua história através de iconografias, o sujeito apresenta o cuidado de si como um corpo em pleno autoconhecimento, eternizando suas experimentações. Experiências transformadas em arte, arte milenar de riscar-se, adornar-se e colorir a vida com tinta e imagens imemoriais.

Apresentamos neste item um corpo que nossos sujeitos identificam como descartável, enfim, não mais como destino fixo das identidades. Le Breton (2003, p. 28) define, em *Adeus ao corpo*:

O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o ser-no-mundo, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável, suscetível de muitos emparelhamentos. Deixou de ser identidade de si, destino da pessoa, para se tornar um kit, uma soma de partes eventualmente descartáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si.

O corpo que o autor apresenta coaduna com um corpo dócil, com identidades fragmentadas e possível de se ressignificar a cada nova experiência, afastando qualquer possibilidade de fixidez identitária. Esse corpo que Rose (2001) afirma ser a impregnação de

vivências, de saberes e discursos. O autor afirma que inventamos nossos eus a partir de estar no mundo. O corpo social é constituído no século XXI de fragmentos poliformes e polifônicos. Poliforme na sua apresentação física transbordante de imagens, de intervenções, tornando, assim, uma sociedade em que o normal é ser diverso. Corpos polifônicos no que tange aos discursos que nos constroem subjetividades. Somos corpos-discursos atravessados pelo dizer do outro. A constituição de si encontra-se firmemente atrelada à constituição do outro. Assim, temos “o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas de outros sobre si.” (ROSE, 2001, p. 142).

A conversão de si é uma tecnologia que advém de duas outras práticas de si: cuidado consigo e conhecimento de si. Acreditamos que as três têm algo de complementar entre si. Porém, abordaremos a metáfora da navegação para melhor situar tal conversão de si de nossos sujeitos.

Foucault (2010, p. 222-223) aponta quatro elementos importantes para a conversão de si situada nessa metáfora da navegação: primeiro, “[...] deslocamento efetivo de um ponto a outro”. Nossos sujeitos atravessam as diversas situações da vida, alcançam postos, burilam suas emoções, trafegam a partir das experiências vivenciadas, trajetos que os fazem amadurecer e cuidar de si, mesmo diante, muitas vezes, de experiências doloridas. Essa fase intitulo como a primeira da metáfora. Não há conhecimento de si se o sujeito não trafegar por caminhos diversos, mas que marquem seu deslocamento de um ponto a outro do trajeto.

Segundo momento, há neste deslocamento uma meta, um objetivo, um ancoradouro, terra firme para sua segurança. Nossos sujeitos, com o desejo de conversão de si, desejam segurança para tal mudança. Encontram-se, assim, no corpo, o lugar seguro para registrar suas experiências. O corpo, apesar de estarem constante transformação, também é o *locus* da eternização das sentimentalidades, dos desejos. Nesse aspecto, tatuar suas memórias na pele é uma forma de segurança e proteção. Para alguns entrevistados, a mãe, ou a família, é tida como porto seguro, como segurança ontológica. Assim, registram na pele tais elementos que garantem seu ancoradouro. Abaixo, temos algumas demonstrações registradas na pele. Birman (2006) nos fala dessa possibilidade de sermos expostos às notícias midiáticas de horror. De tanto consumirmos tais mensagens violentas, nos acostumamos e criamos uma proteção amalgamada de fatos comuns do dia-a-dia. Percebemos que, na travessia cotidiana, o registro na pele de entidades que nos deem proteção também aparece nas peles tatuadas. Proteção contra o preconceito do outro, proteção divina que dá resistência e força para continuar vivendo. Birman (2006, p. 342) nos diz: “Criamos talvez uma camada de proteção

contra o que há de horroroso nisto tudo, uma carcaça mineralizada em vez de pele, para repelir o que existe de traumático na dor que tudo isso nos provoca”.

Imagem 8 – Entrevistada 4



Fonte: Acervo do Autor

Imagem 9 – Entrevistada 1



Fonte: Acervo do Autor

Em ambas as peles, o nome da mãe, as recorrências religiosas como ancoradouro de segurança são elementos que se repetem.

Seguindo com a metáfora, a perspectiva de retorno ao início, à origem. Foucault (2010, p. 222) diz: “Nessa mesma ideia de navegação, há o tema que o porto ao qual nos dirigimos, é o porto inicial, aquele onde encontramos nosso lugar de origem, nossa pátria. A trajetória em direção de si terá sempre algo de odisseico”. Retornar à origem, apresentar na pele que somos todos iguais. Assim, encontramos diversas inscrições que apresentam essa ideia de retorno às origens. Caveiras, tatuagens bioesféricas, demonstrando o quanto corporalmente e humanamente somos iguais.

Filipe, nosso entrevistado 3, afirma: O coração, órgão tão representativo para nossa sociedade ocidental, demarca o quanto humanos e iguais somos, além de elementos religiosos que também figuram como o que há de retorno à origem, ao que é mais peculiar em nós. As tatuagens de órgãos humanos e figuras religiosas foram encontradas em quase todos os entrevistados, que recorreram à mesma analogia: o que nos torna iguais, o princípio do humano.

A quarta e última passagem dessa metáfora diz respeito aos riscos que corremos na travessia com objetivo de alcançar a meta traçada. Encontramos uma diversidade de

contratempos, de perigos que podem nos extraviar. Assim, aprender a arte do cuidado de si, de técnicas para nos assegurar, é importante. Nossos entrevistados apontaram para uma trajetória de vida em que doenças lhes desestabilizaram, perda de pessoas queridas e mesmo risco de morte foram apresentadas como perigos de viver. Para tanto, tornaram-se comuns as tatuagens a partir de práticas discursivas que traduzem sentidos de agradecimento e testemunho de vida após essa fase tempestuosa de vida.

Imagem 10 – Entrevistado 3



Fonte: Acervo do Autor

### 3.2.3 O corpo-linguagem: uma pele textualizada

Discutiremos o conceito de discurso e formação discursiva que atravessam e textualizam os corpos transgressores a partir dos textos, imagens e experiências coloridas que saltitam nosso olhar. Os discursos tatuados, em sua grande maioria, apresentam os indivíduos construtores de suas subjetividades e de signos culturais que expressam sentimentos e emoções vivenciadas. Tais sujeitos se dizem autores de seus discursos, pois encarnam com paleta de cores, desenhos e grafias, textos repletos de sentidos que são fragmentos de si. Rose (2001, p. 141) anuncia que “[...] temos a individuação de um dia, de uma estação, de um ano, de uma vida, de um clima, de um vento, de uma neblina [...]”. É esse corpo/sujeito que se transforma a cada imagem, que tatua suas dores e angústias, ora seus amores e desejos,

sonhos e experiências que são riscadas e dão uma nova pele, inserindo-os no social esteticamente adornado. Abaixo, a entrevistada 1 traz esses adornos que reinventam a pele, o corpo sob uma linguagem plural.

Imagem 11 – Entrevistada 1



Fonte: Acervo do Autor

Transgredir a escrita, levando-a do papel à pele com iconografias simbólicas de sensações ora experienciadas, transgredir o corpo, fazendo-o ferir e misturar sangue e tinta para dar vida às experiências, transgredir o olhar do outro para apreender novas possibilidades de leitura e sentidos. Os sujeitos desta tese transgridem a sociedade que fora alfabetizada com um alfabeto composto de signos arábicos. Ensina-os a ler, a sentir o que está na intimidade do ser. Foucault (2009, p. 32) nos esclarece:

O limite abre violentamente para o ilimitado, se vê subitamente arrebatado pelo conteúdo que rejeita, e preenchido por esta estranha plenitude que o invade até o âmago. A transgressão leva o limite até o limite do seu ser; ela o conduz a atentar para sua desaparecimento iminente, a se reencontrar naquilo que ela exclui.

Esse corpo textualizado apresenta-se como um aparato a ser lido, interpretado, solvido pelo olhar de admiradores e curiosos. Orlandi (2004) afirma que não há distância entre o corpo e a letra, as imagens, as cores que embelezam e reconfiguram novos corpos. O corpo é o lugar material em que acontece a significação, lugar de inscrição, manifestação do grafismo, pintura e texto. Linguagem que comunica e anuncia sujeitos outros, sujeitos que cuidam de si para enfrentar o social. Cuidado consigo, com o corpo, com o texto a ser lido por outrem. Assim, concluímos:

O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência (FOUCAULT, 2012, p. 9).

Essa tecnologia de acesso a si, uma atitude para consigo, constitui também uma atitude para com o outro, pois muito do que é tatuado está imerso no simbólico, alcançando, assim, a legibilidade dos sujeitos, que cravam na pele suas subjetividades em cor, textos que exprimem a qualidade de autor, que refletem a individualidade. Uma das entrevistadas assume que cada tatuagem que rompe sua pele é como se fosse um tijolo que constrói a si mesma. Então, acredita que há uma verdade exposta para o outro. Verdade que acreditamos ser situacional e que não tem o crivo de unicidade. Cada nova iconografia, uma nova verdade. Assim, o corpo está repleto de verdades que alternam seu dizer a cada traço e desejo cravado. Sujeitos modernos em que o discurso da verdade não encerra em si, nem tampouco a verdade é capaz de dizer quem são.

Foucault afirma que discurso são conjuntos de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem às mesmas regras de funcionamento. Corpos que trazem enunciados dos mais variados, pois denotam vivências transformadas em textos e grafismos assinados com o próprio sangue como paralisação do instante e sua restauração no corpo. Ao olhar cada sujeito tatuado, trazemos à tona suas experiências, revivendo-as. Experiências textuais carregadas de sentimentalidade.

A pele, para Le Breton (2002), é a hospitaleira limítrofe das intervenções culturais entre o animal racional e sua socialização. A pele modificada é como um pré-requisito de sua existência, pois, para o autor, a cidade é plena de indivíduos visuais. Em meio a tanta imagem

inerte, o sujeito que expressa seus sentimentos através dos escritos corporais torna-se uma vedete aos olhos do social. O corpo tatuado figura como discurso foucaultiano, que intitula um conjunto de regras anônimas e históricas, mas sempre referentes a um tempo e ao espaço, condições de exercício da função enunciativa. Um corpo multicolorido é interdiscursivo, pois necessita das vivências com outros e de suas verdades para formarem-se as suas.

A linguagem usada como prática de sentido das emoções entre o eu e o outro pode ser entendida como elemento importante na constituição do processo de subjetivação em que os sujeitos de tatuagens não se submetem ao que é lícito ou ilícito certo ou errado. É a elaboração de sentidos bem peculiar à sua interpretação. Acreditamos que todos nós estamos envolvidos nesse jogo de verdades, que não há um parâmetro que mensura a veracidade de cada sentido, todavia, sua compreensão só se completa com o conhecimento de cada experiência e sua subjetivação textualizada na pele.

## 4 ANÁLISE

Produzir, ler e interpretar subjetivamente os sentidos cravados na pele são ações que serão estudadas discursivamente a partir das técnicas de si e da transgressão. Elencamos quatro categorias, observadas durante as entrevistas, que estavam presentes com intensidade tanto nas falas quanto nas imagens cravadas na pele. A partir das tatuagens como uma transgressão, ato que está no limite da pele e do olhar do outro como uma tecnologia, os indivíduos, em suas entrevistas e nos textos verbais e imagéticos, se utilizam de discursos cujos sentidos os constituem como sujeitos que buscam a felicidade, mas, ao mesmo tempo, que buscam viver através de superação, se proteger dos males e alcançar a imortalidade.

As categorias por nós delineadas para a interpretação das tatuagens parecem expressar:

- Subjetividades tatuadas na constituição discursiva de felicidade: são representadas por imagens de borboletas, flores e ainda por poemas e estratégias linguísticas que denotam sentidos de agradecimento por ter alcançado certo êxito. A felicidade impressa na pele como marca indelével para que todos compartilhem dessa alegria. São tatuagens que não se escondem, delicadas, pois independente da cultura, felicidade sempre é da ordem do belo.
- Subjetividades tatuadas na constituição discursiva de superação: parece um contrassenso sair de um processo de doença e cortar a pele, misturando sangue e tinta, mas tornou-se comum após livrar-se de uma doença tatuar-se agradecendo, seja aos deuses, santos, familiares, ou mesmo a si. Marcar o corpo com agradecimentos, e a partir desse instante, cuidar do corpo, exercitá-lo, cuidar da alimentação, são atos comuns. São orações, versículos bíblicos, imagens de santos, frases que recorrem à fé.
- Subjetividades tatuadas na constituição discursiva de proteção: no mundo ocidental, a proteção aos perigos é uma constante, seja uma oração, um amuleto, artefatos de segurança. Para nossos entrevistados, tudo isso é válido, mas que seja impresso na pele. Tatuam santos, amuletos, caveiras, imagem de parentes, entre tantas outras que produzem sentido para si e para os que o circulam.
- Subjetividades tatuadas na constituição discursiva de imortalidade: não morrer, ser eterno enquanto dure. Nossos sujeitos afirmaram utilizar esses efeitos de sentido em quase unanimidade. Não ter problema em ter tatuagem para sempre, pois tudo um dia

acaba. No dia que não estiver mais gostando, recorrem ao *cover up* e a *tattoo* assume outra forma, mas permanecerá. As *tattoos* lhes garantem que as experiências fiquem para sempre em seus corpos. Assim, as caveiras são as mais usadas.

Os sujeitos, por vezes, participam ao mesmo tempo das quatro categorias elencadas, ou, às vezes, de uma ou outra. Vamos separar por tatuagens e discursos. Pode ser que tenhamos apenas um sujeito em uma categoria ou mais de dois.

Foucault aborda as tecnologias como práticas de si. Tais práticas, que são jogos de verdade com o objetivo do conhecer-se e do governo de si, aparecerão nos ensinamentos socrático-platônicos, no texto de Alcebiades<sup>10</sup>. Para que Alcebiades governasse a cidade-estado, fazia-se necessário cuidar de si, de sua alma, conhecer-se, governar-se, para então governar o outro. Dar-se conta que ignora a ignorância.

Tomando como base tais modificações corporais, nossos sujeitos ora se encontram nas quatro categorias, ora em algumas, mas o que é certo é que a interpretação dos sentidos está em consonância com sentidos que traduzam estados de felicidade, de saúde, sabedoria e imortalidade. Há, com certeza, outros sentidos para se “riscarem”, mas os que foram definidos como categorias analíticas representam grande parte dos sentidos que posicionam discursivamente nossos sujeitos.

A pele e suas possibilidades semânticas aparecem como essas sensorialidades, com possibilidades emotivas vivas que movimentam e vivem, pulsam e participam das novas experiências dos sujeitos. Assim, Canevacci (2008, p. 31) afirma que “Portanto o corpo de um sujeito se embrenha em tais panoramas intersticiais e é impelido por uma força imanente a elaborar novos sistemas perceptivos, novas sensorialidades”. Muitas vezes vão sendo modificados de acordo com cada nova experiência vivida. Dessa forma, os sentidos dessas telas não deixam de ser (re)significados.

As experiências, os posicionamentos discursivos atrelados à formação discursiva, a memória discursiva dos indivíduos tatuados, constituem o roteiro dessas artes cravadas no corpo. Um corpo repleto de autores, pois, como Foucault (2009, p. 49-50) nos afirma: “o anonimato literário não nos é suportável; apenas o aceitamos a título de enigma.” Seus escritos provêm de variadas experiências, mas têm sempre autores que embalam os sentidos. Os corpos (re)significam sua importância a partir da pele textualizada por inúmeros autores, que deixam as marcas e pluralizam os sentidos. Tomando como referência "O que é um

---

<sup>10</sup>Hermenêutica do sujeito, 2010.

autor?", livro de Foucault, após o estudo desses sujeitos desfragmentados, com peles multicoloridas, pluralizados, como também a partir da discussão do cuidado de si, das tecnologias do eu, ousamos perguntar: o que é um sujeito?

O sujeito desta tese encontra-se no **há de Ser** de cada interpretante, sempre inconcluso, pois os sentidos são da ordem da subjetividade e jamais se fecharão numa finitude semântica. Apesar dessas possibilidades de sentido, precisamos ler nesta tese sobre as quatro categorias elencadas acima.

Para entender e completar o sentido das marcas corporais nos aproximamos ao que Foucault (1998, p. 23) afirma: “o caligrama pretende apagar ludicamente as mais velhas oposições de nossa civilização alfabética: mostrar e nomear; figurar e dizer; reproduzir e articular; imitar e significar; olhar e ler”. Por este motivo, não buscamos identificar qual o sentido de cada imagem, historicizando-a. O que nos era caro foi o que motivou e qual o sentido daquela escrita estar na pele dos sujeitos, pois quase sempre nada tinha a ver com o que livros e catálogos demonstram.

#### **4.1 Subjetividades Tatuadas na Constituição Discursiva de Felicidade**

Seja utópico ou não, na sociedade ocidental, o tema felicidade é de uma importância ímpar. Entendamos que essa felicidade é pintada na pele com as mais diversas formas. Os sentidos estarão vinculados às suas conquistas; o que representa a felicidade em símbolo para um, pode ser que não represente para outrem, mas, comumente, as tatuagens, quando reproduzem sentidos genéricos, trazem algo de sentido coletivo. Passaremos, então, a apresentar alguns sujeitos tatuados e suas constituições de sentidos de experiências felizes.

Imagem 12 – Entrevistada 1



Fonte: Acervo do Autor

“Eu estou na vanguarda de mulher tatuada em Natal” (informação verbal)<sup>11</sup>. A *Hostess* afirma, com muito orgulho, ter o corpo quase todo tatuado e também diz que não sabe se tem mais sangue ou tinta em suas veias e artérias. Ser feliz para ela é construir seu corpo com tatuagens variadas, sem seguir padrões, normas, sejam elas sociais, religiosas, ou mesmo as regras dos próprios tatuados, que seguem uma linha de rabiscos únicos, não misturando gêneros de textos e imagens. Segunda ela, “sou um corpo diverso”.

Nossa entrevistada 1 continua:

A felicidade pra mim é o que eu sou e o que eu consigo ser a cada dia, viver em paz comigo mesma e em harmonia com as pessoas. Isso pra mim é felicidade. É o símbolo do infinito que eu tenho tatuado no dedo e o nome da minha família, né. A superação é o que eu faço todos os dias ao acordar. Eu já acordo superando muitas etapas da minha vida. E você sabe que aqui no Nordeste, principalmente aqui em Natal, Rio Grande do Norte, você conviver com uma criatura com 58% do seu corpo tatuado, e ela conviver dentro de uma sociedade fechada, que é o que eu vivo, mais ou menos daquilo, o meu lado, vamos dizer, “promíscuo”, o meu lado “fechão” de ser é outro completamente diferente com você, com a Vanilla, com os meus amigos. Mas, o meu trabalho, os eventos que eu vou, isso tudo é muito fechado, então eu consigo quebrar essa barreira e conviver bem do gari à governadora, pra mim isso é uma superação muito grande (informação verbal).<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Informação cedida por Danielly “Tattoo” Santos ao autor desta tese.

<sup>12</sup> Informação cedida por Danielly “Tattoo” Santos em entrevista que se encontra transcrita na íntegra no Apêndice.

Nesta perspectiva, até que ponto os discursos produzidos e talhados em sua pele sem uma uniformidade imagética e que disputam agora os mínimos lugares que estão descoloridos são tão alheios ao outro, mesmo diante de tempo intitulado pós-modernos? Podemos trazer para o campo dos discursos interditados. Nossa entrevistada escreve na derme textos e imagens que adequam-se ao jogo discursivo do dizer. Foucault(2007) aponta para o discurso interditado, pois em nossa sociedade não temos o direito de tudo dizer, em qualquer circunstância e acerca de qualquer assunto. O que cremos é que mesmo fugindo das tatuagens que delatam estéticas específicas, em certos instantes encontra-se em um ou outro lócus discursivo.

Podemos também inferir que sua pele traz um mosaico institucional discursivo. O corpo traz consigo reflexões que reforçam os discursos da família, da religião cristã, erótica, entre outras formações discursivas que reforçam as Instituições que temos em nossa sociedade. Não estamos fazendo aqui juízo de valor para com suas marcas corporais, mas sim, partindo de sua fala que não segue parâmetros, nem regras. Foucault (2012, p. 39) nos diz em sua primeira hipótese para as formações discursivas: “os enunciados, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto”.

Abordaremos a transgressão para entender melhor nosso sujeito em questão. Para Foucault (2009, p. 32) “O limite e a transgressão devem um ao outro a densidade de seu ser.” Nossa entrevistada se diz um sujeito transgressor por ser mulher, por tratar seu corpo como uma tela em que se deixa, artista, produzir artes, que está sempre no limite, e que este jaz, cotidianamente, com novos riscos na pele. Segundo ela, cuida de sua pele, pois se sentia sem graça, era sem cor, uma pele igual à de todos. Adornar a pele com suas experiências lhe diferencia dos demais e faz com que o outro participe de sua vida.

Apresentamos nas tecnologias do eu dizer foucaultiano a forma como essa primeira entrevistada usa as tatuagens para se diferenciar dos outros e alcançar felicidade, ora proteção, ora imortalidade, ora impressão de sentidos vividos, crenças e valores subjetivados em verdades que os sujeitos registram em suas dermes; sejam eles discursos da ordem da alegria ou da tristeza, todos fazem parte dessa linguagem. A linguagem escrita na pele como prática social e prática da liberdade, pois apresentam a escrita como cuidado consigo.

Nessa mesma premissa das subjetividades tatuadas constituindo felicidade, temos outra entrevistada que aderiu à técnica da escrita de si como prática de uma estética corporal que, além de satisfação, explora sentidos e prazeres.

Antes de abordar os sentidos universais das tatuagens que nossos sujeitos trazem na pele e saltam e chamam a atenção do nosso olhar, é mister discutir no âmbito da unidade

desse discurso. Foucault (2012) nos alerta que, sejam os discursos contemporâneos ou não, sempre são classificações, normatizações, institucionalizações, mas que precisam ser vistos em curso, ao lado de outras unidades discursivas e que não os tomemos como verdades universalizantes. Por tal motivo, essas classificações encontradas em livros, *sites*, *blogs* e afins não dão conta de explicar os sujeitos desta pesquisa e seus sentidos impressos na pele. Borboletas<sup>13</sup> e a flor de lótus que vemos nos braços representam, por sua vez, desde a antiguidade grega, juventude, beleza e liberdade. Esses elementos são apresentados tanto na fala da entrevistada quanto na imagem que adorna sua pele. A flor representa desde a mitologia, vitória, nova vida e até mesmo, em algumas culturas, o chegar da primavera significa "Deus está feliz". Em relação à borboleta, há registros gregos que dizem que cada borboleta saindo do casulo é uma alma humana que nasce. Na China e no Japão, por séculos, o significado é de alegria e felicidade. A influência japonesa e chinesa de dragões, flores, fadas, estrelas e borboletas é uma constante. Vejamos abaixo um fragmento de sua entrevista, bem como a imagem da flor de lótus afirmada pela entrevistada 2. Ela fora questionada acerca da flor no braço.

Essa aqui é a lótus, né? Ela vive, ela nasce das águas, das águas sujas, poluídas, orientais. Então, é aquela demonstração de que, é, é, mesmo diante de situações adversas, de situações negativas, pode surgir uma situação positiva. É o contrário do que se diz que o fruto podre contamina o fruto bom! É o inverso. Certo? Ai eu tenho, essa aqui né? (informação verbal)<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Fonte: <<http://www.mundodastatuagens.com.br/significados/borboleta/?ref=sidebar>>. Acessado em: 19 jan. 2014

<sup>14</sup> Informação cedida por Isadora Araújo em entrevista que se encontra transcrita na íntegra no Apêndice.

Imagem 13 – Entrevistada 2



Fonte: Acervo do Autor

Encontramos o cuidado consigo em aprender com os erros e melhorar-se. Muito próximo da tecnologia de purificação utilizada na Grécia arcaica, afirma Foucault (2010, p. 44) que “sem purificação não há relação com a verdade.” A entrevistada acima vê na purificação, no cuidado em melhorar-se, uma maneira de viver melhor. Estar bem consigo e alcançar o estado de alegria através da tecnologia tatuada na pele com o fito de alcançar o autoconhecimento. Afirmado-se sujeito enunciador de discursos que produzem sentidos de positividade, de fé, de felicidade, de leveza, de beleza, ornamento e sedução, mas ao mesmo tempo, está por se completar no olhar, na leitura do outro. Analisando essa tecnologia do tatuar-se, Foucault (2009, p. 134) à luz de Plutarco, afirma que opera com uma “*ethopoiética*: operador da transformação da verdade em *ethos*”.

Em outro momento de sua entrevista, a entrevistada diz ser adepta ao *cover up* (cobertura de uma tatuagem por outra) quando os sentidos tatuados não mais fazem parte de sua subjetividade. Afirmo ainda que suas marcas corporais são legendas para que outrem a entenda melhor. “Permitir através da tatuagem que os outros visualizem você mais de perto, enxergar melhor, te decodificar, te ler [...]”<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Informação cedida por Isadora Araújo em entrevista que se encontra transcrita na íntegra no Apêndice.

Nesta perspectiva, a tatuagem nos apresenta enquanto uma legenda capaz de desnudar o ser do sujeito sua subjetividade parada no tempo para que os outros te apreendam.

#### **4.2 Subjetividades Tatuadas na Constituição de Discursos de Superação**

Eternizar na pele agradecimento por estar vivo tem se tornado uma prática comum hoje em dia, apesar de parecer um paradoxo, pois é uma atividade que irrompe a pele, depende de uma boa cicatrização e de cuidados extremos para evitar outras tantas doenças.

Os registros de agradecimento cravados na pele se utilizam de mecanismos linguísticos que apontam sentidos de agradecimentos, imagens de santos, sentidos de efeito positivos. Em parte de nossos entrevistados, percebemos serem comuns tais marcas corporais. Podemos perceber que é no corpo que a marca precisa estar. Além de ser uma prova da fortaleza, é demonstração de corpo exercitado, cuidado. Parece-nos com uma dietética foucaultiana do corpo, com técnicas para seu bom uso e estado saudável. Assim, esse corpo bem adestrado, exercitado, manterá a saúde, um corpo digno de ser apresentado ao outro como um corpo vivo, saudável, exercitado. Se observarmos os corpos de nossos pesquisados, percebemos corpos vivos, recuperados, sofridos, porém, coloridos com suas experiências de vida. Podemos representar, abaixo, no fragmento a seguir, com imagens dos entrevistados 3 e 5, respectivamente:

Não, lógico, assim, é... Geralmente eu gosto de fazer tatuagem depois de grandes mudanças, assim, quando eu passo por alguma situação e que aquela situação tem um significado muito forte dentro da minha vida, sei lá... Uma doença, uma superação, qualquer coisa que seja, assim, um momento em que você para e reflete então aquilo acaba me dando uma inspiração pra fazer determinada tatuagem (informação verbal)<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Informação cedida por Felipe Tarquino em entrevista que se encontra transcrita na íntegra no Apêndice.

Imagem 14 – Entrevistado 3



Fonte: Acervo do Autor

Grandes mudanças, ultrapassagens de limites. Nossos sujeitos trazem consigo a pele como limite entre suas experiências coloridas e interpretação sempre relativa do outro. O que apresentam em suas entrevistas são ações transgressoras no que tange a modificação corporal. Sair de um sofrimento cortando-se e ferindo-se novamente. É mutilar-se duplamente, mas com outro sentido, como uma passagem de fronteira de momentos ruins, difíceis. Para transgredir tais momentos, a cor e a arte inscritas na pele. Assim, esse limite exaure-se a cada novo limite e a transgressão como uma tecnologia vai colorindo essa tela-corpo que embeleza nossos olhares. Foucault (2009, p. 32) nos diz acerca do limite e da transgressão:

O limite abre violentamente para o ilimitado, se vê subitamente arrebatado pelo conteúdo que rejeita, e preenchido por essa estranha plenitude que o invade até o âmago. A transgressão leva o limite até o limite do seu ser; ela o conduz a atentar para sua desapareição iminente, a se reencontrar naquilo que ela exclui, a sentir sua verdade positiva no momento de sua perda.

Entre o limite da pele e o ilimitado de sentidos e discursos, nossos sujeitos vão colorindo saberes, histórias de si e através destas tecnologias do eu, constituindo subjetividades cambiantes, em trânsito e prontas para reterritorializar a cada novo risco na pele.

Imagem 15 – Entrevistado 5



Fonte: Acervo do Autor

Para pensar nosso sujeito, podemos pensar em subjetividades e territorialidades em Deleuze (1995). O autor trata da desfragmentação e multiplicidade, rejeitando o uno. Nossos sujeitos encontram-se nessa premissa de reterritorializarem-se a cada nova experiência tatuada no corpo. Esse trânsito entre uma pele e outra refaz histórias, refaz seus corpos, territorializam por um tempo, mas veem-se prestes a perder o lócus em que estavam e assumir outras histórias, outros territórios. Nosso sujeito acima, que intitulamos em trânsito subjetivo, que já era adepto à textualização corporal, passou por sérios problemas de saúde, mas, como atua na área da saúde, conseguia administrar sozinho essa situação. Fora acometido por um câncer muito agressivo, que o deixou por muito tempo hospitalizado em risco de morte. Os médicos já haviam sinalizado que seu estado de saúde era muito complicado. Após sair do hospital, além de submeter-se a uma dieta rigorosa, cuidado com a saúde física, ele tatuou a seguinte

sentença em seu peito: “Sou um milagre, estou aqui”. A alegria, sensação dessa marca em seu corpo e em um lugar estratégico, tem o próprio sentido da vida. Olhar, ler, ouvir alguém ler e recontar a história enche-o de vida. Ele afirma que adquiriu hábitos de vida mais saudáveis, apesar de nunca fazer extravagâncias e já levar uma vida saudável. Sobre o cuidado de si greco-romano, seu uso na modernidade, Foucault (1990, p. 55) diz: “Na cultura greco-romana o conhecimento de si se apresentava como consequência da preocupação por si. No mundo moderno, o conhecimento de si constitui o princípio fundamental”.

Na pele, histórias de vida, as tatuagens dos discursos advindos de suas experiências, das crenças e sentimentos que construíram suas subjetividades e que muito se construirá ainda. Cada estrela, fada, caricatura de si, podem representar sua profissão de *drag queen* em bares noturnos, pois durante o dia é enfermeiro, é esportista, é tantos em um só. Nosso entrevistado nos diz acerca de suas inscrições:

Se eu visse uma pessoa com as tatuagens que eu tenho, eu não tendo tatuagem, não tendo olhos de preconceito, eu não veria a tatuagem como um marco de situações, porque as tatuagens... elas têm, por exemplo, eu tenho desenhos como a Mulher Maravilha e uma Carmen Miranda, mas eu acho que eu logo veria que era alguém ligado à arte. As minhas tatuagens deixam muito claro que é alguém ligado à arte. Televisão, teatro, dança, música. Acho que minhas tatuagens são muito voltadas a esse universo de arte (informação verbal).<sup>17</sup>

Esse sujeito vai construindo suas verdades a partir das experiências vivenciadas, não sendo definitivamente uno. Por serem discursos voltados para o campo lúdico e infantil, tem-se em mente que serão menos descaracterizados de preconceito. Apesar de, ao fim da entrevista, ele reafirmar que o preconceito se dá quando “*damos muito predicativo a ele, e eu não dou*”. Os discursos cravados na pele como tecnologias subjetivas de si apresentam um sujeito que diz ser bem resolvido com seu corpo, suas inscrições lúdicas tatuadas e sua subjetividade sempre pronta a mudar.

O discurso, para Foucault (2012), pode ser entendido como um conjunto de enunciados diversos, mas concorrendo para o mesmo sentido. Tais enunciados, em sua diversidade, reforçam o sentido. A isso chamamos de formação discursiva. Para Foucault (2009, p.177), formação discursiva é “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa”. Os sentidos das tatuagens trazem, além dessas inúmeras verdades constituídas a partir de práticas discursivas oriundas das mais diversas esferas institucionalizadas, saberes

<sup>17</sup> Informação cedida por Zilmar Júnior em entrevista que se encontra transcrita na íntegra no Apêndice.

médicos, religiosos, segurança pública que, ao mesmo tempo, posiciona discursivamente os sujeitos, produzem saberes e os compartilham, produzindo socialmente as unidades discursivas que construímos hoje. O site “Mundo das tatuagens”<sup>18</sup> indica que estrelas podem traduzir sentidos de esperança, mudanças na vida, crescimento, em alguns casos, proteção, enquanto as fadas podem significar volta à infância, mas também podem apontar para sentidos de liberdade, exuberância. Essas perspectivas não dizem respeito ao quesito saúde, mas como estávamos discutindo as marcas corporais desse sujeito, achamos pertinente comentar.

### 4.3 Subjetividades Tatuadas na Constituição de Discursos de Proteção

A constituição da subjetividade a partir de tatuagens que significam proteção nos levou mais uma vez à hermenêutica do sujeito e à definição do cuidado de si em textos filosóficos e espirituais. Foucault (2010, p. 13) aponta que esse cuidado fora convertido numa série de fórmulas, e entre tantas, “estar em si como uma fortaleza” nos chamou atenção para esta discussão. As respostas dadas remetiam sempre a esta ideia de tornar-se seguro, de uma imagem que protege, que fecha o corpo, que olha por si, a mãe que está presente mesmo após a morte. Imagem como proteção que leva o sujeito a sentir-se mais forte. O elemento cuidado com o corpo, com a alma, proteção contra o mal, o olhar do outro, entre outras crenças, é a tônica desta categoria analítica. Esse cuidado está sempre resvalando no sentido de proteger a si contra outrem. A recorrência de chaves, olhos, dragões, frases com salmos e mandalas são as mais comuns. Voltamos ao conceito de prática discursiva. Os sentidos são dados em seu uso, as regras para seu uso decorrem dos sujeitos e do entendimento para quem escreve e para seus leitores. A constituição da subjetividade na sociedade líquido-moderna, além de um retorno a si constante, exige rapidez, pois, como afirma Bauman (2007, p. 8), livrar-se das coisas tem prioridade, e adquiri-las também: “a vida líquida é uma sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça mais inquietantes”. Temos então nossa entrevistada 1 afirmando acerca de seus escritos e o quanto eles apresentam proteção e segurança:

A família, o infinito, o número 7, que é meu número de sorte. Porque quando eu nasci, eu nasci com o número 7 de sangue na perna. Quando eu fui crescendo, ele sumiu. Então eu tinha que ter o número 7, que eu nasci com ele. Sumiu

<sup>18</sup> Fonte: <<http://www.mundodastatuagens.com.br/significados-das-tatuagens/>>. Acessado em: 27 jan. 2014.

porque quis, vai ter que voltar, né. Voltou. Tenho algumas frases... cada uma tem sua importância particular (informação verbal).<sup>19</sup>

Assim, vamos nos construindo e nos reconstruindo numa sociedade em que o reinício é diário, o caos e a estrutura são a tônica na nossa subjetividade. Por tal motivo, por essa instabilidade, nossos sujeitos usam como amuleto e constituem suas histórias na pele, acreditando na sorte/proteção que as iconografias lhes darão. Vamos observar abaixo.

A fênix<sup>20</sup> que a entrevistada 4 abaixo, apresenta em seu braço o sentido próximo ao que todos dizem usar. Sair de dificuldades, ressurgir após grandes problemas e melhorar. Tatuá-la é dizer para o outro o quanto saiu das dificuldades e sua imagem tem o sentido de proteção das ameaças do dia. Assim, o pássaro morre todos os dias e renasce protegendo quem o usa. Na mitologia grega, a fênix, quando morria, entrava em combustão e ressurgia das próprias cinzas, forte. Em algumas culturas, simboliza o sol que morre todos os dias e nasce ao amanhecer. Recorro ao texto de Alcebíades, quando Sócrates lembra-o que ainda não tem 50 anos, portanto, é jovem, ainda dá tempo de cuidar de si. E nossos sujeitos de pesquisa apresentam-se assim, por meio das dificuldades, disseram aprender, e como demonstração e proteção contra as possíveis negatividades, tatuam-se com símbolos que têm sentidos de proteção para si. Nossa entrevistada 4 afirma:

Eu basicamente escrevo símbolos de proteção e força. Todas as minhas tatuagens, elas têm muito disso. Eu tenho tatuagens celtas que simbolizam proteção, simbolizam imortalidade da alma. Eu tenho caveiras, número 13... pra mim é isso. Eu escrevo muito proteção e força no meu corpo (informação verbal).<sup>21</sup>

Tatuagem no campo da espiritualidade, da proteção, da construção de uma segurança e proteção. Já vimos em outros tempos o uso de pimentas, ornamentos, plantas, figas, para além destes amuletos, escrever em si, carregar consigo, dar mais força.

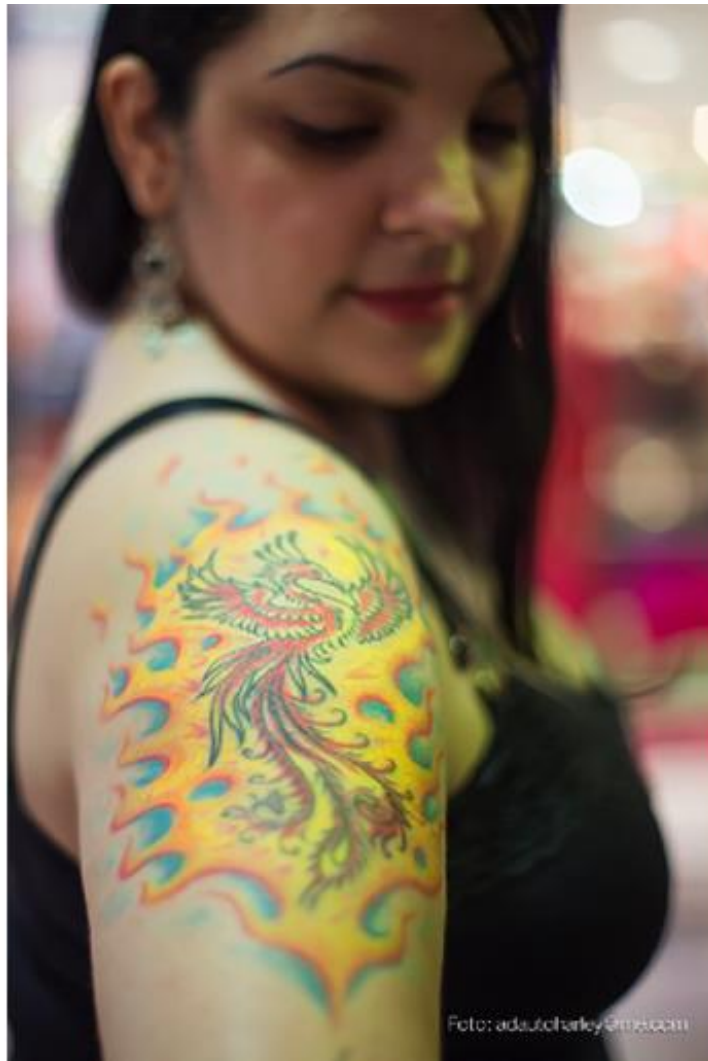
---

<sup>19</sup> Informação cedida por Danielly "Tattoo" Santos em entrevista que se encontra transcrita na íntegra no Apêndice.

<sup>20</sup> Fonte: <<http://www.mundodastatuagens.com.br/significados-das-tatuagens/>>. Acessado em: 27 jan. 2014.

<sup>21</sup> Informação cedida por Larissa Azevedo em entrevista que se encontra transcrita na íntegra no Apêndice.

Imagem 16 – Entrevistada 4



Fonte: Acervo do Autor

A tatuagem que vem a seguir constitui a historiadora, entrevistada 4, que a possui. Segundo a entrevistada, está construindo um corpo histórico, com elementos que sejam belos e que tenham sentido, sobretudo para ela. A mandala<sup>22</sup> a protege, coloca-a na condição de ser no mundo ligada ao divino e a aloca numa constituição de ser na história e, ao mesmo tempo, é o olho que tudo vê.

Ela acrescenta:

[...] passei por um problema muito sério de família, sério mesmo assim, de envolver polícia, envolver Justiça entre eu e meus pais, e ao mesmo tempo eu perdi muitas coisas. Perdi namorado, perdi banda, perdi casa. E consegui passar por isso, passar por cima, então nenhum momento seria mais apropriado do que agora pra eu tatuar

<sup>22</sup> Fonte: <<http://clinicapsique.com/wpcontent/textos/C.%20G.%20Jung%20%20O%20Simbolismo%20da%20Mandala.pdf>>. Acessado em: 10 mar. 2014.

uma fênix, que é o símbolo da ressurreição, e que eu realmente ressurgi das cinzas. E depois eu tatuei esses símbolos celtas que eram de proteção. Eu não sei se psicologicamente lá deve ter alguma coisa ligada a isso, primeiro o renascimento (informação verbal).<sup>23</sup>

Podemos observar essa construção discursiva em suas tatuagens, todas referem-se a iconografias protetivas, são imagens externas controlando sua formação subjetiva. São técnicas de subjetivação, de enfrentar e se construir mais forte, ressurgindo novo sujeito. Courtine (2013, p. 43) afirma:

A noção de intericonicidade é assim uma noção complexa, porque ela supõe colocar em relação imagens externas, mas igualmente imagens internas, imagens de lembranças, imagens de memorização, imagens das impressões visuais estocadas pelo indivíduo. Não existe imagem que não nos faça ressurgir outras imagens, tenham elas sido outrora vistas ou simplesmente imaginadas.

Essa memória discursiva que as tatuagens representam para nossos entrevistados a partir da tecnologia de colorir a pele com experiências apresenta discursos que são de ordem sociocultural, que ao mesmo tempo/história formam saberes e constroem verdades que transformam em subjetividades incorporadas. Todos os entrevistados trazem de longe histórias e as colorem como marco histórico, mas que fizeram e fazem parte de sua subjetividade. Essa arte da escrita de si, técnica que eterniza paixões e dores, fazendo com que a pele, um órgão desinteressante, tome outra configuração, com tinta e histórias, tornando-se uma verdadeira obra de arte. Imagens e palavras que em sua incompletude recorrem a outras em heterogeneidade discursiva, buscando sempre em outros campos seus sentidos para se completar. Assim apresentam-se nossos sujeitos: a pele arde por completar seu sentido, que está por se completar na leitura do outros.

---

<sup>23</sup> Informação cedida por Larissa Azevedo em entrevista que se encontra transcrita na íntegra no Apêndice.

Imagem 17 – Entrevistada 4



Fonte: Acervo do Autor

Na fala dos entrevistados, cobrir o corpo com tinta, transformando a pele em arte, é por si só proteger-se do mundo. É formar uma pele protetora da carne/corpo que já sofrera e agora é artisticamente protegida.

Nikolas Rose (2001, p. 139-140) discute acerca da constituição do eu subjetivo enquanto plural, constituído por várias referências, e coaduna com a morte do sujeito moderno foucaultiano e o surgimento de um outro homem.

O indivíduo ao qual essa imagem do sujeito correspondia surgiu apenas recentemente, em uma zona limitada de tempo-espço, tendo sido, agora, varrido pela mudança cultural. No lugar do eu, proliferam novas imagens de subjetividade: como socialmente construída; como dialógica; como inscrita na superfície do corpo; como

especializada, descentrada, múltipla, nômade; como resultado de práticas episódicas de auto-exposição, em locais e épocas particulares.

Rose nos traz o que representa nossos sujeitos, em que os corpos reclamam sua inscrição no social. Apesar de apresentarem-se em um social em constante mudança, eles eternizam textualizações. Mas cabe lembrar que os *cover up*, ou efeitos palimpsestos – “arte de esquecer torna-se mais importante que memorizar” (BAUMAM, 1998, p.36) –também apresentam possibilidades de adequações de suas histórias de vida, subjetivando saberes, relações, amores, assim, tornando-se sujeitos em trânsito.

#### 4.4 Subjetividades Tatuadas na Constituição de Discursos de Imortalidade

A morte é um assunto ainda evitado, apesar de a publicidade ter mudado bastante seu conceito. A publicização de conceitos como saudade e lembranças tomaram o lugar de dor e sofrimento. Imagens relativas à morte remetiam a cemitérios macabros, hoje, os cemitérios-parque, arborizados, dão uma ideia de paz.

Com o mercado das tatuagens também deu-se do mesmo jeito. Um dos elementos mais representativos da imortalidade e ao mesmo tempo da igualdade dos humanos é a caveira. Nossos sujeitos apresentam-na nas formas mais bem humoradas. Não apenas as caveiras, como também os nomes dos casos amorosos, nomes de pais e filhos, santos. Mais uma vez lembrando que depende muito do sentido que cada sujeito dá para as imagens e o que cada experiências significa.

Traremos a seguir o que normalmente simbolizam como sentido<sup>24</sup> das tatuagens recorrente à imortalidade. As caveiras para os Celtas significavam a morada da alma, enquanto na mitologia grega era associada à Caixa de Pandora. Interdiscursivamente, o sentido mexicano é o que se faz mais presente em nosso dizer. No México, há uma crença sincrética pagã e cristã à *Santa Muerte*. Nos anos 1960, foi símbolo da contracultura e, a partir de então, passou a ser usada nas mais variadas formas e estilos por estilistas no mundo. As caveiras aparecem com cores, rosas, adereços variados, assumindo, assim, a ideia de imortal. Há, sobretudo, discursos sobre a morte desvinculando-a à finitude e ligando-a à imortalidade ou memorialidade do sujeito. O sentido também transborda imagetivamente para o que nos identifica como da ordem do que somos iguais. A caveira nos identifica humanos. As

---

<sup>24</sup> Fonte: <<http://www.tattootatuagem.com.br/significados/4321/tatuagem-de-caveira/>>. Acessado em: 20 jan. 2014.

tatuagens encontradas nos nossos entrevistados apresentam humor e beleza. São caveiras estilizadas, ornadas com flores, pedras preciosas etc.

Abaixo, apresentaremos discursos da entrevistada 4 que seguem essa premissa acima, de sujeitos que constituíram suas subjetividades enquanto sujeitos iguais, que após a morte, todos tornar-se-ão completamente iguais. O diferente são os ornamentos que cada uma põe em seus escritos corporais.

Imagem 18 – Entrevistada 4



Fonte: Acervo do Autor

A pele como um rascunho a ser corrigido aparece na fala desta entrevistada recorrentemente. Para ela, sua pele é arrancada com a máquina de tatuar, fazendo aparecer a pele verdadeira, pois a que víamos sem cor era apenas uma cobertura. Discurso amplamente abordado e aceito entre os sujeitos adeptos à arte de tatuar-se. Não seria este discurso um jogo

de verdade pelo qual os sujeitos praticam para normatizar e justificar seu uso? Mas, este juízo de valor não nos cabe. O que é importante é perceber como nossos sujeitos se utilizam das tatuagens como técnicas de subjetivação impressas no limite da pele. Acerca das tatuagens, nossa entrevistada 4 afirma:

[...] a caveira pra mim, ela simboliza primeiro igualdade e segundo aquela história do memento morte, né, “lembras que morrerás” e desapego, porque uma hora seremos todos assim, seremos ossos. Então a caveira pra mim, ela é isso, ela não é morte, a morte como uma coisa ruim, é a morte como um renascimento, como a carta da morte do tarô. A caveira pra mim é isso (informação verbal).<sup>25</sup>

Associados à caveira veremos outros discursos, relacionados à sorte, à proteção e à felicidade. O corpo-linguagem de nossa entrevistada é um livro de literatura dos sentidos. Vemos uma pluridiscursividade, que foi a técnica utilizada pela mesma para constituir-se. Beaulieu (2012) afirma que, para Deleuze, tudo é questão de experimentação, deixando a interpretação e compreensão para segundo plano. Assim também os percebemos. Suas inscrições são da ordem da experiência, da construção de sentidos para relacionar-se consigo e com o outro, pois a interpretação de suas inscrições dar-se-ão muitas vezes na relação entre as partes. Muitas vezes, durante as entrevistas, nossos sujeitos não apresentaram muita questão que o outro compreenda suas inscrições, sendo a interpretação do outro ato subjetivo e que o complete e o subjetive também. Foucault (1999, p. 5) afirma: “o que olha e o que é olhado permutam-se incessantemente”. O autor ainda afirma que os sujeitos envolvidos nessa relação de olhar e ser olhado a todo instante permutam de papel e não há neutralidade nesta relação. Podemos inferir ainda que as palavras e imagens impressas na pele misturam-se com as histórias dos outros que as observam. Como os discursos tatuados completam os sentidos do outro, mesclando as histórias, resignificando-as e produzindo outros discursos, sejam eles dispersos no tempo e no espaço, ou mesmo, discursos que dão continuidade ao que fora experienciado e escrito.

Assim, vamos observando as tatuagens que adornaram, contaram histórias, transgrediram, emocionaram e foram utilizadas como técnicas subjetivadoras de nossas experiências e de cada um que nela fizeram parte.

---

<sup>25</sup> Informação cedida por Larissa Azevedo em entrevista que se encontra transcrita na íntegra no Apêndice.

## 5. CONCLUSÃO

“É preciso pronunciar palavras enquanto as há [...]”. Assim, a escrita foucaultiana foi se apresentando a mim como possibilidade de olhar os sujeitos desta tese. A princípio, um corpo-tela que demonstrava sentimentos, um corpo-arte. Mas não paramos por aí. As inscrições nos diziam muito mais, além da arte, do adorno, começamos a investigar os discursos repletos de existências, de vidas que pulsavam na pele como histórias de si, escritas de si capazes de serem uma carapaça subjetivadora de cada sujeito entrevistado. Poderíamos conhecê-los a partir de sua geografia corporalizada com letras, formas, figuras formando o próprio sujeito. Pele texturizada que se completa na leitura do outro. Somos todos assim! A completude dar-se a partir do outro, de nossas relações.

Essas observações dos sujeitos nos levaram a procurar na Linguística Aplicada, enquanto campo de saber plural, sem a pretensão de trabalhar com temas preestabelecidos, trazer as vozes dos sujeitos ditos às margens das pesquisas que corporalizaram seus discursos a partir de técnicas de subjetivação da tatuagem como escrita de suas histórias e de suas experiências vivenciadas geradoras de seu eu. Este campo sincrético e interdisciplinar possibilitou-nos olhar nossos sujeitos com lentes plurais, trazendo contribuições importantes para o campo do discurso sem se ater obrigatoriamente a teorias e métodos únicos. Assim, seguimos teorizações e caminhos metodológicos foucaultianos para entender os processos de subjetivação a partir de tecnologias do eu, aqui entendidos como as tatuagens representando histórias de vida, experimentações cotidianas e formadoras de suas subjetividades. Além de teorizações acerca da transgressão como abertura de novas possibilidades de subjetivar-se a partir de contar histórias, compartilhar sentimentos com outros, fazendo com que a pele torne-se milimetricamente novos limites a se transgredir e se historicizar, contar novas experiências.

Nossas inquietações iniciais desta tese era compreender como os enunciados, sejam eles imagéticos ou linguísticos escritos na pele eram percebidos por nossos sujeitos como constituinte de si, de sua subjetividade, e até que ponto operavam como tecnologias de subjetivação transgressora. Para tanto, retornamos aos nossos objetivos que vislumbravam o sujeito e sua constituição subjetiva a partir das tecnologias da escrita de si com tatuagens como ato transgressor sendo possível constituir discursos de felicidade, de superação, proteção e imortalidade trazidos à tona com histórias de vida, de experiências vivenciadas e compartilhadas com o outro, dando vida e colorindo sua pele.

Tomamos as tatuagens como manifestação da linguagem da em uso, como prática social, repletas de formações enunciativas das mais diversas direções: ora latente o discurso

religioso, ora o da segurança, da família, da lei, da educação, entre outros que mesclam-se e transbordam em textos e imagens, representando seus sentimentos e colorindo sua pele. Apesar de parecer que são desvencilhados dessas ordens discursivas institucionais, nossos entrevistados transgridem-nas, fazendo releituras e adaptando-as às suas vivências e interpretações. Ao tratar das tecnologias de subjetivação na qual Foucault (1990) nos diz que é operacionalizar através de técnicas seja só, ou com ajuda de outrem, mecanismos que melhorem seu corpo ou pensamento com o fito de felicidade, pureza, imortalidade. Assim, nossos sujeitos operacionalizaram através das tatuagens, com imagens e palavras, mas repletas de sentidos, sobretudo, sentidos experienciados que marcaram sua vida. Tais sentidos produziram discursos escritos na pele, carregados consigo como amuleto, segurança, fé, adorno, texto a ser contemplado e completado o sentido. Nesta perspectiva, a pele sendo depositária de possibilidades linguísticas prontas para serem lidas, tocadas e descoberta sem cada código colorido produtor de sentido.

Não foi nossa pretensão atribuir conceitos de verdade para as tatuagens, nem buscar seu sentido histórico, pois compreendemos que, para além destes, nossos sujeitos ressignificavam a partir de suas crenças, do padrão de belo/feio que fora apreendido em suas experiências. Assim, não percebi em nenhuma das entrevistas a fixação em tatuar esta ou aquela imagem por trazer idealizações. Sempre partiam de suas perspectivas. Isto não invalida os trabalhos que foram feitos com base nas simbologias e sentidos de antepassados, mas não era nosso propósito. Queríamos o sentido em curso, pulsando e colorido na pele dos entrevistados. Olhar um corpo coberto de tatuagens é como observar o sangue correr nelas, como se fossem veias, artérias. As tatuagens são condutoras desse sangue, dessa vida. Paraphraseando Merleau-Ponty (2004), estes discursos tatuados são histórias dos sujeitos presentificadas, secreta e febril em seus corpos. Apresento esse corpo como um livro e trago um fragmento da entrevistada 1 como exemplo de como as tatuagens formam na pele textos a serem lidos e memorados: “...minha família, são meus referenciais que tão todos imortalizados em mim, entendeu? Até nome de pessoas assim que eu não tenha mais contato nem nada, mas que conviveram comigo. Se eu pudesse eu fazia um livro, né...” (informação verbal)<sup>26</sup>

Concluimos por ora esta tese, não como fim em si, mas, como possibilidades enunciativas de novos caminhos a trilhar, outras peles textualizadas a ler e completar o

---

<sup>26</sup> Informação cedida por Danielly “Tattoo” Santos em entrevista que se encontra transcrita na íntegra no Apêndice.

sentido, certo que esta escrita ainda apresenta-se como em exercício, tanto quanto o desejo de continuar viajar sentidos e possibilidades enunciativas escritas na pele.

## REFERÊNCIAS

ANZIEU, Didier. **El yo-piel**. Editora Biblioteca Nueva: Madri, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução: Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARROS, Clarissa Maria Dubeaux. **Histórias marcadas na pele**. 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz.

BEAULIEU, Alain. **Cuerpo y acontecimiento**: la estética de Gilles Deleuze. Buenos Aires: Letra Viva, 2012.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CANEVACCI, Massimo. **Fetichismos Visuais**: corpos erópticos e metrópole comunicacional. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2008. (Coleção Azul de Comunicação e Cultura)

FRANÇA, Letícia Souto Ribeiro. **As práticas profissionais de modificações corporais**: entre a biossegurança e as técnicas de si. PUC-SP. Dissertação de Mestrado, 2008. Orientadora Profa. Dra. Maria Cristina Gonçalves Vicentin

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Estudos Foucaultianos, 9)

DELEUZE, Gilles. **Empirismo y Subjetividad**. Tradución: Hugo Acevedo. Barcelona, Espanha: Editorial Gedisa S.A., 2007.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 5. Tradução: Peter PálPelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. v.1. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Conversações, 1972-1990**. Tradução: Peter PálPelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. Tradução: Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução: Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Tecnologías del Yo**: Y otros textos afines. Barcelona, Espanha: Ediciones Paidós Ibérica S.A., 1990.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981 – 1982). Tradução: Mario Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Ditos e Escritos 3)

\_\_\_\_\_. **Ética, Sexualidade, Política**. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos V)

\_\_\_\_\_. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Tradução: Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. (Ditos e Escritos 7)

\_\_\_\_\_. **Isto não é um cachimbo**. Tradução: Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade, 3**: o cuidado de si. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

LE BRETON, David. **Signes D'identité**: tatouages, piercings et autres marques corporelles. Paris: Éditions Métailié, 2002.

LINS, Daniel S. (Org.). **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. Campinas, SP: Papirus, 1997.

LISE, Michelle Larissa Zini. **Violência na pele**: considerações médicas e legais na tatuagem. 2007. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Orientador: Prof. Dr. Gabriel José Chittó Gauer.

MARCELINO, Fernando Cesar. **A mensagem por trás da imagem**: estudo de tatuagens à luz da análise do discurso. Dissertação de Mestrado. 2008.

MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. **Body art, existência e conhecimento**: a percepção do corpo na Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Orientadora: Profa. Dra. Terezinha Petrucia da Nóbrega.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. Tradução Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

PÁL PELBART, Peter. Experiência e sujeito. In: MUCHAIL, Salma Tannus; FONSECA, Márcio Alves da; VEIGA-NETO, Alfredo. **O mesmo e o outro**: 50 anos de História da loucura. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7 ed., Campinas, SP: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PORTOCARRERO, Vera. Governo de si, Cuidado de si. In: **Currículo sem fronteiras**, v.11; n.1, páginas 72 a 85, janeiro/junho 2011.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Tradução: Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SAD, Breno Bitarello. **O design de interfaces epiteliais dinâmicas**: como as novas tecnologias afetam o projeto de tatuagens. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Orientadora: Lucy Carlinda da Rocha Niemeyer.

RIBEIRO, Marcia Regina. **Primitivos modernos: a modificação corporal e o retorno do corpo animal**: entregará teu corpo/animal em sacrifício ao grande outro. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Orientadora: Profa. Dra. Liliane Seide Froemming.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos da identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel S. **Cultura e Subjetividade**: saberes nômades. Campinas, SP: Papirus, 1997.

ROSA, Graciema de Fátima da. **Corpos jovens como superfície de inscrição de textos culturais**: recados para a educação escolar. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Orientador: Profa. Dra. Jane Felipe Neckel.

SOUSA FILHO, Alípio. Foucault: o cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUSA FILHO, Alípio (organizadores). **Cartografias de Foucault**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Coleção Estudos Foucaultianos)

TEIXEIRA, Daniela Pessanha. **Intensidades corporais e subjetividades contemporâneas**: uma reflexão sobre o movimento da body modification. Dissertação de Mestrado. PUC-RJ, 2006. Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Peixoto.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. **Teoria e método em Michel Foucault (im) possibilidades.** Cadernos de Educação. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas [34]: 83 – 94, 2009.

## APÊNDICE

### Transcrição da Entrevistada 1 – Danielly “Tattoo” Santos

**Entrevistador:** Então vamos lá. Pois bem, Dany. Primeiro eu gostaria que você definisse tatuagem.

**Fonte:** Estilo de vida, conceito, moda... meu querido, a tatuagem pra mim tornou-se... não é um adereço pro meu corpo, faz parte de mim. É minha segunda pele, é meu estilo de vida, então eu tenho uma vida diferenciada das demais pessoas, e com isso eu consigo atingir o que eu quero, não só através da minha tatuagem como da minha personalidade também. Tatuagem é personalidade.

**Entrevistador:** Ok. Como você se eterniza ou eterniza suas histórias de vida? Qual a sua referência pras tatuagens?

**Fonte:** Olha, eu me eternizo porque eu já sou eterna. (*risos*) E a minha história com as tatuagens vem desde os 17 anos, que eu sempre gostei de cores, de arte, de conceito, de inovação; então foi através da tatuagem que eu expressei a tela viva. Então quando você vê um quadro muito bonito, como você admira os grandes pintores da história, eu tenho uma história gravada em mim, então eternizo através disso, está gravada em mim a minha história. Cada tatuagem pra mim, ela tem um significado, mas o significado dela não é por ter nome de mãe, de filho, de cachorro ou de amigo, coração, *new school*, *oldschool*, nada disso. É porque é o meu estilo de vida. É como eu vou ser eternizada. A Miss Dany é isso aí.

**Entrevistador:** Mas tem sensibilidades?

**Fonte:** Tem, normalmente. Sensibilidade, afetividades com minha família...

**Entrevistador:** Memórias?

**Fonte:** Memórias todas elas têm. São 58%, muita coisa.

**Entrevistador:** Como você escolhe a hora de tatuar? Quando você acha que é a hora de tatuar?

**Fonte:** Toda hora pra mim é hora de tatuar. Eu acordo, me dá vontade de tatuar, ligo pro meu tatuador, vou lá, me tatuo e volto. É a mesma coisa que uma mulher chega – eu tô na frente de uma designer aqui, ela sabe disso – a mulher chega e diz “eu vou comprar um brinco, eu quero encomendar um brinco agora”. Ok. Eu ligo pro meu tatuador, Igor, Fernando ou Marcelo, “eu quero uma tatuagem. Vem.” Eu já chego com o desenho na cabeça pronto, ele já faz pra mim, já cria. Toda hora é hora. (*risos*)

**Entrevistador:** Qual a importância da tatuagem pra você?

**Fonte:** É o que eu disse a você, a importância da tatuagem pra mim é o meu estilo de vida é isso. Se eu não tivesse a quantidade de tatuagens que eu tenho – e vou fazer mais – eu não era eu. Eu era outra pessoa, entendeu? Eu não sei como é que eu seria, mas eu não era eu. A importância da tatuagem pra mim é isso, é o estilo de vida, é um conceito que eu tenho.

**Entrevistador:** Além de conceito?

**Fonte:** É uma paixão. Eu tenho paixão por tatuagem. Eu estudo a tatuagem, eu pesquiso a tatuagem, eu pesquiso novas cores. Porque tatuagem também tem isso, não é só preto, vermelho, amarelo, azul não. A tatuagem também tem cores, tem novas tintas que são lançadas sempre no mercado. As agulhas que você se tatua, a cada ano, cada época que eles lançam ela fica mais fina, o traço do tatuador tem que aprimorar. Então é um estudo. Do mesmo jeito que um pintor pega uma tela em branco, ele vai pintar, o tatuador faz na pele da gente.

**Entrevistador:** Você considera que a tatuagem é uma técnica? De tornar-se, no seu caso, mulher, a cada dia, a partir de seus amores? Sua história de vida, se você vai eternizando, riscando a pele...

**Fonte:** Também, também. É um complemento. Eu já me tornei quem eu sou, eu já fiz o personagem em cima da Daniele Santos, já criei a Miss Dany. E a Miss Dany Tattoo surgiu com as primeiras convenções de tatuagem, de tatuadores aqui em Natal, que é o Marrom, meu amigo que traz de Londres. E agora aqui em Natal nós vamos ter o 3º da Convenção Potiguar que todo ano eu represento, esse ano eu vou ser o outdoor da convenção... os cartazes tudo vão ser eu. E é isso, meu querido, é uma paixão, é pele. Tatuagem é pele. Você tem que ter amor à sua pele. É amor à pele.

**Entrevistador:** Fale-me de algumas que são representativas pra você. De algumas delas que tenham muita importância.

**Fonte:** Tenho. Tenho a cereja, que foi um dos melhores tatuadores do Brasil, quem dirá do mundo, chama-se Polaco Tattoo. Ele hoje em dia só tatua quem ele quer. Então pra você ter um desenho dele, é um presente assim... dos deuses, entendeu? Também tenho nome da minha mãe, do meu filho, o Lorde Antônio Neto. (*risos*)

**Entrevistador:** É o seu...?

**Fonte:** É o meu yorkshire, eternizado em mim também. Ele vai ser tatuado nas costelas inteiras, agora na convenção. Eu tenho o Sagrado Coração, que eu tenho aqui nessa parte dos seios, que mais... no rosto eu não tenho. No rosto eu só tenho sobrancelha, que é definitivo; boca, que eu fiz definitivo também...

**Entrevistador:** Você fez boca?

**Fonte:** Fiz. E a Vanilla já quer, né? Tá sabendo que a Vanilla já quer. Isso é uma entrevista ótima. Todas elas, todas elas. Porque cada uma representa uma coisa. A família, o infinito, o número 7, que é meu número de sorte. Porque quando eu nasci, eu nasci com o número 7 de

sangue na perna. Quando eu fui crescendo, ele sumiu. Então eu tinha que ter o número 7, que eu nasci com ele. Sumiu porque quis, vai ter que voltar, né. Voltou. Tenho algumas frases... cada uma tem sua importância particular.

**Entrevistador:** Como você acha que as pessoas te leem?

**Fonte:** *(risos)* Não é mais nem me ver, é me ler, né. Elas veem muitas cores, muitas bolinhas coloridas. Muitas rosinhas, caveirinhas. Elas se assustam a princípio, é normal. Mas, depois elas se aproximam, têm curiosidade. Primeiro elas têm curiosidade de ver as cores, ver tatuagem, pede pra tocar... não tem problema, pode pegar à vontade. E depois elas começam a se aproximar de mim, da pessoa. Uma coisa leva a outra, uma coisa leva a outra, uma coisa leva a outra. Então primeiro elas se assustam “ooooh...”. Aí depois elas começam a admirar, e tem pessoas que pedem pra fazer igual. Eu digo “olhe, igual o tatuador não vai fazer. Ele pode fazer um parecido.” As pessoas se aproximam na curiosidade, depois elas gostam. Ó, ela fez, os pássaros dela.

**Entrevistador:** Eu dividi o meu trabalho de tatuagem em 4 segmentos, que foi o que mais apareceu. Tatuagem é recorrente à felicidade; tatuagem que recorre à superação, alguma doença; tatuagem que recorre à proteção, o 7...

**Fonte:** A cruz.

**Entrevistador:** A cruz. Tatuagem que imortaliza sujeitos, amores, pessoas...

**Fonte:** Certo.

**Entrevistador:** Como é que você poderia nos dizer acerca dessas possibilidades?

**Fonte:** Certo. A felicidade?

**Entrevistador:** Felicidade, superação... o que você mapeou no seu corpo que tem a ver com...

**Fonte:** Eu tatuei tudo isso. Tudo isso eu tenho. Eu tenho isso e muito mais. A felicidade pra mim é o que eu sou e o que eu consigo ser a cada dia, viver em paz comigo mesma e em harmonia com as pessoas. Isso pra mim é felicidade. É o símbolo do infinito que eu tenho tatuado no dedo e o nome da minha família, né. A superação é o que eu faço todos os dias ao acordar. Eu já acordo superando muitas etapas da minha vida. E você sabe que aqui no Nordeste, principalmente aqui em Natal, Rio Grande do Norte, você conviver com uma criatura com 58% do seu corpo tatuado, e ela conviver dentro de uma sociedade fechada, que é o que eu vivo, mais ou menos daquilo, o meu lado, vamos dizer, “promíscuo”, o meu lado “fechação” de ser é outro completamente diferente com você, com a Vanilla, com os meus amigos. Mas, o meu trabalho, os eventos que eu vou, isso tudo é muito fechado, então eu consigo quebrar essa barreira e conviver bem do gari à governadora, pra mim isso é uma superação muito grande. Qual é a outra?

**Entrevistador:** Aí você tatuou isso em que forma? Como essa superação tá marcada na sua pele? Há alguma forma?

**Fonte:** Eu mesma.

**Entrevistador:** Você.

**Fonte:** Eu mesma. Proteção, proteção eu tenho. O número 7, como eu te falei, o número 7 é desde que eu nasci. Eu tenho uma cruz asteca contra a maldição. Isso aqui foi muito engraçado, porque na convenção do ano retrasado eu cheguei na convenção e tava muita coisa em cima de mim, muita coisa pra resolver. E meu tatuador Wellington, que todo ano ele vem pra Natal, ele chegou de Brasília, ele me chama de “Branquinha”, “minha branca”. Olha só, é porque é um negão imenso com um *dreadlocks* aqui. Ele disse “minha branca, eu trouxe uma tatuagem pra fazer nas suas mãos.” Eu não tinha ainda as mãos tatuadas. Lembra quando você me entrevistou, que eu não tinha ainda?

**Entrevistador:** Lembro sim.

**Fonte:** Aí eu disse “negão, vou tatuar minhas mãos?” Ele olhou pra mim e disse assim: “vamos, porque eu tenho certeza que é o que você está precisando agora.” Botei as duas mãos em cima da mesa, ele disse “você sabe o que significa essa cruz, esse terço?”, eu disse “não.” Aí ele foi explicar. “É uma cruz asteca, pá pápá, contra a maldição, pá pápá.” Botei as mãos em cima da mesa, ele fez o terço, cabou-se. Fez logo também o nome “família”. Isso aqui eu fiz com outro tatuador, “Luxo, Poder e Glória”, tudo que Miss quer, né. Tudo em francês. Aí botei “Luz” aqui nessa mão e “Amor” nessa outra. Pronto. Isso aqui foi uma forma de proteção, porque... interessante, Nildo, porque quando eu vejo essa tatuagem, eu fico pensando em algumas coisas que eu passei, eu digo “meu Deus do céu, eu sou muito corajosa porque eu enfrento muita coisa” não digo nada, entendeu? Levo nome disso, daquilo no meio da rua, nem ligo. Passo pra lá, passo pra cá. Eu me sinto protegida porque eu acho que não faço mal a ninguém. Então quando você não faz mal a ninguém, de alguma forma você tem uma proteção de Deus, né, de alguma maneira. Então a minha proteção é mais ou menos isso aqui, e minhas orações. E a outra é o que?

**Entrevistador:** Imortalidade, memória.

**Fonte:** Ah, a minha memória é minha família, são meus referenciais que tão todos imortalizados em mim, entendeu? Até nome de pessoas assim que eu não tenha mais contato nem nada, mas que conviveram comigo. Se eu pudesse eu fazia um livro, né. Não tem aquele filme?

**Entrevistador:** Livro de cabeceira. Lindo.

**Fonte:** Maravilhoso, assista. É fantástico.

**Ouvinte:** Livro de cabeceira?

**Fonte:** Livro de cabeceira. Anote, pra você não esquecer. Então, isso tá imortalizado em mim, entendeu? É a minha família, é o apoio que eu tenho do meu filho, da minha mãe, dos meus avós, que faleceram quando eu já tinha; dos meus amigos, dos meus tatuadores, do meu trabalho. Tudo isso então, isso pra mim já está imortalizado, já faz parte da minha vida.

**Entrevistador:** Talvez seja mais difícil, mas como você se lê? Eu perguntei como as pessoas te leem. E com você se lê?

**Fonte:** Luxo, poder e glória, meu amor. Não tem outra.

(risos)

**Fonte:** Ô, criatura querida. Eu me leio mesmo, eu me acho um luxo, eu me leio. Eu me leio mesmo, que eu sou um luxo, eu tenho poder de querer ser o que eu sou e eu faço a glória acontecer.

**Entrevistador:** Amém.

**Fonte:** É isso que eu sou. (risos)

**Entrevistador:** Você considera que textualizar, escrever no corpo, é uma coisa de cuidar de si?

**Fonte:**É, sim senhor. É sim. É, porque quando você toma atitude de fazer uma tatuagem, de você, vamos dizer assim, romper algumas barreiras da sociedade, você já tá tendo uma mudança muito grande, você tá tendo uma coragem muito grande. E essa coragem vai vir com outras formas também, que você queira fazer com você, você mudar o cabelo, você mudar maquiagem, você botar piercing, você engordar, você emagrecer, você ficar sarado, você ficar bombado. Isso tudo já vem, e isso tudo parte muito de pessoas que fazem as primeiras tatuagens. Você faz às vezes uma, você fica só com uma. Samara tem só essa?

**Ouvinte:** Tenho e vou fazer mais.

**Fonte:** Tá vendo?

**Ouvinte:** Já falei até com Igor.

**Fonte:** Olha aí. Vai fazer mais. Samara tem essa e vai fazer outras. Eu tenho um tatuador aqui em Natal, Gustavo Milani, que ele não tem uma tatuagem no corpo. Ele pede, quando ele morrer, os tatuadores podem tatuar o corpo dele todinho. Ele não tem uma.

**Entrevistador:** Eu tenho 6.

**Ouvinte:** Legal.

**Fonte:** Nenhuma, ele tem. Ele é branco, branco, branco, da cor de um papel. Ele não tem uma tatuagem no corpo, ele é todo branco. Ele só quer fazer quando morrer. É a questão mesmo da mudança e da coragem que a pessoa tem de enfrentar, porque querendo ou não, ainda tem aquele certo preconceito, aquela coisa, não é? De ver a pessoa tatuada... pronto, uma pessoa vê Samara com as gaivotinhas dela, os passarinhos dela. Tudo bem, beleza, vê Samara de uma forma. Quando olha pra mim, já vê de outra, entendeu? Já vê de outra completamente diferente, mas isso é normal.

**Entrevistador:** Você se utiliza de algum símbolo que rememora o passado? Por exemplo, caveira. Porque alguns disseram assim...

**Fonte:** Larissa é louca por caveira, né?

**Entrevistador:** “Caveira é símbolo de imortalidade”. Pronto, Larissa foi uma que disse “tatuei caveira porque simboliza imortalidade.” Outros disseram assim: “tatuei caveira porque eu acho caveira uma imagem bonita”.

**Fonte:** Eu sou apaixonada por caveira. O único símbolo, como eu disse a você, que eu tenho que me faz vir boas recordações da minha infância é o meu 7 que eu fiz, o vermelhinho, que eu vou até retocar. Mas assim, eu também sou louca por caveira, porque geralmente quem tem muita tatuagem, pode prestar atenção, tem muita caveira no corpo.

**Entrevistador:** Mas por que a caveira, pra você?

**Fonte:** Pra mim, porque a caveira representa imortalidade. A caveira pra mim tem um significado muito especial, porque eu já vejo a caveira como aquela caveira mexicana. Não é uma coisa aterradora não, eu vejo isso como uma coisa bonita. Eu gosto de olhar pra caveira, me faz bem. Eu vejo como uma imortalidade mesmo.

**Entrevistador:** A capa da minha tese é uma caveira mexicana.

**Fonte:** Olha, tá vendo?

*(risos)*

**Fonte:** Por que você não tatua ela em você, hein?

**Entrevistador:** Eu tô pensando já.

**Fonte:** Eu acho uma boa.

**Ouvinte:** É lindo, caveira mexicana.

**Fonte:** É linda.

**Entrevistador:** Há alguma coisa mais que você queira dizer?

**Fonte:** Agradecer você, meu querido, a confiança. *(risos)*

**Entrevistador:** E eu a você.

## **Transcrição da Entrevistada 2 - Isadora Araújo**

**Entrevistador:** Entrevista com Isadora Santos, aluna Publicidade UnP. Nesse momento, tem que ter esses dados como coleta pra minha pesquisa de tese. Eu tô trabalhando a tatuagem,

como ela representa o ser humano, como a tatuagem faz com que a gente seja lido socialmente. Eu vi que você tem várias tatuagens, pelo menos no braço... só tem essa ou tem outra?

**Fonte:** Tenho 3. Tem uma nas costas que tô fazendo agora e tenho essa aqui, pequenininha.

**Entrevistador:** Por que você fez tatuagem?

**Fonte:** Talvez, antes de estudar sobre isso, eu lhe desse uma resposta rasa, superficial. Mas, como eu tô estudando agora sobre o assunto, eu posso lhe responder com mais consciência; porque o que motiva você a fazer a tatuagem muitas vezes não está no âmbito da consciência. São aspectos inconscientes e que depois do estudo eu consigo identificar e eu posso dizer agora pra você.

**Entrevistador:** Quais são os aspectos inconscientes?

**Fonte:** Primeiro, o mais superficial e mais óbvio, mais banal, é a questão do ornamento. Minha tatuagem é um ornamento, e na minha condição de mulher isso é sedutor. Há a possibilidade de você colorir o seu corpo da forma que você quiser, o desenho que você quiser. Então a tatuagem enquanto ornamento é um aspecto que lhe motiva a fazer a tatuagem. Outro aspecto que foi chamado propriamente por Osório, mas que ela fala no trabalho dela, na pesquisa dela, que é a questão da incorporação. São, de repente, experiências, convicções, uma ideologia, uma situação que você passou que você precisa, além de ter aquilo definido, aquilo fincado na sua mente, você precisa experienciar corporalmente pra que aquilo seja autêntico de verdade. Um outro aspecto é – que eu pude perceber depois de estudar – é a questão da posse de si, principalmente no caso da mulher. Aquela coisa “o corpo é meu, eu faço o que eu quero”. A mulher ocidental hoje em dia vive uma realidade completamente diferente, alcançou uma série de conquistas, seja na família, no trabalho, enfim. Aquela questão da mulher ser cada vez mais vista enquanto indivíduo, e a tatuagem permite isso.

**Entrevistador:** Você falou que é experiência, então quais foram as experiências que fez com que você fizesse essas tatuagens? Você tem 3 tatuagens, você falou que são experiências. Então que experiência foi essa que foi preciso você tatuar ela como algo definitivo?

**Fonte:** Essa aqui do braço não é propriamente uma experiência, mas sim, é uma linha de raciocínio, uma forma de ver a vida. Você olha pro braço e pensa “não, são flores. Tão ali só pra ornamentar.” Sim, também. Mas, além disso, também é um mural dessa linha de raciocínio, por ela ser a lótus. Essa flor é a lótus. Ela nasce das águas sujas, das águas poluídas orientais, então é aquela demonstração de que mesmo diante de situações adversas ou mesmo de uma negatividade pode surgir uma coisa positiva, é um pouco aquela filosofia contrária de que o fruto podre contamina os frutos... é inverso. Aí eu tenho essa aqui, que antes era um nome de uma pessoa, então isso aí foi uma experiência. Então foi o nome do meu ex-namorado e tudo mais, enfim. Foi uma tatuagem de amor. E aí eu recorri ao *cover up* porque não fazia mais sentido, aí cobri. Hoje em dia ela tem um outro significado e tudo mais. É como se fosse um amuleto, porque é chave. E a das costas que eu tenho é o dragão chinês, que é um símbolo de vários valores que eu acredito.

**Entrevistador:** Você falou que a primeira são flores, mas você ao mesmo tempo tem um dragão tatuado na pele. Você acha que esse dragão representa algo masculino ou não?

**Fonte:** Veja bem, meu dragão está segurando flores, ele sai de uma flor. Tá aqui a flor, e ele sai da flor e tá segurando um broto de flor com o rabo. Mas, eu poderia dizer que tem.

**Entrevistador:** A tatuagem, ela é masculina e feminina ou ela tem uma cisão masculina e feminina? O que é masculino pra mulher, o que é masculino pro homem, ou não existe isso? Ou depende da pessoa? Qual é a função da tatuagem relacionada ao gênero?

**Fonte:** Eu acho que não existe essa cisão. A gente pode dizer que os traços mais delicados são femininos porque a natureza feminina é mais delicada e tudo mais, mas existe a possibilidade de você fazer uma representação forte, que pode ser considerada masculina, com traços femininos.

**Entrevistador:** Então você não intitula o dragão como sendo um elemento masculino.

**Fonte:** Não.

**Entrevistador:** É comum mulheres se tatuarem com dragões?

**Fonte:** Sim.

**Entrevistador:** Hoje?

**Fonte:** Sim, é. Na verdade, o homem quer mais expor sua força, a sua virilidade, mas isso não impede que a mulher também tenha força.

**Entrevistador:** Tatuagem é um objeto que é dolorido. Eu sei porque eu tenho tatuagem, eu sei o quanto dói fazer. E essa dor, o que significa? Você pensou duas vezes em fazer, porque é uma coisa que dói?

**Fonte:** Justamente, é o seguinte: a dor, ela não é uma condição existencial exclusiva da tatuagem. É uma condição existencial da vida. Eu vou ter um filho: eu não posso ter a pretensão de querer protegê-lo contra as dores, sejam elas emocionais ou dores físicas. Então a questão não é de evitar a dor, temer a dor, muito embora a gente tema; é uma questão de se preparar pra ela, é uma condição existencial. Você vai viver, você vai passar por ela, você vai ter que enfrentar de uma forma ou de outra.

**Entrevistador:** A resistência à dor é algo do masculino. Quando uma criança cai, se for menino, a mãe pede pra ele não chorar porque é homem. Quando ele cai, quando ele se machuca, o homem não chora. Eu fico pensando como é que essa questão dor, você lidou com ela. Você tem uma no braço que é quase todo o antebraço, quase todo tatuado. Você diz que também fez nas costas. Isso deve ter demandado muito tempo. Além de tempo, deve ter demandado muita dor. Então a dor pra você não incomodou?

**Fonte:** Não, incomoda. Lógico que incomoda, né. Mas, é uma coisa que eu acho que vale a pena, passar por isso.

**Entrevistador:** Quando você tatuou o nome de um possível amor no seu braço, você tinha a ciência que isso ia ser pra sempre.

**Fonte:**É, eu achava que seria pra sempre.

**Entrevistador:** E a tatuagem pra sempre também.

**Fonte:** É.

**Entrevistador:** Então por que tatuar o nome de um amor em si?

**Fonte:** Pois é, professor. Hoje em dia eu tenho na minha cabeça: “nunca mais vou fazer isso. Isso é uma besteira, porque tudo pode mudar”. Mas, honestamente, se hoje em dia eu me encontrasse sentindo a mesma coisa que eu senti, tendo a mesma certeza que um dia eu tive, eu posso dizer que talvez eu não fizesse.

**Entrevistador:** O que você faria?

**Fonte:** Se eu passasse por coisa semelhante, muito provavelmente eu faria.

**Entrevistador:** Você crê que você tá formando seu corpo?

**Fonte:** Estou customizando.

**Entrevistador:** Você tá dando um outro endereço ao seu corpo, endereçando-o a um corpo tatuado.

**Fonte:** Sim, sim.

**Entrevistador:** A um corpo com adereços. A um corpo que eu chamo de tela. Você tem uma tela, que é o corpo, e você está modificando-o, construindo-o para uma sociedade. O que você acha disso, sobre coisas definitivas?

**Fonte:** Se um dia eu abusar?

**Entrevistador:** Sim, se algum dia você não queira mais ela.

**Fonte:** Eu acho difícil, porque eu não me imagino hoje em dia sem elas, sabe? Não é como se eu olhasse “ai, meu Deus. Não aguento mais isso”. Isso já pertence a mim, faz parte da minha identidade além das minhas convicções, da minha identidade visual. Eu não consigo me separar hoje em dia disso.

**Entrevistador:** Das tatuagens.

**Fonte:** Das tatuagens.

**Entrevistador:** Você vai fazer outras?

**Fonte:** No momento não tô querendo não, mas...

**Entrevistador:** Por que você não tá querendo, já que é uma coisa que você gosta, você acha belo?

**Fonte:** Porque eu tô terminando essa das costas agora e ainda não me surgiu nenhuma coisa especial.

**Entrevistador:** Quando você vai tatuar, você já vai com a ideia da tatuagem? Ou quando você chega lá você decide?

**Fonte:** Eu vou com a ideia, com o desenho já praticamente pronto. Peço a eles sugestões pra ficar uma coisa mais harmônica, porque ele é um profissional, vai saber. Mas, eu vou com a ideia pronta.

**Entrevistador:** O que é que representa a tatuagem pra você? Já que você tem tanta convicção que não vai enjoar. Você falou que já faz parte da sua vida, que escreveu o nome de uma pessoa. Desenhou uma flor de lótus porque tem algo filosófico. O dragão também tem algo filosófico, tem algo da fortaleza, como você falou. Então, o que é a tatuagem pra você? Como é que você definiria tatuagem?

**Fonte:** Tatuagem é a transposição de uma mensagem, de um pensamento, de uma experiência. É você permitir que as pessoas visualizem um pouco mais de você.

**Entrevistador:** Então você faz pra o outro visualizar você?

**Fonte:** Existe essa perspectiva também, da pessoa poder lhe enxergar melhor, lhe ler, lhe decodificar. Mas, existe essa questão mesmo pessoal, entendeu? Não é necessariamente pra alguém lhe ver. Minhas costas eu não saio mostrando pra todo mundo. É uma coisa que é pra mim...

**Entrevistador:** Mas quando você compra um vestido ou uma roupa, um adereço, sei lá. Quando você vai sair, você faz questão de deixar elas à mostra? Você compra um vestido pra mostrar mais, com a manga mais pra cima porque você tem o braço tatuado? Você compra um vestido porque tem um decote maior pra que alguém veja a silhueta ou a denúncia dessa marca corporal que você tem, ou não? Ou elas não fazem parte dos adereços corporais que você usa? Como óculos, colar, anel, pulseira.

**Fonte:** Faz parte da minha individualidade, mas muitas vezes eu quero sim partilhar. Ou pelo menos não me privo disso. Obviamente, eu acho bonito, então não faço questão de esconder, de jeito nenhum.

**Entrevistador:** Mas, quando você vai comprar roupa, você tem esse cuidado de que tenha um certo decote que mostre melhor...?

**Fonte:** Sim, sim.

**Entrevistador:** Então isso é fetiche.

**Fonte:** Também.

**Entrevistador:** Tatuagem é fetiche.

**Fonte:** Também.

**Entrevistador:** Pros outros ou pra você?

**Fonte:** Pra todo mundo.

**Entrevistador:** As pessoas com quem você se envolve, ou a pessoa com quem você se envolve, as pessoas com quem você se envolveu no passado, outrora, em algum tempo aí, o que elas diziam acerca da tatuagem?

**Fonte:** Elas gostavam da tatuagem, todos eram tatuados também, a grande maioria.

**Entrevistador:** Então normalmente os tatuados namoram com os tatuados?

**Fonte:** Normalmente.

**Entrevistador:** Por que será?

**Fonte:** Acho que é uma coisa de identificação...

**Entrevistador:** Você acha que a tatuagem deixa o indivíduo um sujeito mais erótico, mais sensual, em certa medida?

**Fonte:** Acho.

**Entrevistador:** Além de ser algo que decora o corpo? Agradar a si e ao outro? Ela libera uma eroticidade?

**Fonte:** Sim. Acho que sim.

**Entrevistador:** Você namorou alguém só por causa das tatuagens ou não?

**Fonte:** Não. (*risos*) Não cheguei a esse ponto não.

**Entrevistador:** Normalmente, quando conhece, a gente conhece visualmente, né. A gente não conhece a pessoa no seu íntimo, a sua índole. Mas, nós vamos nos envolvendo, a primeira forma de envolvimento é a visual.

**Fonte:** Sim, sim.

**Entrevistador:** Essa escolha se dá pela tatuagem?

**Fonte:** A tatuagem, ela soma pra isso, não é definitiva. Não é, como é que eu posso dizer... não é o principal quesito assim, analisando. Mas, ela soma positivamente. Se for bonita, ainda mais.

**Entrevistador:** Essas suas tatuagens são da ordem do feminino. Tem rosas... então você crê que existem diferenças entre tatuagem que se faz em homem e tatuagem que se faz em mulher. Você sabe o motivo disso?

**Fonte:** O motivo?

**Entrevistador:** Porque será que homem tatua umas coisas e mulheres tatuam outras coisas?

**Fonte:** Veja bem, por exemplo. Esse namorado que eu escrevi o nome, ele tinha estrelas no braço, que pode ser encarado como uma tatuagem feminina. Mas, nele não ficou feminina porque eram traços diferentes, traços *oldschool*... então eu acho que não é propriamente o símbolo, mas a forma como ele é simbolizado.

**Entrevistador:** Você acredita que você é um livro, a ser lida?

**Fonte:** Acredito. Acredito que decodificar, né...

**Entrevistador:** As pessoas estão interpretando você. Pela vestimenta, obviamente pelas tatuagens... você já sofreu preconceito por causa delas?

**Fonte:** Já.

**Entrevistador:** Que tipo?

**Fonte:** Não uma coisa expressa, das pessoas “ai meu Deus”, mas eu já tive um namorado que ele não queria que eu conhecesse a mãe dele porque a mãe dele tinha preconceito com tatuagem. Então eu ia cobertinha, não mostrava que tinha tatuagem e sentia, né, o preconceito.

**Entrevistador:** Mesmo assim você ainda ficou com ele?

**Fonte:** Fiquei. O preconceito era da mãe dele, né.

**Entrevistador:** O que irrita você em relação a isso?

**Fonte:** Ao preconceito?

**Entrevistador:** Contra a tatuagem. O que te contraria? O que seria um preconceito do qual você iria se incomodar?

**Fonte:** Não sei, porque as pessoas se reportam àquela mentalidade europeia do século XVIII, entendeu? De que quem fazia tatuagem era prostituta, era lésbica, era marginal, enfim. Pessoas de mau caráter, conduta duvidosa. E não tem nada a ver comigo, então você se sente de certa forma injustiçada, né. Não que eu me prenda a isso, na verdade. Senão eu não teria feito.

**Entrevistador:** Você diz que prostitutas e marginais, eles são seres sem conduta.

**Fonte:** Conduta duvidosa, né.

**Entrevistador:** O que seria conduta duvidosa?

**Fonte:** Não sei, eu não acho muito certo vender o corpo, muito embora eu não possa criticar alguém, não sei em que situação aquela pessoa viveu, que educação aquela pessoa teve. Mas, eu realmente não me submeteria àquilo.

**Entrevistador:** Você não acha que você tá na margem dos excluídos tanto quanto as prostitutas e os marginais, porque tá usando tatuagem? As prostitutas vivem marginalizadas socialmente, né. Os homossexuais, por sua vez, também. Os negros e os tatuados. Então você acha que você também se enquadra nesse grupo de pessoas que são excluídas, são marginalizadas socialmente?

**Fonte:** Hoje em dia eu acho que esse panorama tá mudando, tá sendo revertido aí. Acho que as pessoas tão vendo isso cada vez mais na televisão, a geração tá cada vez mais receptiva a esse tipo de coisa e isso tá mudando, né. Mas, ainda existem aquelas pessoas que realmente marginalizam, discriminam...

**Entrevistador:** O que te incomoda na discriminação? Alguma coisa te incomoda ou não? O que você acha que seria uma grosseria por parte de alguém com preconceito?

**Fonte:** Qualquer coisa. Se alguém me chamasse de marginal ou de ladra eu ia ficar ofendida; de prostituta eu ia ficar ofendida; de lésbica eu ia ficar ofendida. Entendeu?

**Entrevistador:** E tatuada?

**Fonte:** Não, apesar de ser um pouco contraditório, né? O tatuado não é necessariamente a prostituta, o marginal...

**Entrevistador:** Apesar de todos eles terem.

**Fonte:** Não todos, né.

**Entrevistador:** Grande parte.

**Fonte:** Existe essa associação, né.

**Entrevistador:** De ser uma pessoa errada...

**Fonte:** Isso. Exatamente.

**Entrevistador:** Descompromissada.

**Fonte:** Isso. Talvez mostre um pouco também da capacidade daquela pessoa, de outro tatuado, de desafiar, né. E as pessoas não querem ser desafiadas. Elas não querem ver o potencial do outro de resistência, de atuação. Elas querem sempre estar em panos quentes com os outros. Então você perceber que alguém tem coragem, aquilo já é mal visto.

**Entrevistador:** Você faria a tatuagem no mesmo lugar que você fez hoje, ou você mudaria de lugar?

**Fonte:** Não, eu deixaria.

**Entrevistador:** Faria as mesmas tatuagens?

**Fonte:** As mesmas tatuagens.

**Entrevistador:** As que você tem aí.

**Fonte:** As que eu tenho.

**Entrevistador:** Com exceção de uma.

**Fonte:** Com exceção da do nome.

**Entrevistador:** Essa aí você fez questão de apagar.

**Fonte:** Eu poderia ter recorrido ao laser, né, ou ter coberto. Mas, não sei. Acho que eu fiz, então fiz outra por cima mesmo, não vou apagar. Tá lá, de certa forma tá lá.

**Entrevistador:** Tá impressa em você.

**Fonte:** Exatamente.

**Entrevistador:** E o que o pessoal diz disso? O que as pessoas dizem em relação a você ter tatuado o nome de uma pessoa no seu corpo?

**Fonte:** “Absurdo, você é muito boba, foi muito ingênua”, esse tipo de coisa.

**Entrevistador:** Você se achava boba e ingênua?

**Fonte:** Hoje em dia é como eu falei pra você, professor. Hoje em dia aquilo foi um erro. Foi e não foi um erro. Foi uma coisa que não merece mais ser visível aos outros. Mas, eu não acho que foi exatamente um erro não.

**Entrevistador:** Você falou que se sentir algo igual, fará outros nomes. Você tingirá o seu corpo-tela, pintará o seu corpo-tela outra vez com outro nome?

**Fonte:** Sim, se a circunstância for parecida, a gente queria uma aliança, né. Não uma aliança de anel, então a gente propôs uma tatuagem, que é uma coisa eterna, a gente vai casar, ter filho. Só eu sou capaz de suprir suas necessidades, só eu sou capaz de lhe dar o que você precisa, eu lhe amo, é aquela coisa. Vamo, entendeu? Então naquela circunstância, ali pra mim...

**Entrevistador:** Era importante ter. Ter no seu corpo.

**Fonte:** Isso.

**Entrevistador:** Como posse, seria uma ideia de posse?

**Fonte:** Isso também.

**Entrevistador:** Porque aliança nada mais é do que às vezes posse, né. “Eu tenho o outro e o outro me tem.”

**Fonte:** É isso mesmo.

**Entrevistador:** Mas você achava que você era posse dele ou que você tinha posse dele, ou que ele tinha a posse sua?

**Fonte:** Nesse caso era um pertencimento como se eu pertencesse a ele e ele me pertencesse, muito embora lógico, existe o livre arbítrio de cada um, mas aquilo tava marcado na tatuagem.

**Entrevistador:** Impresso no corpo.

**Fonte:** Impresso no corpo.

**Entrevistador:** Então você tá formando um novo corpo. Você tá em formação ainda, do seu corpo?

**Fonte:** Sim, sim.

**Entrevistador:** Você tá se formando todo dia.

**Fonte:** Todos os dias.

**Entrevistador:** A cada dia você tá formando cada vez mais seu corpo.

**Fonte:** Exatamente.

**Entrevistador:** Não tem medo disso?

**Fonte:** Do corpo, da mente, tudo, né. O corpo também merece sofrer essas mudanças da mente.

**Entrevistador:** Merece por quê?

**Fonte:** Porque faz parte de você, né. Você não é só o corpo e você não é só a mente, emocional. É uma união.

**Entrevistador:** Você choca o outro com essas tatuagens? Existe algo de chocar? Quando você tá no ônibus, quando você tá no shopping ou você tá, sei lá, ou vai a uma igreja.

**Fonte:** Hunrum.

**Entrevistador:** Quando você chega nesses espaços, isso é motivo de olhares, de soslaios, a pessoa fica olhando de lado...?

**Fonte:** Sim, sim.

**Entrevistador:** Isso incomoda?

**Fonte:** Não.

**Entrevistador:** Você não sente nenhum tipo de incômodo?

**Fonte:** Sinceramente, é uma coisa que eu já tô tão acostumada a ter, entendeu. Muitas pessoas olham com curiosidade, muitas com admiração, outras com repúdio. Isso aconteceria mesmo

se eu não tivesse a tatuagem. Isso com certeza despertaria vários tipos de sensação das pessoas, independente da tatuagem. A tatuagem, lógico, evidencia, mas acho que é uma coisa que as pessoas...

**Entrevistador:** Você se sente mais erótica com essas tatuagens ou não?

**Fonte:** Sinto.

**Entrevistador:** A pessoa com quem você tem um relacionamento amoroso também acha a mesma coisa?

**Fonte:** Acha. Hoje em dia não, porque eu não tô mais com ninguém, mas achava.

**Entrevistador:** Achava erótica.

**Fonte:** Sim.

**Entrevistador:** E você gostava disso?

**Fonte:** Lógico, a pessoa quer se sentir desejada. É importante num relacionamento.

**Entrevistador:** Mas com relação às tattoos, você acha que elas faziam com que o outro se sentisse mais atraído por você?

**Fonte:** Sim.

**Entrevistador:** E se você fosse definir Isadora hoje pelas tatuagens, como é que você se definiria? Se você fosse tatuar algo no corpo que representasse você, o que você tatuaria?

**Fonte:** Que me representasse?

**Entrevistador:** É. O que seria um desenho que representa Isadora? Claramente. Olhou, lembrou.

**Fonte:** Não sei, eu tenho muita flor, né. Mas, eu acho que a rosa, porque tem o lado doce e tem o lado dos espinhos que é uma coisa mais forte.

**Entrevistador:** E você sendo mulher tatuada, pras outras mulheres? O que as amigas dizem? Ou não amigas, né. O que a sociedade diz? Vê uma mulher bonita, com tantas tatuagens no corpo?

**Fonte:** Tem gente que acha lindo “menina, que coisa linda!”, tem gente que acha horrível, “menina, você se estragou, você acabou com seu corpo, você nunca mais vai conseguir ser anônima. Em qualquer lugar que você passar, todo mundo sabe que você é aquela pessoa com aquela tatuagem no braço”, num sei que.

**Entrevistador:** Mas você faz questão de ser anônima, ou não?

**Fonte:** Não. Nunca fiz questão de ser anônima, nunca fiz questão de não tomar uma posição diante das coisas na vida, de ser nem lá nem cá. Nunca fiz questão de tomar partido mesmo.

**Entrevistador:** O que seus pais dizem da tatuagem?

**Fonte:** A maior preocupação do meu pai. Ele nunca falou do preconceito, ele fala das doenças que eu posso adquirir fazendo a tatuagem. Hepatite C, hepatite num sei que... das doenças. É uma preocupação dele, que ele expõe pra mim, é de eu adquirir uma doença, fazer num local inapropriado com as condições de higiene...

**Entrevistador:** E sua mãe?

**Fonte:** Pois é, minha mãe também se assustou. Hoje em dia ela fala “minha filha, não faça mais nada, pelo amor de Deus”.

**Entrevistador:** Você mora com os dois?

**Fonte:** Não, minha mãe mora em Salvador. E aí quando ela viu, ela ficou “não acredito, minha filha.” Eu fiz e mandei a foto pra ela, ela “eu achava que isso era um tecido, uma blusa que você tava usando, e de repente é seu braço mesmo.” Mas, ela disse que acha bonito e tal. Só pede que eu não faça mais.

**Entrevistador:** Pede pra não fazer?

**Fonte:** Pede pra não fazer mais.

**Entrevistador:** Você usou algum aditivo pra fazer as tatuagens?

**Fonte:** Não.

**Entrevistador:** Nada? Nem álcool?

**Fonte:** Não. É perigoso, né, inclusive, você fazer uso de qualquer droga.

**Entrevistador:** Por quê?

**Fonte:** Porque não sei, álcool altera seu estado normal e de repente você tem a sensação da dor e acha, muitas vezes, no seu psicológico, que isso tá sendo aumentado muitas vezes em virtude da sua alteração, entendeu? Então você pode ficar meio mal, além da dor que você tá sentindo, né. Pode piorar.

**Entrevistador:** Se você fosse fazer outras hoje, você faria mais onde? Além do dragão, além da chave, além das flores de lótus que estão no seu braço. Onde você faria mais tatuagens? Que outra parte do corpo você desejaria fazer?

**Fonte:** Eu penso aqui no quadril, ao lado. Aqui embaixo, no quadril e só, não sei. Na perna eu não gosto muito, acho um pouco vulgar. A mulher bota assim um salto e tal, tá lá a tatuagem. Acho que fica um pouco meio... então eu não gosto muito. Então eu pretendo fazer coisas pequenas, assim.

**Entrevistador:** Mas na perna é tão visível quanto no braço, não acha não?

**Fonte:** No braço é, mas eu acho que fica vulgar, quando a mulher tá de saia ou vestido, o salto e a tatuagem na perna, entendeu? Acho que fica apelativo demais.

**Entrevistador:** E olhe que é uma parte mais escondida, né. Não é igual ao braço, que é uma parte mais visível.

**Fonte:** Pois é, o braço é considerado uma região pra tatuagem masculina. Eu acho que tem que haver o equilíbrio.

**Entrevistador:** Quais são os cantos femininos, então?

**Fonte:** Pé, nuca, pulso, entendeu? Costas também é muito usado pelas mulheres.

**Entrevistador:** Esses, por serem lugares menores, eles demandam uma tatuagem menor. E você tem um braço todo tatuado.

**Fonte:** Tem mulheres que fazem perto da pélvis, perto do cóccix, enfim. Que eu já acho uma coisa apelativa, desnecessária. Naturalmente, o seu corpo chama atenção praquela região, então é um apelo, eu não vejo...

**Entrevistador:** Você não faria tatuagem nas partes íntimas?

**Fonte:** Não, não pretendo.

**Entrevistador:** Não pretende ou não faz?

**Fonte:** Eu não tenho muita certeza das minhas convicções futuras, né. A gente tá sempre mudando e tudo mais, mas realmente eu não faria.

**Entrevistador:** Esse instante agora, como eu falei pra você, foi um instante muito mais de explorar as tatuagens, explorar os sujeitos. Obviamente, depois eu quero fazer uma coisa mais formal, com perguntas mais diretivas, mais voltadas para o trabalho de tese final. Esse momento agora é só pra gente ver o que é recorrente na sua fala, na fala das outras pessoas que eu já entrevistei, das 8 outras pessoas, o que é que se repete. O que se repete é o que eu e meu orientador vamos estar pesquisando. Então desde já muito obrigado, eu terei o maior prazer de entrevistá-la outras vezes.

**Fonte:** De nada.

**Entrevistador:** Pode ser que depois eu precise de fotos pra poder analisar a flor de lótus, o lugar, certo? E eu espero que você possa contribuir mais à frente desse trabalho. Muito obrigado.

**Fonte:** Ok, tá bom. De nada.

### Transcrição do Entrevistado 3 - Felipe Tarquinho

**Entrevistador:** Entrevista 3 com Felipe Tarquínio. Bom, Felipe, pra começar, defina o que é *tattoo* pra você.

**Fonte:** O que é tatuagem?

**Entrevistador:** Sim.

**Fonte:** Na minha concepção, tatuagem é uma forma de você externar algo que faz parte do seu eu mesmo, a sua personalidade. Você externar coisas que estão atreladas à sua personalidade, ao seu modo de vida, às coisa que você lê... tudo que compõe, enfim, nossa cultura. É uma forma de externar isso de uma forma artística, vamos dizer assim.

**Entrevistador:** Será que tatuagem é uma forma de linguagem?

**Fonte:** Certeza. Não é à toa que existem diversos tipos de tatuagem, vamos supor, escolas, né? *Oldschool, new school*, realismo... então cada escola transmite uma linguagem, e eu acho que isso também tá inserido no tipo de... no que eu falei antes, na questão da personalidade, porque sei lá, as meninas que gostam daquele *lifestyle* anos 50, elas vão preferir uma tatuagem *oldschool*, uma *pin up*. Tudo isso vai refletir, então, a parte da personalidade dela.

**Entrevistador:** Você tem algum tipo de escola que você segue, algum tipo de linguagem específica que você segue nas suas tatuagens?

**Fonte:** Não, eu sou bem desprendido disso. Geralmente, quando eu vou fazer uma tatuagem, eu mesmo que ponho a mão na massa no fato de fazer o desenho. De eu mostrar as referências, de fazer um esboço do que mais ou menos eu quero... é bem por aí. Quanto mais estiver atrelado ao que eu quero, eu vou fazer de tudo pra que aquilo fique dentro da linguagem que eu quero. Não tenho uma específica.

**Entrevistador:** Quando você sabe que é a hora de tatuar? “Ah, agora eu vou tatuar.” Quando você sabe que é esse momento? Porque tem que haver um momento.

**Fonte:** Não, lógico. Tipo assim, geralmente eu gosto de fazer tatuagem depois de grandes mudanças, quando eu passo por alguma situação em que aquela situação tem um significado muito forte dentro da minha vida. Sei lá, uma doença, uma superação. Qualquer coisa que seja num momento em que você para e reflete, então aquilo acaba me dando uma inspiração pra fazer determinada tatuagem.

**Entrevistador:** Você poderia dizer algum momento desse, que representasse uma tatuagem sua?

**Fonte:** 2 anos atrás, mais ou menos, eu tive um término de um relacionamento e assim, na minha fase de curtir a minha fossa, eu assisti um filme bem interessante. O filme em si não tinha a ver com meu contexto, ele falava sobre o tempo. Aí ele me mostrou uma realidade que é bem óbvia, mas que às vezes a gente não atenta, que é tipo: nada é pra sempre. Tudo é

perecível e quem rege tudo é o tempo. E eu passei a acreditar nisso como uma lei da vida. A vida inteira é composta de ciclos. E aí eu peguei a frase que começa o título que começa o filme, que é uma frase em francês, que diz “o tempo destrói tudo”, e eu tatuei. Só que pra complementar no outro braço, eu fiz “o tempo cura tudo”, que pra mim isso é um ciclo perene assim, sabe? Ao mesmo tempo que ele tá construindo determinadas perspectivas na vida da pessoa, outras estão ficando pra trás, estão sendo fechadas.

**Entrevistador:** Você puxou um assunto que é muito importante, que é o *cover up*. E quando se tatua algo e não se quer mais?

**Fonte:**É, isso é bem engraçado. Eu vejo tipo um modismo muito grande da tatuagem e, às vezes, a perda do sentido na tatuagem. Eu acho que é por isso que existe o *cover up*. De repente, você fez uma coisa que você não se identifica mais ou você fez num momento de empolgação, e aí depois você se arrepende. No meu caso, eu acho muito difícil, até hoje eu nunca me arrependi de nenhuma tatuagem que eu fiz, porque elas são atreladas a muitas coisas fortes pra mim. Amizade, a coisas que fazem parte da minha vida, é meio que uma forma de, aos pouquinhos, eu ir contando a minha história no meu corpo.

**Entrevistador:** Normalmente, casos de amor, nome de pessoas, símbolos, tatua-se, termina-se o relacionamento. E depois? O que se fazer?

**Fonte:** No meu caso, essa minha tatuagem não foi atrelada ao meu ex, mas sim ao momento em que eu refleti a partir disso, que até hoje faz sentido pra mim.

**Entrevistador:** Normalmente os *cover up*, as rasuras – certos autores chamam de rasuras – se dão devido à moda.

**Fonte:** Eu acredito que sim. É um momento de impulsividade, assim. Tipo, eu jamais tatuaria o nome de alguém. Só se fosse alguém muito importante, tipo minha mãe.

**Entrevistador:** Certo. O que você pensa acerca da marginalização? Tatuagem vinculada à marginalização ou ao conceito de marginalização.

**Fonte:** Isso é um conceito que já tá atrelado desde a Antiguidade, né? De quando surgiu e tudo. Esse estigma é carregado até hoje, da marginalização da tatuagem. Mas, eu acho que no dia de hoje... aqui ainda tem uma certa resistência, aqui em Natal. Mas, em outras cidades, como São Paulo, você vê um cara que é empresário, tá de terno e tudo, ele tem um braço fechado. Então assim, lá as pessoas olham de outra forma. Não é uma tatuagem que vai botar em questão a sua capacidade profissional, sabe? Lá eu acho que é diferente você ser... eu acho que aqui vai chegar essa época assim, que vai ser diferente se você não tiver uma tatuagem.

**Entrevistador:** Aqui ainda não é.

**Fonte:** Aqui ainda não é. Aqui eu ainda vejo... a gente percebe por olhares, por catucões, esse tipo de coisa. Mas, até aqui já tá mudando bastante.

**Entrevistador:** Incomoda?

**Fonte:** Incomoda, mas ao mesmo tempo eu não tô muito aí não, sabe? Eu sou muito assim, eu e eu mesmo, sabe? Minha vida, assim. Eu não tô preocupado com o que o outro vai achar.

**Entrevistador:** Que tipo de experiência normalmente se marca no corpo? Você disse que tatuou uma experiência a partir de uma relação.

**Fonte:** Isso.

**Entrevistador:** Mas, as pessoas, normalmente, que você conhece, elas tatuam o que no corpo? Que tipo de experiência elas imprimem no corpo?

**Fonte:** Ah, isso é tão plural. Eu conheço gente que tatua pelo lado estético. Tipo, tem uma amiga minha que ela fez uma tatuagem em homenagem ao filho, quando ela teve. Acho que as pessoas atrelam muito ou à estética, uma coisa que é muito própria assim, ou à questão pessoal.

**Entrevistador:** Tatuar significa marcar?

**Fonte:** Certeza. Quando se tatua, você tá se delimitando no tempo. Teve um artigo que eu li de uma mestra, uma doutora, não sei, que ela falava sobre tatuagem e ela falava comparando as tatuagens de antigamente e as de hoje. Ela fez um estudo com pessoas já mortas e tudo, e que as tatuagens tinha a ver com aquela época em que elas viveram. Por isso que eu digo que tatuagem é você contar sua história, porque você tá se delimitando no tempo. E ao mesmo tempo você se marca na sociedade. Tipo, uma pessoa tatuada, pra ela assaltar um banco, é muito mais difícil, porque enfim, vão ver que ela tem aquela tatuagem, aquela marca, e vão lhe reconhecer. É um carimbo. É sua identidade exposta assim, da forma mais aberta que tem.

**Entrevistador:** Normalmente, a tatuagem tá atrelada ao masculino e ao feminino? Existe tatuagem pra homem e tatuagem pra mulher, ou todo mundo pode tatuar tudo?

**Fonte:** Eu acho que pode. Acho que nos anos 90 isso era mais fechado, você via muito desenhos mais delicados pra menina e tipo tribal, esse tipo de desenho mais pra homem, mas acho que hoje em dia isso tá tão mais solto, mais liberto. Acho que tá se cortando essas delimitações de feminino e masculino.

**Entrevistador:** E geografia corporal: onde tatuar? Será que onde tatuar tem lugares masculinos e lugares femininos? Ou lugares que se deve tatuar e lugares que não se deve tatuar?

**Fonte:** Em questão a associar o lugar do corpo com o gênero também acho que não existe, porque no mesmo jeito que eu vejo meninas com braço fechado, com perna, sabe? Lógico que a anatomia, ela valoriza determinadas coisas; mulheres que fazem tatuagem no colo, nos seios, isso é uma coisa que valoriza, que é diferente no homem; vai ter o desenho, vai ser bacana, mas não vai ter a questão do volume por causa dos seios, enfim. Mas, eu acho que nesse caso, a geografia não determina muito questão de gênero, sabe?

**Entrevistador:** Mesmo no Nordeste, mas em relação a onde tatuar. Porque normalmente eu tenho muitos colegas que tatuam partes do corpo onde normalmente as pessoas vão ver, porque socialmente... tá atrelado...

**Fonte:** Tá atrelado ao preconceito. À marginalização, né. Muita gente faz numa parte do ombro, porque uma camisa esconde, ou costas. Eu sou do tipo que eu não tô muito preocupado não, se isso vai afetar, se isso vai causar...

**Entrevistador:** Você tem quantas?

**Fonte:** Agora a sétima.

**Entrevistador:** Que corpo deve ser tatuado? Existe um biotipo, existe um tipo, existe uma forma?

**Fonte:** Acho que não, acho que a tatuagem, ela é bem democrática nesse sentido. Eu tenho uma amiga que ela é bem tatuada, ela era bem gordinha quando eu a conheci, e aí depois ela emagreceu bastante e agora ela voltou a ser gordinha de novo. Então assim, ficou bacana nela dos dois jeitos, sabe? A tatuagem não deformou... porque dependendo do lugar pode ser que ela fique flácida ou estenda, enfim, o desenho deforme. Mas, nela ficou ótimo, ela estando magrinha, estando gordinha, sabe? A tatuagem é bem democrática nesse sentido. Eu conheço pessoas de todos os jeitos que elas são tatuadas. Todos os biotipos.

**Entrevistador:** Tatuagem e independência. As pessoas são mais independentes... tem a ver alguma coisa?

**Fonte:** É na questão de pensamento. Acho que tá totalmente atrelado assim; as pessoas que não devem nada a ninguém, sabe? Elas sabem quem elas são, elas são seguras de si, acho que elas são mais corajosas, têm mais peito de encarar uma tatuagem exposta, grande, seja o que for, sabe? Do que uma pessoa que é insegura, ela vai pensar no que os outros vão achar... acho que ela tá atrelada nesse sentido de liberdade de pensamento, de expressão.

**Entrevistador:** Com relação ao corpo, as pessoas que tatuam, elas são autônomas em relação ao corpo?

**Fonte:** Sim, certeza. A prova disso é meu amigo Alisson, que você entrevistou. Ele é mega gordinho, trabalhou muito tempo aqui no ramo de moda. Mas, ele tem os dois braços fechados, então assim, ele se aceita do jeito que ele é. O biotipo dele com a personalidade dele. Acho que isso reflete.

**Entrevistador:** Então é autonomia.

**Fonte:** Certeza.

**Entrevistador:** Em relação ao corpo dele.

**Fonte:** Certeza.

**Entrevistador:** Por mais que o outro o condene, por mais que o outro... porque o outro é o nosso sensor, seja olhando, seja falando... o nosso limite é sempre o outro. Mas, mesmo o outro, nesse...

**Fonte:** Há uma autonomia de “o meu corpo é o meu”, sabe?

**Entrevistador:** Dele eu faço o que eu quero.

**Fonte:** É. Certeza.

**Entrevistador:** E tatuagem relacionada à erótica?

**Fonte:** Isso é até um complemento da outra. Se você tem uma autonomia pelo seu corpo, você tem uma sexualidade melhor trabalhada, assim. Com a tatuagem, isso pode ser um bloqueio pra algumas pessoas que não gostam e tudo, mas em geral, pelo que eu converso com as pessoas, elas gostam muito, elas acham estético, elas acham sensual o fato de você ter uma tatuagem. Acho que você brinca com isso também, sabe? A tatuagem faz você botar uma “artificialidade” de um desenho num corpo que é nu; então você trabalha a questão do visual, do estético. Você tá se enfeitando, você tá se ornando de outras ferramentas pra se tornar atraente.

**Entrevistador:** Seria uma folha em branco onde nós escrevemos?

**Fonte:** Certeza.

**Entrevistador:** Textos?

**Fonte:** Textos, imagens...

**Entrevistador:** Uma tela onde a gente pinta?

**Fonte:** É, certeza. Você pintando suas histórias.

**Entrevistador:** Suas verdades.

**Fonte:** Suas verdades.

**Entrevistador:** Tatuagem tá atrelada à personalidade?

**Fonte:** Totalmente. Isso a gente tira, tipo, você conhece determinada pessoa, ela tem determinados gostos, frequenta determinados ambientes, gosta de determinados ritmos de música, autores. Isso vai se refletir, sabe. E isso às vezes determina certas tribos, vamos dizer assim, que eu nem gosto muito de usar essa palavra, mas sei lá. Em determinado canto, que role determinado som ou cultura, você vai encontrar semelhança nas tatuagens que aquelas pessoas tiverem e tal. E rola identificação também. Se você olha pro corpo do outro e você vê uma tatuagem de um desenho de um ilustrador, de qualquer coisa que você conheça, isso vai rolar uma identificação, você vai se identificar com aquela pessoa.

**Entrevistador:** E em relação à dor?

**Fonte:** A dor da tatuagem pra mim, ela é viciante. Se a gente puder associar a uma droga, não no sentido negativo, mas a tatuagem, ela dói; mas é uma dor totalmente suportável e é o que eu digo: quando você faz a primeira, pode esperar que a segunda com certeza vai fazer.

**Entrevistador:** Eu fiz minhas costas em dezembro, mas dói muito.

**Fonte:** Dói, mas você não pensa não, assim...?

**Entrevistador:** Dói demais da conta.

**Fonte:** Quando você lembra de possivelmente fazer uma próxima, você...

**Entrevistador:** Eu não sei se eu tenho coragem de fazer outra não.

(risos)

**Entrevistador:** Eu não sei se eu tenho coragem.

**Fonte:** Eu sofri bastante agora no final do ano, que eu fiz essa maior. A parte da articulação do braço, que tem uma cicatrização já bem difícil, doeu bastante. Eu pensava “nossa, eu não quero sentir essa dor novamente”, mas ao mesmo, quando eu terminei, já fiquei pensando nas próximas que eu tenho pra fazer.

**Entrevistador:** Será que dor tá atrelada a prazer?

**Fonte:** Certeza. Sadomasoquismo tá aí, né. Às vezes, quando você tá numa sala de espera de um tatuador que você só escuta a zoada do motor, você já fica ansioso, fica querendo – como chama – “se riscar” logo. Você já fica naquela expectativa. “Ah, só um pontinho aqui pra eu sentir”, sabe?

**Entrevistador:** Então a autonomia tem a ver com liberdade, tem a ver com personalidade e tudo isso tem a ver com dor. Ou seja, a dor tem a ver com tudo isso.

**Fonte:** Com certeza. É você ter a liberdade pra dizer “eu quero sentir dor em prol da minha personificação, em prol da minha liberdade”. E viver é dor, né? Não existe... se você resolve desbravar e não deixar a vida passar por você como mero espectador, se você quer viver a vida realmente, ela é composta de dor.

**Entrevistador:** Se você fosse ler você pelas suas tatuagens, o que você diria?

**Fonte:** Cara, fica difícil. Eu não sei nem se eu vou responder à pergunta com o que eu vou dizer agora, mas todo mundo que vê minhas tatuagens elogia muito por um grau de individualidade que elas representam. Quando eu fiz a última que eu postei a foto, foi sucesso de comentários. Acho que teve mais de 100 comentários na tatuagem e um menino comentou assim: “ah, eu quero roubar suas tatuagens pra mim.” Eu disse “ah, não rouba não.” Impressiona muito assim, pela individualidade, pela criatividade do desenho, por ser uma coisa diferente que tá muito atrelada ao meu jeito. Eu sou muito mutável, eu sou muito... eu tenho diversos personagens que sou eu, só que são extensões minhas. É essa pluralidade que eu gosto de expressar. Acho que é por isso que minhas tatuagens são tão distintas umas das

outras. Você olha, uma não tem ligação com a outra, mas são desenhos únicos, são coisas que fazem parte de mim. Lógico que é aquela coisa: “nada se cria, tudo se copia”. Tudo que eu fiz já existe na natureza, já existe em algum canto, só que a forma como foi retratada, isso acho que se torna diferente.

**Entrevistador:** Bom, muito obrigado.

**Fonte:** Que é isso, de nada.

#### **Transcrição da Entrevistada 4 – Larissa Azevedo**

**Entrevistador:** Entrevista com Larissa Azevedo. Larissa, defina pra você o que é tatuagem.

**Fonte:** Tatuagem pra mim, não sei se por eu ter conhecimento científico, a história da causa, ela é mais que uma dor. Ela é como se fosse uma extensão da pele, uma extensão da personalidade do corpo. Às vezes eu sinto que não é que eu esteja colocando uma tatuagem no corpo que eu tô tirando a pele que tá em cima, a agulha. Então, a tatuagem, ela vai aparecendo, então pra mim ela é como se fosse uma extensão do que eu sou.

**Entrevistador:** Então você tem mais pele ou mais tatuagem?

**Fonte:** Por enquanto eu tenho mais pele, mas isso aí eu pretendo resolver em breve.

**Entrevistador:** Por que você fez tanta tatuagem? Pra começar, você tem quantas tatuagens?

**Fonte:** Eu tenho em média umas 30 tatuagens. Eu meio que parei de contar porque é uma conta que só eu entendo. Tem tatuagem que eu comecei, eu fui fazendo outros pedaços e fui juntando, então pra outras pessoas parece ser um desenho, mas pra mim eu sei que são vários desenhos em um, entendeu? E a minha média é de 30 tatuagens, e eu pretendo fechar o corpo, fazer mais, pra fechar as costas, fechar as pernas, os braços... fazer mais alguma aqui na barriga, e eu não sei porque eu tenho tantas, sei que eu só tenho vontade de fazer mais e mais e eu me sinto protegida com elas, assim. Sinto que sem elas eu não sou eu. Às vezes eu acordo no meio com um pesadelo que eu me vejo no espelho e não vejo nenhuma tatuagem. Eu acordo e olho, “meu Deus, tá aqui”.(risos)

**Entrevistador:** Por que será que se faz tanta tatuagem? Por que será que se faz tatuagem?

**Fonte:** Hoje em dia...

**Entrevistador:** Será que por moda?

**Fonte:** Eu acho que hoje em dia virou um pouco de moda, mas não uma moda como a gente vê assim... de vestuário, de comportamento. Eu acho que foi uma moda que tirou os tabus de muita gente. Eu acho que muita gente antes não fazia tatuagem porque o tabu era muito mais forte, e com o tempo o tabu foi ficando mais fraco e as pessoas puderam fazer tatuagens.

Então você vê... como eu tenho muitos amigos em estúdios de tatuagem, você vê clientes de 60 anos, 70 anos fazendo tatuagem. Coisa que eles falavam: “poxa, eu tenho o sonho de fazer tatuagem desde que eu tinha 30 anos e eu não podia.” Então assim, não sei se virou moda. Virou, algumas viraram moda. Realmente, os *kanjis* foram moda por muito tempo, tatuagem tribais, as fadinhas, estrelinhas. Mas, eu não sei porque assim... o porquê, realmente.

**Entrevistador:** Tatuagem é escrita?

**Fonte:** É. Tatuagem é linguagem. Tatuagem com certeza é linguagem. Então se é linguagem, pra mim é escrita. Se alguém pode ler...

**Entrevistador:** Escreve o que no seu corpo?

**Fonte:** Eu basicamente escrevo símbolos de proteção e força. Todas as minhas tatuagens, elas têm muito disso. Eu tenho tatuagens celtas que simbolizam proteção, simbolizam imortalidade da alma. Eu tenho caveiras, número 13... pra mim é isso. Eu escrevo muito proteção e força no meu corpo.

**Entrevistador:** Caveira não é tão símbolo de proteção na nossa cultura ocidental.

**Fonte:** Não, mas a caveira pra mim, ela simboliza primeiro igualdade e segundo aquela história do *memento mori*, né, “lembras que morrerás” e desapego, porque uma hora seremos todos assim, seremos ossos. Então a caveira pra mim, ela é isso, ela não é morte, a morte como uma coisa ruim, é a morte como um renascimento, como a carta da morte do tarô. A caveira pra mim é isso.

**Entrevistador:** Pra quem você tatua?

**Fonte:** Principalmente pra mim. Eu juro que realmente eu não tatuo pros outros. Eu me sinto até incomodada que as pessoas olhem muito. Muitas vezes eu ando coberta pras pessoas não olharem muito, porque é como eu falei; eu sinto que eu tô tirando a minha pele e deixando as tatuagens aparecerem, não o contrário. Então eu sinto como se as pessoas tivessem olhando minha nudez.

**Entrevistador:** Não seria um paradoxo tatuar os braços, tatuar as pernas e não querer que olhem?

**Fonte:** Eu acho que a força, a vontade é maior. O amor pelo desenho, pela tatuagem, pela arte é maior do que isso. Acho que é um conflito psicológico meu que um dos dois vence, e o que vence é a tatuagem.

**Entrevistador:** Defina tatuagem e pele. Você falou no começo.

**Fonte:** Pele pra mim é revestimento. É um órgão grande que pode ser adornado, e tatuagem pra mim, eu não considero uma segunda pele, considero a minha primeira pele. Então eu acho que tenho essa inversão de conceitos na minha cabeça.

**Entrevistador:** Como será que o outro lê suas tatuagens?

**Fonte:** Eu acho que como rebeldia.

**Entrevistador:** Você é rebelde?

**Fonte:** Pode-se dizer que eu sou de vanguarda.

*(risos)*

**Entrevistador:** É outro nome pra rebeldia?

**Fonte:** É... eu não chego a ser rebelde, mas eu sou de vanguarda. Em muitas coisas, assim. Eu moro sozinha, entendeu? Eu trabalho numa área em que a maioria é de homens. Eu comecei a fazer tatuagem pelos braços, isso numa cidade como Natal, você quase não vê. Sou uma das mulheres mais tatuadas daqui, então eu me considero de vanguarda. Eu sei que daqui a uns anos vão ter várias Larissas por aí. Mas, eu não acho que seja rebeldia. Eu acho que apenas eu enxergo as coisas de uma forma diferente.

**Entrevistador:** Tatuagem dói?

**Fonte:** Dói. Dói. É sangue, suor e lágrimas, como dizia meu professor de karatê.

**Entrevistador:** Se dói, por que fazer?

**Fonte:** Porque a dor é passageira, a tatuagem é permanente. A dor é como se fizesse parte de um ritual. Se você quer realmente aquilo, a dor não importa, né. Lógico que existe o biológico da coisa. Vai chegando um tempo, por exemplo, quanto mais velha eu vou ficando, mais eu sinto dor, e eu vou evitando sessões mais longas. Por exemplo, há uns 5 anos atrás eu aguentei uma sessão de 6 horas na perna. Hoje em dia eu não consigo aguentar uma sessão de 4 horas. Eu já peço pra parar, dou uma respirada. Mas assim, a vontade, acho que é tão grande que transcende isso. É como se fosse um rito de iniciação, um rito de passagem. Você tem que pagar pra poder ter. Então o pagamento da tatuagem é a dor. Pra você ter aquilo, pra você ter aquela proteção, que no meu caso é. Pra eu ter aquilo, o pagamento é a dor.

**Entrevistador:** Você acha que tá modificando seu corpo?

**Fonte:** Não, não acho.

**Entrevistador:** Você não tá formando outro corpo a partir do que você tinha?

**Fonte:** Não, eu acho que tô descobrindo o corpo que eu sempre tive e que não aparecia. Eu acho que eu sou assim. Eu, Larissa Azevedo, sou assim.

**Entrevistador:** Você não tá modelando outro corpo, moldando?

**Fonte:** Não, acho que moldaram outro corpo em mim. *(risos)* E eu tô botando o corpo de dentro pra fora. Eu sou muito espiritualista, então... espiritualista e espiritual, né. Então os irmãos do centro espírita disseram que eu tenho uma linhagem de caboclos, de índios muito grande, então eu sempre fui assim em todas as minhas encarnações. E eu acredito, porque, por exemplo, você falou da rebeldia; chegou uma época que eu fiz um monte de piercing. E fui

tirando. Fui tirando, fui tirando, e os sobraram foram justamente o piercing no nariz e o alargador na orelha, que são piercings que são, na antropologia você vê, na cultura indiana, os alargadores de orelha dos índios. Encaixa tanto que eu não consigo me imaginar de outra forma. Eu não consigo mais ver aquela Larissa de antes. Pra mim não era eu.

**Entrevistador:** Corpo e geografia. Dizem que a tatuagem tem locais específicos no corpo pra homem e pra mulher, relativo a gênero. Tem lugares no corpo que são mais adequados pra tal tipo de tatuagem... o que você acha a respeito disso? Você tatua em qualquer lugar, coloca a imagem em qualquer espaço?

**Fonte:** É, eu, como eu trabalho com design, eu gosto da simetria da coisa. Eu me incomodo um pouco se as tatuagens estão assimétricas. Fora isso, eu não me incomodo em tatuar, por exemplo, os dedos ou começar nos braços até antebraços, por ser lugar de tatuagem de homem, e não ter começado no pé, no tornozelo, uma fadinha. Eu, sinceramente, não acho que isso pra mim importe não.

**Entrevistador:** Não há gênero.

**Fonte:** Não, pra mim não há gêneros. Eu acho que é uma arte, e como toda arte, ela pode ser apreciada de qualquer forma. O que importa é o gênero.

**Entrevistador:** É assexuado?

**Fonte:** É. Pra mim é assexuado. É como ver um quadro de Picasso.

**Entrevistador:** E seu corpo foi tornando-se um outro corpo? Você falou que você descobriu seu corpo.

**Fonte:** É.

**Entrevistador:** Como você define esse corpo, ou como você define Larissa, a partir das tatuagens?

**Fonte:** Eu me defino uma pessoal mais espiritual, mais livre de apegos; me defino uma pessoa que se acha mais igual ao próximo, eu me defino uma pessoa mais ligada à natureza, mais ligada às raízes, à história, à cultura indígena, à cultura dos celtas...

**Entrevistador:** A partir das tatuagens?

**Fonte:** Sim, a partir delas. Eu me defino assim.

**Entrevistador:** Como você se cuida?

**Fonte:** Em relação à pele?

**Entrevistador:** A tudo. Como é que Larissa se cuida? Como é que Larissa cuida dela enquanto sujeito?

**Fonte:** Pouco. Agora, pouco.

**Entrevistador:** Da mente, do corpo, da alma.

**Fonte:** Eu já tive uma fase em que cuidei muito do corpo, fui uma atleta muito boa, até, e me prejudiquei por causa do exagero. Então hoje em dia...

**Fonte:** É como eu me cuido, né. Eu passei de uma pessoa extremamente preocupada com o físico e conforme eu fui tendo problemas de saúde por causa do exagero disso. Ser atleta, eu lutava, fazia musculação, fazia 10 tipos de luta e tive problemas com isso, então eu passei a olhar pra mim mesma por dentro, passei a ser mais espiritual e passei a tentar me conhecer mais. Eu passei a frequentar e estudar sobre o espiritismo, sobre o budismo, sobre diversas religiões. Eu já tinha interesse nisso, mas não tão forte como é hoje em dia, não tão intenso. Eu considero que não era muito verdadeiro. Hoje em dia eu realmente leio olhando o assunto que eu tô lendo pra usar pro meu bem. Pra usar pro meu crescimento espiritual, meu crescimento intelectual, mental, pra ser uma pessoa melhor pros outros. Pra tentar, como você diz, pra tentar aceitar esses olhares, saber responder. Antes eu ficava meio triste, meio cabisbaixa quando as pessoas olhavam com preconceito. Isso existe. É mentira dizer que não existe, mas hoje em dia eu sei responder melhor, sei me safar melhor dessa pressão que a sociedade ainda tem.

**Entrevistador:** Tatuagem tem sexualidade?

**Fonte:** Acho que tatuagem é muito fetiche. Quem disser que não, tá mentindo. Existe uma ligação muito grande, principalmente do homem pra mulher, entendeu? Muitos homens olham por causa da tatuagem e se interessam por causa da tatuagem. Muitos homens já me procuraram assim pra sair, porque era bacana mostrar que tá saindo com a menina tatuada. Tipo assim, “olha, eu sou descolado, eu tô saindo com a menina toda tatuada.” Mas, no final das contas, não mostrava, não apresentava ao pai e à mãe. Não namorava, não queria uma coisa séria, então é fetiche, porque é uma coisa que satisfaz momentaneamente. Mas, ainda é um tabu. Ainda é um tabu, agora é muito sexual.

**Entrevistador:** Eu volto à pergunta: como você lida com o tabu?

**Fonte:** Eu me incomodava, como eu falei. Eu já tive relacionamentos que duraram 2 anos, mas que não passaram prum namoro porque o cara tinha vergonha de andar comigo no shopping, porque todo mundo olhava, por exemplo. Então depois disso, depois que eu passei por esses 2 anos, que eu vi “poxa, eu tô sendo subjugada. Eu tô sendo subjugada e não preciso disso.” Então eu meio que deixei pra lá, liguei o botão, né. E fiz: “quem me quiser, agora vai ter que me querer do jeito que eu sou e vai ter que me apresentar pra pai e mãe do jeito que eu sou e vai ter que andar de mãos dadas comigo do jeito que eu sou.” Então foi um desses crescimentos espirituais que eu tive que passar. Antes eu me subjugava a isso, mas eu vi que não precisava. Não precisava.

**Entrevistador:** Alguma tatuagem dessas é passagem de alguma fase sua de vida pra outra?

**Fonte:** Tenho sim, tenho. Tenho várias, mas as duas mais importantes, essa daqui, “lovehurts”, que é “amar machuca”, foi justamente dessa coisa que eu contei agora, dessa pessoa que passou comigo 2 anos, disse que eu expliquei agora; que foi quando eu percebi

que amar sem ser correspondido machuca muito, então vamos tentar, a partir de hoje, não amar pra se machucar; e a minha terceira tatuagem, que é essa fênix aqui, o simbolismo dela já diz tudo. Eu passei por um problema muito sério de família, sério mesmo assim, de envolver polícia, envolver Justiça entre eu e meus pais, e ao mesmo tempo eu perdi muitas coisas. Perdi namorado, perdi banda, perdi casa. E consegui passar por isso, passar por cima, então nenhum momento seria mais apropriado do que agora pra eu tatuar uma fênix, que é o símbolo da ressurreição, e que eu realmente ressurgi das cinzas. E depois eu tatuei esses símbolos celtas que eram de proteção. Eu não sei se psicologicamente lá deve ter alguma coisa ligada a isso, primeiro o renascimento, depois a proteção; eu acho que eu não quero que isso aconteça comigo de novo. Ninguém quer que isso aconteça, aconteça uma coisa ruim de novo. Mas, eu acho que as duas principais são essas.

**Entrevistador:** Você tem alguma *cover* aí?

**Fonte:** Não, nenhuma. Nenhuma tatuagem eu cubri.

**Entrevistador:** Você cobriria algumas mais, delas, ou não? Já deu vontade de cobrir alguma?

**Fonte:** Eu tenho vontade de tirar uma de um lugar e botar em outro, mas como isso não é possível... porque eu escolhi o lugar errado. Eu tenho uma rosa nas costas, que ela me impede de fazer um mural indiano que eu quero muito fazer, uma deusa indiana que é a Durga, matadora de demônios, que é outra tatuagem de proteção; proteção e força. E essa tatuagem atrapalha, ela atrapalha o desenho, porque ela tá no quadrante das costas, bem no meio. Então eu não tenho vontade de tirá-la, porque ela pra mim, foi minha segunda tatuagem; eu fiz duas tatuagens no mesmo dia, então é a minha primeira segunda, é 1.2, mas eu gostaria hoje que ela estivesse em outro lugar, mas eu gosto dela.

**Entrevistador:** Não dá pra cobrir?

**Fonte:** Eu acho que não, porque é muito bem feita, a tinta é muito boa, escura, ficaria um borrão preto. Se tivesse que cobrir ela pra fazer esse mural, eu cobriria, mas faria ela de novo em outro lugar. Então não é que eu tenha vontade de me livrar dela, eu tenho vontade de mudar o lugar dela. Como não é possível...

**Entrevistador:** Eu peguei algumas frases de alguns sujeitos. Como, por exemplo: “eu não tenho mais sangue, eu tenho tinta”; tem outro: “eu não tenho mais pele, eu sou um mural”. Tem outros também, não sei se é um quadro de Da Vinci... foi um outro autor. Mas, as pessoas se intitulam. Como você se intitularia? Como é que Larissa intitula a pele dela, uma vez que eu estudo pele?

**Fonte:** Eu diria que eu estou tirando a casca da minha pele. Cada tatuagem nova que eu faço, eu tô tirando a casca que envolve a minha verdadeira pele, que é essa. É essa daqui, colorida. Então, essa sou eu. Eu sou uma pessoa tatuada com a pele não-tatuada por cima, que aos poucos eu tô tirando.

**Entrevistador:** Sua verdadeira pele é a tatuagem.

**Fonte:** É. Essa é minha verdadeira pele.

**Entrevistador:** Tudo bem. Algo mais que você queria dizer?

**Fonte:** Se tatuem todos. (*risos*)

**Entrevistador:** Muito obrigado.

**Fonte:** Vamos todos ser velhinhos tatuados.

### **Transcrição do Entrevistado 5 – Zilmar Júnior**

**Entrevistador:** Hoje são 6 de agosto. Conversa informal com Zilmar Júnior. Bom, Júnior, a primeira conversa e a primeira pergunta. Como você eterniza suas histórias de vida?

**Fonte:** Eu acho que assim: a maioria das pessoas dizem, falam que tatuagem é uma coisa que é eterna. Minha mãe falou uma frase muito engraçada: “você tem que lembrar que isso é pro resto da vida”. Mas tudo que você faz na vida é pro resto da vida. A única diferença entre a tatuagem e outra coisa, tipo: se eu lhe fizer um mal ou um bem; vai ser pro resto da vida, ele só não tá marcado no meu corpo. Eu só, talvez, não lembre dele diariamente, por ver; mas vai estar marcado pro resto da vida. Um livro que você escreve é pro resto da vida. Um filho que você tem é pro resto da vida, pelo menos teoricamente. Eu sempre fiz essa diferença assim. A tatuagem é uma coisa igual a qualquer outra coisa na vida. É pro resto da vida, a única diferença é que ela tá ali, ela tá implícita em você, não vai ter como você esquecer que ela existe, até porque alguém vai sempre perguntar: “e essa tatuagem? Por que esse desenho?”, né? Porque as pessoas têm a curiosidade de tentar saber por quê o desenho, né. Eles esperam uma história, uma coisa que justifique você ter feito aquilo, até porque pra muitas pessoas é uma agressão. Então eu acho que assim, é como você marca a sua vida de qualquer forma. É como você ter feito uma cirurgia que vai ficar pro resto da vida, uma cirurgia histórica na sua vida, uma viagem maravilhosa que você conheceu um lugar que você sonhava. Aquilo vai ficar o resto da vida, só que você vai lembrar dela em lances, em flashes. Não vai ser como a tatuagem, que tá ali implícita em você todos os momentos da sua vida. Se bem que eu, particularmente, eu só lembro que eu sou tão tatuado quando alguém comenta. Assim, eu não me olho no espelho vendo sempre a tatuagem. Eu sempre me vejo... eu não consigo olhar, quando alguém diz “nossa, você tem tanta tatuagem”, aí é que eu “é mesmo, eu tenho muita tatuagem”, mas eu não me vejo sempre com aquela tatuagem, com aquele estigma que as pessoas têm quando vai fazer tatuagem: “e você não tem medo de se arrepender?”, que eu acho que é a pergunta chavão...

**Entrevistador:** Todos fazem.

**Fonte:** Todos fazem. “E você não tem medo de se arrepender, de enjoar?”. Então eu acho que vem muito disso, acho que é uma marca, só que é uma marca de pele, mas é uma marca como qualquer outra coisa que você faz na sua vida, que também fica a marca.

**Entrevistador:** Então eu vou te perguntar: e se você se arrepender?

**Fonte:** Se eu me arrepender?

**Entrevistador:** Sim.

**Fonte:** Eu acho assim... eu comecei a me tatuar já numa fase bem adiantada da vida, eu já não era adolescente. Eu não gostava de tatuagem, não era uma coisa que me enchia os olhos, de ver as pessoas e “ah, eu vou fazer tatuagem”. Tinha vários amigos, quase todos os meus amigos eram tatuados, mas eu não tinha vontade de fazer, até quando realmente me deu a vontade. A primeira que eu fiz foi em homenagem a um personagem que eu tenho e eu tava fazendo 10 anos de trabalho e eu achava que tinha que dar tipo uma pincelada de agradecimento àquilo; porque todas as minhas tatuagens, as minhas, todas têm uma história. Todas. Todas tiveram algum momento da minha vida, mas eu não consigo me ver me arrependendo disso. Não é algo, mesmo que eu chegasse... eu não gosto de usar a palavra “arrependido”, mas se eu chegasse a enjoar, não seria algo que me deixasse desconfortável, acho que eu encararia “ah, foi bom na época, hoje não tem tanta importância”. Não seria algo que me tiraria do foco assim de... como tem gente, por exemplo... eu não consigo me ver fazendo um laser ou alguma coisa, tirar, ou porque tá me deixando mal ou tá me colocando em situações difíceis. Não, não consigo ver tatuagem desta forma.

**Entrevistador:** Você cobriria? Faria outra por cima?

**Fonte:** Não. Nenhuma das minhas. Porque todas as minhas tatuagens, além delas serem muito implícitas, o motivo delas, todas são muito suaves. Eu sempre tive uma vantagem muito grande, mesmo na época que eu usava, eu já usei muito piercing, teve uma fase que eu usava piercing, num sei que, num sei que. E tinha um visual um pouco mais externo, mas as tatuagens sempre foram muito lúdicas. Sempre são coisas muito infantis, tanto é que as crianças gostam. Por quê? Porque são muito coloridas, eu tenho muita cor... os desenhos são todos desenhos animados, com exceção da minha do peito, que é um caso à parte, mas todas são desenhos animados. Então assim, eu nem consigo ver uma tatuagem que eu tenho que teria vontade de cobrir, se eu tivesse, e qual seria o outro desenho. Não é algo que me passe pela cabeça.

**Entrevistador:** Júnior passou por muitos experimentos. Você escreve em diário, você escreve em livro, você escreve em agenda, você escreve em Facebook, em alguma mídia social, você escreve no corpo? Você escreve onde, o que você passa?

**Fonte:** Eu sempre fui muito ruim pra essas coisas, até mesmo com meu trabalho. Eu trabalho há muitos anos um trabalho que eu teria como obrigação documentar as coisas, porque você sabe que é muito importante você documentar tudo que você fez, e eu nunca tive esse cuidado de documentar nem de escrever. Eu agora, eu sou meio burrinho pra rede social. Eu ainda arranho no Facebook, aí eu gosto de vez em quando escrever algumas coisas, mas eu não me vejo como uma pessoa que escreve algo muito significativo, como tem pessoas que tem cadernos de escritas, que marcam as coisas em páginas ou textos... não. As minhas coisas são mais das coisas diárias. Eu tenho mania, por exemplo, de escrever das coisas diárias. Tipo, eu

gosto de postar coisas no Face, às vezes coisas bestas, mas que tenha um significado. Talvez a pessoa que leia nem entenda: “que coisa disléxica, esse texto”, mas teve um significado. Mas, de redigir mesmo, de ter um histórico, nunca fui uma pessoa voltada pra isso.

**Entrevistador:** Você não intitula que essas tatuagens, elas são registros de suas experiências.

**Fonte:** Não.

**Entrevistador:** Seus experimentos?

**Fonte:** As tatuagens são. Todas são de momentos muito importantes da minha vida, todas. Todas foram. Tanto é que todas elas são alinhavadas pelo mesmo desenho que eu tenho que são estrelas, eu tenho 363. Então quer dizer, é um desenho que eu gosto muito desde a infância. Minha mãe comenta que eu criança assim, o caderno sempre tinha o desenho de uma estrela, que eu desenhava na carteira, eu desenhava na parede. Sempre foi um desenho que me acompanhou muito, o desenho da estrelinha. Estrelinha normal, uma estrelinha não é a estrela de ser uma estrela do *star* não. Quando eu falo estrela, é o desenho da estrelinha mesmo normal de 5 pontas; mas eu acho que, por exemplo, no meu corpo são sim, mas, por exemplo, para as pessoas que sabem o que aconteceu. Por exemplo, eu tenho tatuagens específicas que são... uma que é uma grande vitória que eu tive; outras de paixões que eu tenho; tem uma que foi em homenagem a esse meu personagem, que é do que eu me mantenho até hoje, então não deixa de estar escrito. Não é nem estar escrito, não deixa de estar... catalogado em você, né? Alguém vai saber, um dia. Por exemplo, não vai precisar eu escrever um dia que a tatuagem do peito foi por este motivo, porque se alguém perguntar “por que você tem isso no peito?”, aí eu vou dizer “por isso, isso e isso”. Então termina sendo quase que uma leitura instantânea, que não é documentada em papel nem em páginas de internet nem nada, é documentada em você, e que cada vez que alguém perguntar, indagar, você vai falar... ou, se não perguntar, se um assunto em comum surgir, você vai falar, porque é muito normal que as pessoas falem do significado de suas tatuagens, né? Principalmente quando é uma tatuagem que tem um desenho ou uma frase que deixe a pessoa meio interrogativa, “por que aquilo?”. Então eu acho que realmente, como você tá dizendo, fica catalogado, mas sem ser nada escrito, e acho que é a forma mais eterna de ser catalogado, porque a tatuagem a gente esquece, mas quem vê é incrível como as pessoas lembram de tatuagem.

**Entrevistador:** Você passa por esses momentos, tatua, escreve na pele? Você acha que você se fortalece após esse registro? Você encara a sociedade ou você encara os momentos com mais fortaleza, depois que você tem esse momento impresso na pele?

**Fonte:** Eu acho que é uma forma que você tem de você mesmo lembrar que você conseguiu vencer aquilo. Por exemplo, de todas as minhas tatuagens, a mais importante que eu tenho é a de um câncer que eu tive. Então por exemplo, ela não me deixa esquecer que eu passei por aquilo. E eu aprendi que a gente não pode... às vezes a gente tem o costume de dizer assim: “eu quero esquecer tal coisa”. A gente não pode esquecer as coisas ruins. Porque quando a gente perde o foco e esquece as coisas ruins e só lembra das coisas boas, a gente começa a não ficar mais preparado para experimentar nada do que vier pela frente. Tá entendendo?

**Entrevistador:** Hunrum.

**Fonte:** Tem uma frase de um antigo patrão meu que tinha na empresa quase toda, essas plaquinhas que eles colocam, e eles colocam em todos os setores e eu sempre tive isso na minha cabeça: “prepare-se para o pior, porque se o melhor vier, você estará no lucro.” Então quer dizer, eu acho que você tendo isso marcado no seu corpo... algumas vezes você faz, por exemplo, eu tenho uma que foi pra tipo, como se fosse pra simbolizar o agradecimento que eu tinha por um trabalho, num sei que, eu quis eternizar isso no meu corpo, mesmo sabendo que você paga um preço muito caro. Você paga um preço muito caro, você sendo tatuado. Não só o preço do preconceito, mas o preço também de ser reconhecido, de ser confundido. É muito arbitrário, mas você é muito reconhecido e você também é muito confundido, né? Porque hoje em dia, por mais que as pessoas digam que... eu sempre vejo documentários, as pessoas “ai não, a tatuagem hoje é uma coisa muito normal, quase todo ator tem, quase todo cantor tem”; mas o ator tem, o cantor tem, mas o ator, o cantor, ele não pega o ônibus pro subúrbio, tá entendendo? Ele não anda na rua de madrugada sozinho, ele não é pego numa batida de polícia... então a tatuagem do ator, do cantor, que tem o corpo inteiro tatuado, ela tem um outro significado. Ele nunca vai se ver numa situação que eu posso me encontrar, né? Eu já viajei aqui pro interior, quando eu viajava fazendo show, numa blitz da polícia – até comentei isso esse final de semana com uns colegas – e o policial mandou que só eu descesse do ônibus. Só desceu eu do ônibus, pra revistar. Quer dizer, então são coisas que eu sempre digo; quando alguém quer se tatuar, eu sempre digo: “é bom você saber se é isso que você realmente quer”. Porque não é só um desenho no corpo, você tem que ter uma estrutura muito forte pra carregar isso, porque parte desse princípio. Por exemplo, a religião acha que porque você tem uma tatuagem, você não pode, você não é uma pessoa religiosa; se você tem tatuagem, você não é uma pessoa que... já vem quase embutido que você usa droga, que você bebe, que você vive de balada. Ninguém acha que você tem tatuagem e você come tomate, vai à praia e gostar de ler. Ninguém. Ninguém acha isso de uma pessoa tatuada, as pessoas sempre vão achar exatamente o estereótipo, né. Então são muitas vertentes, você tem que ter muito cuidado, principalmente quando você é muito jovem, né? Por mais que diga-se que o preconceito tá acabando, mas você é jovem, você tá começando uma vida. Você precisa trabalhar, você precisa se apresentar nos lugares. E as pessoas ainda prezam muito por isso.

**Entrevistador:** Pela imagem.

**Fonte:** Pela imagem. As pessoas ainda prezam, é incrível. Essa semana eu tava vendo um programa da Fox e tava vendo como uma coisa que chega a ser até um pensamento meio arcaico, mas como a beleza é importante, como você é melhor tratado se você for bonito, se você for bem vestido. Se você chega numa lanchonete e você é um cara bonito e tem um cara menos bonito, menos bem vestido, parece que a pessoa lhe trata de uma forma diferente. Salvo exceções, claro. Mas, numa regra geral, sempre é assim. Então quer dizer, você tem que pensar nisso, porque hoje com essa onda de criminalidade que tem; a tatuagem, ela se popularizou e ao mesmo tempo se vulgarizou, porque hoje em dia não são profissionais fazendo tatuagem, qualquer pessoa faz. Eu lembro que aqui na rua que eu moro tem um menino que fazia na calçada. Com a maquininha na calçada, tatuando os outros meninos da rua. Então quer dizer, é uma coisa que tem profissionais top de linha? Tem sim; mas também

qualquer pessoa pode fazer. Então ela se popularizou e ao mesmo tempo se vulgarizou também. Isso traz um estigma muito grande pra quem é tatuado.

**Entrevistador:** Que verdade você constroi ou que você acredita que você segue?

**Fonte:** Eu sempre fui uma pessoa muito religiosa, só que eu sou ainda muito... eu sempre digo assim, que eu gostaria de ter uma fé mais fortalecida. E tudo que eu faço eu tento construir assim. Eu aprendi depois de muito tempo... hoje eu tô com 45 anos, você vai aprendendo as coisas depois de um certo tempo, porque na minha adolescência, quando você começa a trabalhar, você começa a fazer as coisas, você não comede muito se você está ferindo a outra pessoa, o famoso “passar por cima”. Quem nunca passou por cima de alguém? Todo mundo passou, alguma vez. Não existe esse que nunca passou. Tudo bem, você pode não ter passado de uma maneira errada, má, mas você passou. Até na escola, naquela forma de tentar fazer o seu trabalho melhor não porque você quer uma nota melhor, mas pra superar o de Joãozinho, que é seu amigo, mas você quer fazer melhor que o dele. Isso era uma forma de passar por cima da pessoa. Então você querendo ou não, você sempre faz isso. E eu tentei sempre levar minha vida, tanto o profissional quanto o pessoal, assim. Sem tentar machucar as pessoas. Eu sempre digo a todo mundo, aos meus amigos, à minha família, eu sempre digo: “erro ruim é aquele erro que prejudica o outro”. Se não prejudica o outro, não é erro, é você que tá fazendo e é alguém que tá achando errado? É a posição da pessoa, mas a sua não é. Agora se você prejudica um terceiro, aí a coisa é meio pesada. Então eu sempre tentei levar por esse lado, pelo lado de que a coisa tem que ser feita da maneira mais honesta possível.

**Entrevistador:** Como você cuida de si?

**Fonte:** Por incrível que pareça, eu sou muito cuidadoso e sou muito medroso também. Eu sou muito assustado com tudo. Por exemplo, eu sou muito assustado com doença. A gente tava conversando agora, eu e esse meu amigo. Eu me debilito muito com doença, é uma coisa que me deixa muito fora da minha zona de conforto, porque eu tenho muito medo de doença. Minha família inteira é da área de saúde, eu sou da área de saúde, então já convivo muito com doença. Eu sou muito temeroso com doença, eu tenho muito cuidado com a alimentação. Às vezes eu brinco assim, eu falei isso várias vezes esse final de semana, eu disse: “gente, eu não entendo. Eu não bebo, eu não fumo, me alimento bem, faço atividade física e adeço. Eu vejo esse pessoal que fuma, bebe, farreia e não adoce. Não dá pra entender como é.” Isso pra mim realmente é uma incógnita, mas eu me cuido muito assim. Por exemplo, eu procuro... eu sempre fiz atividade física, minha vida inteira eu sempre fiz muita. Procuro fazer uma alimentação... e eu sempre fiz isso, nunca foi pensando em... numa estética. Eu sempre tive muito medo de velhice. Velhice é uma coisa que me assusta, acho até que mais do que morte. Sempre tive muito medo da velhice. E eu sempre pensei assim, eu dizia “acho que se você tem que envelhecer, que seja de uma forma saudável. Você seja um velho que não seja um estorvo pra outra pessoa”. Hoje a gente já não vê mais, porque a qualidade de vida das pessoas melhorou muito, mas antigamente você via uma pessoa de 60 anos já era uma pessoa abandonada num quarto, numa casa, num quatinho... e alguém ia lá, dava um remédio, dava num sei o que... então quer dizer, o meu cuidado comigo mesmo foi mais pra que eu tivesse uma qualidade de vida, ter uma velhice mais tranquila, porque eu acho que já é muito difícil,

principalmente a gente que vive só no mundo. Tem família, mas por exemplo, não constituiu família. Uma coisa é você ter família, outra é você construir família, né. E, teoricamente, seus pais morrerão antes do que você e você pode terminar sozinho. Se você não construiu, você não vai ter alguém que cuide de você. Teoricamente falando, você não construiu o lugar, alguém que cuide de você, então eu sempre me cuidei pensando nesse sentido. Nunca bebi, nunca fumei... não tenho nada contra, assim. Não uso droga, nunca usei, mas também não tenho nada contra quem faz. Só nunca foi nada que me atraiu, não é coisa que me enche os olhos. Apesar de ter essa profissão, de trabalhar com esse tipo de público, de ter tatuagem, ter um estereótipo que as pessoas imaginem esse tipo de coisa, mas eu nunca... então meu cuidado é mais por isso mesmo. Acho que é por isso que quando eu tenho gripe, uma coisa assim, eu já fico tão abatido, tão... acho que me abala mais psicologicamente do que fisicamente mesmo. Mas, eu termino, mesmo com o psicológico abalado, o físico também responde da mesma forma.

**Entrevistador:** Será que a tatuagem não é também cuidar de si? Você não cuida de si também com as tatuagens?

**Fonte:** Ah, com certeza. Com certeza, eu acho que é. Porque você querendo ou não, as pessoas dizem assim: “ah, eu fiz minha tatuagem pra mim”. Foi, foi pra você. Mas, é um adorno. A tatuagem é um adorno. A tatuagem é algo que você faz pra que alguém ache bonito, pra que alguém ache interessante, né? Eu acho que é um cuidado sim, tanto é que você vê, por exemplo, você não vê tantas pessoas... a maioria das pessoas que você vê com tatuagens são pessoas que são esteticamente bem mais cuidadas do que as outras. Você não vê uma pessoa muito mal cuidada com tatuagens no corpo. Geralmente a tatuagem, ela lhe incentiva a que você tenha um cuidado, que você tenha uma pele boa. Por que? Porque você pintou algo que vai ser visto. Porque você não estar com ela coberta 24 horas, você vai ser visto. É a mesma coisa de uma peça que você comprou. Se você comprou uma peça linda de vidro e você coloca essa peça em cima de um tamborete, ela não vai ter valor nenhum. Você vai procurar uma mesa bonita pra colocar ela, pra que se valorize a beleza da peça. Então eu acho que o cuidar do corpo é também em virtude de ter a tatuagem, e vice-versa; ter a tatuagem também cuida do corpo, eu acho que faz uma contrapartida, uma coisa com a outra.

**Entrevistador:** O que é pele pra você?

**Fonte:** Pele tem muito significado, se a gente for analisar. Contato de pele pra pessoa, de pele pra... falar primeiro da questão lógica da pele, né? A pele. Eu já escutei isso, “alguém tem uma pele muito boa pra tatuagem”, “nossa, a tatuagem de fulano fica linda na pele dele”, “fulano nunca fez um retoque de tatuagem, a tatuagem é linda”, tá entendendo? E eu acho que a pele é o único lugar que você tem que você pode até voltar àquela pergunta que você fez no início. É o único lugar que você pode escrever algo sobre você. A pele é uma página em branco. Aquele é o único lugar que você vai escrever que ninguém pode impedir você de escrever e ninguém vai deixar... você vai ter como mostrar algo que de outra forma você não conseguiria. Eu não consigo, sinceramente... como é que você vai escrever num livro algo que fez parte da sua vida e depois? O livro se perde, se vai. Não vai ficar muito tempo. E ali não, tá em você. Até seu último momento ela será vista e será comentada e será lembrada.

**Entrevistador:** Como você escolhe o lugar pra tatuar?

**Fonte:** Eu comecei pelo braço, e os dois braços eu fiz seguidos. Aí fiz a barriga, que eu tenho muita vontade de ter tatuagem na barriga, por ser um lugar inusitado. Quase ninguém tem tatuagem na barriga, a não ser que seja extremamente tatuado. Se for uma pessoa extremamente tatuada, ela tem tatuagem na barriga, mas se não for uma pessoa que tenha tatuagens esporádicas, tipo 5, 6 tatuagens, ela não terá uma tatuagem na barriga, não é um lugar que você tatua. E assim, eu procurei fazer sempre com que os desenhos tivessem ligações, eles todos têm uma certa ligação.

**Entrevistador:** Harmonia.

**Fonte:** É, uma harmonia. Eles têm um elo entre eles, não é simplesmente uma tatuagem. Por exemplo, eu não tenho tatuagem tribal porque eu não gosto, é um estilo de tatuagem que eu não gosto. Mas, digamos que se eu tivesse um tribal num lugar e noutro lugar uma borboleta, eu acho que não me sentiria bem, eu acho que estranharia. Eu acho que tem que ter uma certa harmonia, uma certa... tanto nos desenhos quanto nos lugares. Eu comecei realmente acho que pelo lugar que geralmente todo mundo começa, que é o braço, né. Eu fiz o braço aí depois o outro braço, aí fiz a barriga... aí fiz as costas, aí fiz essa na minha perna. Aí fiz o peito.

**Entrevistador:** A tatuagem tem função de belo?

**Fonte:** Acho que tem, muito. Eu acho que antes de qualquer coisa... eu vou falar isso, mas eu vi ontem à noite. Eu vi num programa pessoas que fazem tatuagens que não são bonitas. Elas não têm bons traços e elas não são tatuagens bonitas, não são desenhos bonitos e nem bem feitos. Tem um nome que eu não lembro agora, mas que eles denominam esse tipo de tatuagem. Uma tatuagem que realmente ela é mal feita. Ela tem uma denominação lá, que ela é mal feita, tem um risco mal feito, ela é um desenho feio. Agora eu não, eu sou muito ainda pela estética, por ser bonito, por ser uma coisa bonita aos olhos de quem vê, ser lúdico realmente. Acho que a tatuagem é uma coisa lúdica.

**Entrevistador:** Então você também faz para o outro?

**Fonte:** Faço. Eu acho que qualquer coisa que você faz, você nunca faz só pra você. Nunca. Nem uma camiseta, quando você tá numa loja comprando uma camiseta, você não tá comprando uma camiseta só pra você. Você tá comprando no seu gosto, mas você tá comprando pra que o outro goste também. Tanto é que às vezes você foge de um padrão que você nem gosta pra usar porque é a onda do momento, então eu acho que é pro outro sim. Eu nunca concordei com isso de “ai, minha tatuagem foi pra mim”. Não. É pra você, lógico que é, mas também é pro outro.

**Entrevistador:** Como os outros definem você a partir da tatuagem? Como você acha que os outros definem?

**Fonte:** Eu acho que por eu ter tatuagens mais, como eu já falei, mais coloridas, mais infantis, até meio ingênuas, as pessoas ficam no meio termo. Ela não é vista de uma forma tão negativa. Mas, ainda é, porque eu sou um homem grande... e por exemplo, eu tenho piercing,

e geralmente eu ando muito sem camisa, então a tatuagem fica muito vista. Por exemplo, você tá no ônibus com uma camiseta que por acaso apareça a tatuagem. Vem uma pessoa, ela não senta do lado. Então eu acho que isso já é uma forma de como as pessoas me veem. Às vezes eu penso: “se a pessoa faz isso comigo, que tenho uma tatuagem que, entre parênteses, não oferece risco a ninguém, imagine se ela vir uma pessoa com uma tatuagem de uma coisa muito negativa. Sei lá, uma caveira, um desenho que imprima um certo medo”. Mas, pelo tempo que eu já tenho, como muita gente já me conhece por causa das tatuagens, acho que eu fiquei muito conhecido por causa das tatuagens, eu acho que as pessoas veem com uma certa leveza. Eu não vejo tanto problema não, mas eu acho que por morar numa cidade pequena, por ser já muito conhecido pelas tatuagens, isso faz com que as pessoas vejam com uma certa leveza.

**Entrevistador:** E como você se vê?

**Fonte:** É como eu falei, eu não me vejo como uma pessoa extremamente tatuada. Eu me vejo normal, eu me vejo uma página em branco só com pontos de marcações de coisas que aconteceram. Eu não vejo esse desenho no meu corpo que o povo... “não sei quanto por cento tatuado”, num sei que. Não, eu vejo como “aquele isso”, “aquela isso” e pronto.

**Entrevistador:** Se você fosse definir, você olhando as tatuagens, se você fosse definir a partir do colorido do seu corpo, você seria quem? Olhando você, olhando a sua tatuagem.

**Fonte:** Se eu visse de fora, né?

**Entrevistador:** É. Como você acharia que você era?

**Fonte:** Se eu visse uma pessoa com as tatuagens que eu tenho, eu não tendo tatuagem, não tendo olhos de preconceito, eu não viria a tatuagem como um marco de situações, porque as tatuagens... elas têm, por exemplo, eu tenho desenhos como a Mulher Maravilha e uma Carmen Miranda, mas eu acho que eu logo viria que era alguém ligado à arte. As minhas tatuagens deixam muito claro que é alguém ligado à arte. Televisão, teatro, dança, música. Acho que minhas tatuagens são muito voltadas a esse universo de arte

**Entrevistador:** Essas histórias que encobrem sua pele lhe transformam numa tela, transformam sua pele numa tela, te prepara para lidar melhor com o outro?

**Fonte:** Eu acho que tatuagem nesse sentido é mais individual. Eu não consigo ver assim, que a tatuagem vá fazer com que eu trate o outro de uma forma melhor ou pior. Eu acho que ela tem um efeito muito grande sobre você no momento que você faz, no momento que você lembra, do que você passou, mas acho que ela não interfere na sua correlação com outra pessoas. Senão as pessoas que não têm tatuagem não teriam sinergia com as outras pessoas. Então eu acho que assim, no meu ver a tatuagem não me dá aval de tratar alguém de uma forma diferente ou de me relacionar diferente porque eu tenho tatuagem, não. Acho que nesse caso ela é... o desenho eu acho que você faz até pensando em alguém, mas a intenção eu acho que é só sua.

**Entrevistador:** A pele que você tinha antes da tatuagem te agradava?

**Fonte:** Agradava. Eu sempre fui muito tranquilo. Eu não fiz tatuagem por revolta, não fiz tatuagem pra ser diferente, pra chocar, pra nada não. Antes eu não tinha tatuagem e também...

**Entrevistador:** E por que você adornou?

**Fonte:** Pra fazer marcas de momentos que realmente precisavam ser documentados. Foi só por isso, eu não tenho tatuagem, como se diz, estética, só. Simplesmente sem nenhuma história.

**Entrevistador:** Por fim, defina a sua pele. A sua pele tatuada.

**Fonte:** Hoje eu acho assim... as pessoas perguntam “ah, você ainda vai fazer outra tatuagem?”. Eu nunca programei tatuagem, “ah, eu tô pensando em fazer ano que vem uma tatuagem, num sei que”. Não. As minhas tatuagens são sempre feitas devido a algo que aconteceu. Então hoje assim, a minha pele tatuada me faz lembrar de coisas muito boas, até coisas ruins, mas se transformaram em coisas boas na minha vida, mas que tão ali simplesmente como marcas e lembretes daquilo que aconteceu, pra que aquilo não passe em branco. Não pra ninguém, mas pra mim. Porque pra pessoa não passa em branco nunca, alguma pessoa sempre vai perguntar sobre alguma coisa, você sempre vai contar algum problema que você teve na infância, preconceito, bláblábláblá. Mas, pra você mesmo, pra que você lembre diariamente que você tinha aquilo gravado em você.

**Entrevistador:** Você ainda vive com preconceito?

**Fonte:** Eu brinco que... uma vez teve um menino que veio fazer um trabalho comigo aqui, disse que tem um professor da universidade que não aceitava mais trabalho que fosse com meu nome, porque já tinha muitos lá. Todo mundo que chegava lá tinha feito entrevista com Júnior, que é a Shakira, num sei que, num sei que. E o menino falou que foi até de um documentário que ganhou um festival em Curitiba, isso é muito interessante, e ele falou assim...

**Entrevistador:** No DEART?

**Fonte:** É. Pronto. Aí aquele trabalho eu ia fazer sozinho, depois ele resolveu fazer com outras pessoas, que eu falei pra ele: “olha, eu sou de uma geração muito antiga. Seria bom que você mostrasse isso da minha geração, mas que mostrasse da sua também. Que mostrasse outros artistas mais recentes, que veem as coisas de forma diferente.” Porque eu sou de uma época que a gente não entrava em... primeiro a gente via no teatro, a gente não vinha da noite. A gente ia pra noite porque era uma forma de ganhar dinheiro, mas a gente vinha do teatro. Então, voltando ao assunto, ele dizia que o professor dizia: “é engraçado, que esse menino toda entrevista ele fala que não sofreu preconceito”, mas eu não posso falar. Lógico que aqueles pequenos preconceitos de você passar na rua, alguém soltar uma piada ou dizer uma brincadeira, isso sempre vai ter. A gente intitulou muito o preconceito, deu muito valor ao preconceito, por isso que ele tomou essa proporção tão grande.

**Entrevistador:** Porque também depende muito da gente, né?

**Fonte:** É. Também depende muito de como você encara. Às vezes você desarma o preconceito. Então eu, por exemplo, eu devo sofrer preconceito. Não, eu sofro preconceito, claro. Assim, na questão de ser um homem que se veste de mulher, que a minha profissão é me vestir de mulher. No meio que eu vivo mais ainda, porque fica difícil até você ter uma relação, porque entre homens gays, não vai ser uma opção sua você namorar caras *dragqueen*, não é? O estereótipo é namorar um cara que seja qualquer coisa, menos *dragqueen*. É um preconceito? É. Mas, eu acho que é porque eu não dou muito predicativo pro preconceito, eu não dou muita chance, assim, dele crescer e ser uma coisa que me incomoda. De dizer assim “ah, porque eu tô abatido porque ninguém quer ter nada comigo porque eu me visto de mulher ou porque eu tenho tatuagem, ou porque num sei que...” eu não dou esses predicativos ao preconceito. Eu acho que é por isso que eu lido tão bem com o preconceito, que às vezes termino nem vendo, nem tendo noção dele.

**Entrevistador:** Não tem a dimensão que deveria ter.

**Fonte:** Exatamente. Às vezes eu acho que não tenho a dimensão dele. Ele existe, lógico que existe. O preconceito existe, mas eu não tenho a dimensão, e não tendo a dimensão eu não dou muito valor. Então não dando muito valor, ele não vai ter muito espaço na minha vida, não é uma coisa que me incomoda, que eu possa dizer assim “ah, eu sofri preconceito”. Eu me lembro quando eu fazia esses eventos de ONGs daqui, as palavras de ordem era muito sobre preconceito, sobre homofobia, eu dizia “gente, o que eu vou falar disso se eu não tenho conhecimento de causa disso?” Nunca passei por isso, não sei o que é isso. Agora também eu sei que tive uma postura muito... por exemplo, minha postura sempre foi muito normal, mesmo sendo gay, mesmo sendo *dragqueen*. Eu sempre andei no meu bairro, saindo daqui, em cima da minha casa, do apartamento, mora uma senhora evangélica. Eu saio aqui à noite pra trabalhar, já saio vestido de mulher, ela “tchau, Júnior, bom trabalho. Vá com Deus.” Então acho que tem muito disso de como você mostra as coisas pras pessoas, elas começam a de repente ver que realmente aquilo não é nada, não vai fazer de você menos ou mais por causa daquela opção que você fez ou por causa daquele trabalho que você tem. É a mesma coisa de você não gostar de alguém, por exemplo, jamais você vai... eu jamais vou interrogar você e dizer “ai não, mentira. Você é dentista?”, mas eu vou dizer “ai menino, num acredito não. Tu é coveiro?” Né? As pessoas acham que tem profissões que elas só foram agregadas porque não tinha nada pra fazer, aí virou coveiro. Porque ninguém escolhe ser coveiro, ninguém escolhe ser coveiro, ninguém escolhe ser empregada doméstica. As pessoas têm esse pensamento, né, que todo mundo quer ser médico, dentista, engenheiro ou alguma coisa nesse sentido. Então essas profissões que estão de mediana a baixa, elas são meio que inferiorizadas. Então eu acho que tem muito disso, mas eu, particularmente, eu não tenho muito a reclamar de preconceito não.

**Entrevistador:** Tá bom. Muito obrigado pela sua disponibilidade.

**Fonte:** De nada, eu que agradeço a você.